



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO CURRÍCULO, LINGUAGENS E
INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS

LAUDICÉLIA SOUZA REIS MOREIRA

TEORIAS E PRÁTICAS PSICOMOTORAS: UMA PROPOSTA
DE FORMAÇÃO PARA OS COORDENADORES DA EDUCAÇÃO
INFANTIL DO MUNICÍPIO DE IRECÊ

Salvador

2017

LAUDICÉLIA SOUZA REIS MOREIRA

**TEORIAS E PRÁTICAS PSICOMOTORAS: UMA PROPOSTA DE
FORMAÇÃO PARA OS COORDENADORES DA EDUCAÇÃO
INFANTIL DO MUNICÍPIO DE IRECÊ.**

Projeto de intervenção apresentado à Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Educação: currículo, linguagens e inovações pedagógicas.

Área de concentração: Currículo

Linha de pesquisa: Formação de Professores.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Kátia Alves dos Santos.

Salvador

2017

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Moreira, Laudicélia Souza Reis.

Teorias e práticas psicomotoras : uma proposta de formação para os coordenadores da educação infantil do município de Irecê / Laudicélia Souza Reis Moreira. – 2017.

162 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Kátia Alves dos Santos.

Projeto de intervenção (Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas) - Universidade Federal da Bahia Faculdade de Educação, Salvador, 2017.

1. Psicomotricidade. 2. Educação pelo movimento. 3. Coordenadores educacionais – Formação. 4. Educação de crianças. 5. Professores – Educação (Educação permanente). I. Santos, Ana Kátia Alves dos. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas. III. Título.

CDD 370.155 - 23. ed.

LAUDICÉLIA SOUZA REIS MOREIRA

TEORIAS E PRÁTICAS PSICOMOTORAS: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO
PARA OS COORDENADORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE
IRECÊ

Projeto de Intervenção apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em 20 de Dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Ana Kátia Alves dos Santos – Orientadora
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia

Leila da Franca Soares
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia

Silvanne Ribeiro Santos
Doutora em Psicologia Evolutiva e da Educação pela Universidad de Barcelona

Dedico a todos aqueles que conseguiram me apoiar nesta construção acadêmica, sendo estes familiares, colegas de curso, de profissão e principalmente os profissionais da Educação Infantil do município de Irecê que participaram deste processo.

AGRADECIMENTOS

À Deus, fonte de todas as coisas, principalmente de inspiração e coragem em todo o processo de elaboração deste trabalho. Por ser o centro de toda minha vida com sua onisciência, onipresença e onipotência.

À minha família: minha mãe pelas orações; minhas irmãs pelo encorajamento; minhas filhas pela paciência para esperar atenção e meu marido, por ser compassivo e companheiro tolerante.

À Universidade Federal da Bahia, ao Mestrado Profissional em Educação (MPED) da Faculdade de Educação (FACED); aos excelentes professores que me oportunizaram uma formação significativa a ponto de projetar tal intervenção que visa.

À professora Dr.^a Ana Kátia Alves dos Santos pelas inúmeras e pertinentes orientações, pela disponibilidade e receptividade que demonstrou ao longo deste percurso.

Aos professores convidados por aceitarem o convite de compor a banca examinadora disponibilizando tempo, atenção e suas valiosas contribuições neste trabalho.

Aos colegas de curso que se tornaram grandes amigos mediante o compartilhar de nossas angustias, trazendo mais leveza a este Mestrado tão denso.

À grande amiga que fiz ao longo desta caminhada, Patrícia Gonçalves. Foram momentos de luta que nos tornaram fortes e unidas numa amizade que pretendo que perdure além da academia.

À minha querida parceira Maria da Conceição Araújo, que mesmo não tendo mais vínculo acadêmico e pertencendo a outra instituição, sempre esteve disponível.

A todos os profissionais de Educação Infantil da Rede Municipal de Irecê envolvidos neste projeto: coordenadores, professores, diretores, mas principalmente a coordenadora técnica da Secretaria de Educação Joelma Portugal, que em nenhum momento mediu esforços para contribuir com este trabalho.

Para manter o equilíbrio com o mundo, a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar. Estas atividades lúdicas tornam-se mais significativas à medida que se desenvolve inventando, reinventando e construindo. (DALLABONA; MENDES, 2004, p.108)

MOREIRA. Laudicélia Souza Reis. TEORIAS E PRÁTICAS PSICOMOTORAS: uma proposta de formação para os coordenadores da educação infantil do município de Irecê. Projeto de intervenção. Mestrado Profissional em Educação: currículos, linguagens e inovações pedagógicas. Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017, 162 fls. Orientadora: Prof.^a. Dr.^aAna Kátia dos Santos

RESUMO

A Psicomotricidade é uma ciência que estuda o desenvolvimento da inteligência humana a partir do movimento, das emoções, principalmente da afetividade. A educação psicomotora, um dos últimos cortes epistemológicos desta ciência, defende que a criança desde cedo deve ser estimulada para se desenvolver de forma plena. O presente projeto de intervenção tem como objetivo propor uma formação em Psicomotricidade aos coordenadores de Educação Infantil do município de Irecê, de maneira que estes sejam multiplicadores destes saberes junto aos educadores a que orienta. Para construção de tal intervenção, uma pesquisa se desencadeou neste sentido. A pesquisa escolhida foi a qualitativa, personificada na pesquisa-ação, tendo em vista não só a ação do pesquisador, como de todos os envolvidos. Como procedimentos de coleta de dados foi utilizado o grupo focal tanto com os coordenadores, como com os professores objetivando assim ouvir os sujeitos da pesquisa. Outros procedimentos utilizados foram questionários, entrevistas, diário de bordo. Como resultado de tal pesquisa, foi possível fazer algumas constatações: tanto coordenadores como professores sabem a respeito da Psicomotricidade, mas não a conhecem de forma aprofundada e nem constante; faz-se necessário que os educadores tenham uma melhor compreensão do conceito de infância, do brincar como ação intencional e principalmente estudar e praticar a Psicomotricidade com os alunos. Sobre o formato de formação os professores ouvidos foram unânimes em afirmar que esta deve acontecer de forma estruturada e constante. Assim como proposta de intervenção, foi delineada uma formação quinzenal, com um encontro para discussões teóricas e outro para as discussões a partir da análise da prática dos professores, no intuito de ao final elaborar uma formação coletiva no grupo focal, onde os coordenadores serão os protagonistas nesta construção. Espera-se assim contribuir com a Educação Infantil do município de Irecê, oportunizando a todos os envolvidos o conhecimento e valorização da Psicomotricidade como algo essencial ao trabalho docente visando assim o desenvolvimento da criança de forma integral, em todas as áreas: intelectual, físico, emocional, social e histórico.

Palavras-chave: psicomotricidade; educação infantil; formação; coordenador; professor

MOREIRA. Laudicélia Souza Reis. PSYCHOMOTORS THEORIES AND PRACTICES: a training proposal for the coordinators of early childhood education in the municipality of Irecê. Intervention project. Professional Master in Education: curricula, languages and pedagogical innovations. Education University. Federal university of Bahia. Salvador, 2017. 162 fls. Advisor: Prof^a. Dr. Ana Kátia dos Santos

ABSTRACT

Psychomotricity is a science that studies the development of human intelligence from the movement, the emotions, especially the affectivity. Psychomotor education, one of the last epistemological cuts of this science, argues that the child should be stimulated early to develop fully. The present project of intervention aims to propose a training in Psychomotricity to the coordinators of Early Childhood Education in the municipality of Irecê, so that these are multipliers of these knowledge with the educators whom it guides. To construct such an intervention, a research was triggered in this sense. The research chosen was qualitative, personified in action research, taking into account not only the action of the researcher, but also of all those involved. As data collection procedures, the focus group was used both with the coordinators and with the teachers aiming to listen to the subjects of the research. Other procedures used were questionnaires, interviews, logbook. As a result of such research, it was possible to make some observations: both coordinators and teachers know about Psychomotricity, but they do not know it in depth or constant; it is necessary for educators to have a better understanding of the concept of childhood, to play as intentional action and especially to study and practice Psychomotricity with students. Regarding the training format, the teachers were unanimous in stating that this should happen in a structured and constant way. As a proposal for intervention, a biweekly training was drawn up, with a meeting for theoretical discussions and another for the discussions, based on the analysis of the teachers' practice, in order to elaborate a collective formation in the focus group, where the coordinators will be the protagonists in this construction. It is hoped to contribute with the Infantile Education of the municipality of Irecê, giving to all those involved the knowledge and appreciation of Psychomotricity as something essential to the teaching work aiming at this. the development of the child in an integral way, in all areas of this: intellectual, physical, emotional, social and historical.

Keywords: psychomotricity; early childhood education; formation; coordinator; teacher

LISTA DE IMAGENS

FIGURAS

Figura 1 – concepção a respeito da Psicomotricidade na Antiguidade	29
Figura 2 – conceito de Psicomotricidade a partir das contribuições de Wallon	33
Figura 3 – grandes nomes da Educação Psicomotora	42
Figura 4 – concepção de creche enquanto depósito de crianças	46
Figura 5 – áreas da Psicomotricidade	55
Figura 6 – procedimentos metodológicos a partir da pesquisa-ação	75
Figura 7 – formato para a formação em Psicomotricidade sugerida pelos professores	102

FOTOGRAFIAS

Fotos 1 e 2 – apresentação das intenções interventivas do projeto do mestrado	85
Fotos 3 e 4 – Coordenadores da Educação Infantil, participantes do primeiro grupo focal	86
Fotos 5, 6 e 7- formação de professores numa creche da Rede	92
Foto 8 – os convidados especiais e equipes gestoras das instituições envolvidas	96
Fotos 9 e 10 – contribuições das convidadas Roseli de Sá e Joelma Portugal	97
Fotos 11 e 12 – dinâmica com os professores na formação	98
Fotos 13 e 14 – professoras respondendo ao questionário	99
Foto 15 – apresentação do mapa textual da equipe verde	99
Fotos 16 e 17 – contribuições da parceira Maria Conceição de Araújo	103
Foto 18 – homenagem feita a pesquisadora pelas gestoras das instituições	104
Fotos 19 e 20 – apresentações na UNEB-CAMPUS XVI	117
Fotos 21 e 22 – apresentações na UFBA em 2016	118
Fotos 23 e 24 – primeiro encontro de formação de coordenadores em João Dourado	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCNEIS	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
FACED	Faculdade de Educação
GEFEP	Grupo de Pesquisa Formação (em) Ação
LDBEN	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MPED	Mestrado Profissional em Educação
PA	Pesquisa-ação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PP	Pesquisa Participante
PPA	Prática Psicomotora Aucouturier
PROFA	Programa de Formação de Professores Alfabetizadores
RCNEIS	Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
SBP	Sociedade Brasileira de Psicomotricidade
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)
UNICEF	United Nations International Children's Emergency Fund (Fundo das Nações Unidas para a Infância)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 CONTEXTO HISTÓRICO DA PSICOMOTRICIDADE E SUA APLICABILIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	28
2.1 PSICOMOTRICIDADE: DEFINIÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO SEU CAMPO POR MEIO DOS CORTES EPISTEMOLÓGICOS.....	28
2.2 PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM CONHECIMENTO NECESSÁRIO AO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA.....	44
2.2.1 Compreendendo o conceito de infância: algumas abordagens construídas ao longo dos tempos.....	45
2.2.2 Áreas da psicomotricidade a serem estimuladas na criança de zero a cinco anos.....	52
3 METODOLOGIA: DESVENDANDO O CAMINHO DA PESQUISA RUMO A INTERVENÇÃO.....	63
3.1. A PESQUISA-AÇÃO E SEU ESPAÇO DENTRO DA PESQUISA.....	65
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA: COMPREENDENDO OS SUJEITOS DA AÇÃO NO CONTEXTO INVESTIGATIVO.....	70
3.3. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS: DA ESCOLHA A EXECUÇÃO DOS MESMOS NO DECORRER DA PESQUISA.....	75
4 RESULTADOS DA PESQUISA: INTERPRETANDO DADOS ADVINDOS DA ESCUTA DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	81
4.1 OUVINDO OS SUJEITOS DA PESQUISA: PRIMEIRO ENCONTRO COM OS COORDENADORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE IRECÊ.....	82
4.2 OFICINA DO MESTRADO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA PERSPECTIVA PARA ALÉM DA COLETA DE DADOS.....	95

5 INTERVENÇÃO: TECENDO UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE PARA OS COORDENADORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE IRECÊ.....	106
5.1 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DA INTERVENÇÃO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DESDE O ANO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E SETE.....	108
5.2 SOBRE OS PROPÓSITOS DA INTERVENÇÃO TENDO EM VISTA O DECORRER DA PESQUISA.....	113
5.3 ETAPAS DA INTERVENÇÃO: ELENANDO E AVALIANDO ALGUMAS AÇÕES QUANTO A POSSIBILIDADE DE REALIZAÇÃO.....	116
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NO DELINEAR DESTE PROJETO.....	125
REFERÊNCIAS.....	129
APÊNDICES.....	134
ANEXO.....	159

1 INTRODUÇÃO

Nas discussões atuais, a respeito da Educação Infantil, muito se fala sobre o brincar, o movimento e os sentimentos que se desencadeiam por meio destas vivências, nas instituições responsáveis pela a aprendizagem das crianças de zero a cinco anos. Neste contexto, temos o professor como idealizador de várias situações de aprendizagens, as quais devem ser planejadas. Tal profissional deve ter embasamento teórico que resultem em práticas adequadas no tocante a aprendizagem destas, considerando assim, suas especificidades, visando seu desenvolvimento de forma integral.

Ao trazer o termo integral, pretendo ratificar a importância de olharmos para a criança, não apenas como um ser que requer cuidados básicos de saúde e higiene, como durante muito tempo ela foi vista, mas sim, como um sujeito ativo que aprende por meio da experimentação, de situações reais que a ela são propostas. Ou seja, se faz necessário pensar a criança como um todo, nas suas mais variadas formas de se desenvolver física, psicológica, social, emocional, político e econômica, tendo como princípio básico que todo ser humano tem o seu desenvolvimento em seu próprio ritmo e tempo.

E dentro deste contexto, é que a Psicomotricidade se encaixa, tema este que a cada dia começa a garantir seu espaço nas discussões voltadas para a Infância. A palavra infância aqui tem um sentido maior, não reduzida à fase do desenvolvimento, mas dar visibilidade a outra discussão atual, que é compreender não só uma infância, e sim os vários tipos de infância que se apresentam mediante diferentes épocas e contextos. Entender isto é um avanço significativo, haja vista a criança durante muito tempo não ser enxergada como este ser com especificidades, onde a mesma era tratada como um adulto em miniatura¹.

Psicomotricidade “é a ciência que tem como objeto de estudo o homem, através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo”²

¹Segundo o autor ARIÉS (1981, p. 17-41), em sua obra A história social da criança e da família, a criança era percebida como um pequeno adulto. A forma pela qual era tratada, desde o comportamento até as suas vestimentas evidenciava o que foi dito. Na referida obra, ARIÉS traz várias fotografias ainda da Idade Moderna, onde é possível visualizar as crianças com roupas e feições adultizadas.

² Definição do dicionário informal: <http://www.dicionarioinformal.com.br/psicomotricidade/>. Acesso em 21/10/2017

mas muito mais que isto, ela ocupa um espaço diferenciado no contexto educacional, pois contribui no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo os aspectos físicos, mental, afetivo-emocional e sociocultural, tendo como base para a sua aplicabilidade, a realidade daqueles a quem é destinada, sendo sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto.

A Psicomotricidade, desde seu início, teve seus preceitos fundamentados no estudo do homem por meio do seu corpo em movimento. Os pensamentos mais remotos desta área, no que se refere à relação do homem com seu corpo, advêm das cidades gregas, onde muitos filósofos esboçavam suas reflexões a respeito disto, como era o caso dos “poetas míticos helênicos que exaltavam proezas físicas, como Homero. Filósofos como Platão, fizeram do corpo um lugar de transição da existência do mundo, de uma alma imortal” (NICOLA, 2004, p.14).

Outros filósofos passam a ter suas ideias não tão formalizadas acerca da Psicomotricidade, mas as opiniões se encontravam num sentido: não se dissocia o pensar, a mente do resto do corpo. Tais concepções até então relacionadas, faziam menção do corpo, movimento e a mente, algo que objetivasse assim o desenvolvimento físico. Até então, não se via a psicomotricidade como meio de proporcionar também o desenvolvimento intelectual, e este é justamente o ponto que defendo: a Psicomotricidade como possibilidade de estimular o desenvolvimento da criança nas suas várias áreas de aprendizagem, como já mencionado.

A Psicomotricidade teve uma enorme evolução, sendo suas fases denominadas cortes epistemológicos devido as contribuições teóricas de diferentes campos, tanto da ciência como da educação. O primeiro corte é caracterizado pelas descobertas advindas da neuropsiquiatria, onde esta era utilizada somente como prática reeducativa e reabilitadora. São alguns nomes importantes deste período: Dupré, Guilman e Ajuriaguerra. O segundo corte, surge a partir de contribuições de diversos campos psicológicos, mas especialmente da teoria psicogenética de Jean Piaget e algumas postulações de Sigmund Freud por meio da Psicanálise. Por fim, o terceiro corte, se caracteriza pelas contribuições da Psicopedagogia, tendo nomes importantes como Le Bouch, Lapierre, Aucouturier, que deram origem assim a educação psicomotora.

Ao relatar alguns fatos históricos, fica evidente que a Psicomotricidade, bem como outras ciências relacionadas à infância, é bem recente. Quero ressaltar que por mais que tenham ocorrido diversas contribuições epistemológicas, esta ciência

no meio educacional não é utilizada amplamente, pois muitos docentes nem ao menos a conhecem. Em resumo, a Psicomotricidade surge para oportunizar vivências através dos jogos simbólicos e exploração corporal, com o intuito de fazer com que a criança se desenvolva no espaço da Educação Infantil, para que assim seja respeitado o direito de se desenvolver plenamente.

Mesmo sendo inicialmente utilizada de forma clínica, a Psicomotricidade, hoje se tornou um campo de estudo auxiliar para a Pedagogia no tocante ao desenvolvimento infantil em toda sua amplitude. Não obstante, o espaço de aprendizagem da criança, deve ser um ambiente onde estas sejam estimuladas, e é papel de quem as educa ter formação adequada e um conhecimento aprofundado, tanto das fases de desenvolvimento em que estas se encontram como quais os tipos de aprendizagem deverão ser oferecidas a estas. Tal conhecimento não surge do acaso, requer um envolvimento onde o educador seja capaz de teorizar suas práticas, com preparo apropriado para lidar com o seu contexto.

A formação docente é uma das funções do coordenador pedagógico, que tem em sua atuação este grande desafio a ser vencido. Dito isto pelo fato de que nos momentos em que foram ouvidos durante a pesquisa, os coordenadores pedagógicos pontuaram que a formação continuada dentro de suas rotinas ainda não acontece de forma efetiva, mediante as muitas demandas. Também reconheceram a necessidade de terem capacitações a respeito de algumas temáticas que não lhe são familiares, onde estas tenham uma melhor e maior ênfase no que se refere ao trabalho dos professores neste sentido.

Tendo em vista o coordenador pedagógico como o articulador das ações pedagógicas junto aos professores, nada mais coerente que este também tenha formações que o ajudem quanto à orientação dos mesmos. Assim, o presente projeto de intervenção tem como objetivo propor uma formação em Psicomotricidade para os coordenadores da Educação Infantil no município de Irecê, de modo que sejam multiplicadores destes conhecimentos em formações continuadas na sua rotina, e desse modo, possam melhor orientar os professores que coordenam.

Ao falar sobre o município de Irecê, o faço de maneira implicada. O olhar implicado traz um sentimento de pertencimento e admiração pelo campo da pesquisa. Não que eu não seja capaz de perceber as dificuldades pelas quais o mesmo venha a passar, mas o envolvimento com esta pesquisa se deu de maneira muito vivenciada, pois faço parte desta rede educacional há vinte anos. Rede esta

com uma história de grandes conquistas no campo da formação, mas que ainda precisa rever o formato como as mesmas são oferecidas, segundo o que pontuaram alguns professores participantes da investigação.

Em se falando em formações, Irecê sempre foi referência no sentido de sediar várias delas como sendo um pólo regional. Nos anos de 1999, foi o pioneiro por oferecer a formação PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) em Ação. Em 2001 e 2002, teve o privilégio de mais uma vez ser uma das primeiras cidades a aderir ao PROFA (Programa para Formação de Professores Alfabetizadores). No sentido de formação para a Educação Infantil, teve pela AVANTE Consultoria, uma formação voltada para os educadores no ano 2000, e mais recentemente, foi pólo regional do PROINFANCIA (Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil) em 2013.

A Educação Infantil no município de Irecê tem se fortalecido ao longo dos anos no sentido de garantir cada vez mais o seu espaço, quer seja nas discussões voltadas para a Infância, quer seja na sua organização. São vinte e quatro instituições que oferecem atendimento às crianças na faixa etária de um a cinco anos, sendo que dez dessas instituições, além da Educação Infantil, atendem também os anos iniciais do Ensino Fundamental. Voltadas para o segmento, se tem exclusivamente seis creches e algumas escolas mistas que tem do grupo três ao grupo cinco, como se nomeiam as turmas: os grupos. Nas creches são atendidas quinhentas e cinquenta e quatro crianças, enquanto mil cento e quarenta e nove são recebidas nas demais instituições de ensino infantil.

Com este grande número de crianças, há necessidade de muitos profissionais. Desse modo, a rede tem cento e dez professores atuantes no segmento, muitos destes trabalhando os dois turnos na mesma turma, o que é chamado desdobramento, na tentativa de dar conta da demanda, mediante a quantidade de alunos. Sobre a formação destes profissionais é bem variada, onde cento e sete destes têm o curso de Pedagogia, ao tempo que apenas três professores têm o antigo Magistério, curso que correspondia ao Ensino Médio, mas habilitava à docência. Algo muito positivo, é que mais de cinquenta por cento dos profissionais que têm Pedagogia, apresentam também uma ou mais especializações nas áreas de Currículo, Educação Infantil, Educação Inclusiva e até mesmo em Gestão.

Os dados acima mencionados foram informados pela Secretaria de Educação na pessoa da coordenadora técnica Joelma Portugal, profissional engajada no bom funcionamento da Educação Infantil no município. Em entrevista, a mesma pontuou o desejo de se ter mais formações para os docentes e também para os coordenadores. Ao ser questionada sobre a viabilidade deste projeto de intervenção, a coordenadora técnica afirmou ser este de grande pertinência para o processo de crescimento para tais profissionais, e principalmente, relevante para o desenvolvimento integral da criança, que a partir da Psicomotricidade irá “Aprender Brincando”, o tema escolhido pela nova gestão para organizar as propostas pedagógicas de trabalho da Rede.

Este projeto fora inicialmente pensado a partir de minha inquietação pessoal enquanto professora de Creche no ano de 2014. Desde a ocasião, enxergava na Psicomotricidade grandes possibilidades de contribuir nas práticas docentes embasadas teoricamente. A elaboração atual do projeto apresenta pontos fundantes: as experiências de toda uma vida profissional e principalmente as construções acadêmicas no Mestrado Profissional em Educação da FAGED/UFBA. Estes dois fundamentos serão explicitados a partir daqui, no intuito de esclarecer como tal projeto de intervenção fora estruturado.

O primeiro fundamento diz respeito a minha trajetória profissional construída com muitos percalços. Sempre tive paixão pela educação. Aos cinco anos de idade (no ano de 1982), chorava a beira do portão querendo ir para a escola, enquanto as outras crianças o faziam. Este desejo era permeado de uma angústia infantil: desejava ser professora na escolinha de brincadeira, onde minhas amigas nunca deixavam que eu fosse a mestre e assim, aos prantos, afirmava que um dia me tornaria uma professora melhor do que elas. E por incrível que pareça, o meu desejo se realizou. Não quanto ao termo de ser uma melhor professora, mas pelo fato que de todas as amigas, a única que seguiu a carreira docente fui eu.

Apesar de morar grande parte da minha infância em São Paulo, a vivenciei numa época que não havia tanta violência, onde era possível brincar nas ruas e até mesmo num riacho tão proibido pelos pais. Mas, foi justamente neste contexto de tanta felicidade que vi minha vida tomar rumos de proporções negativas gigantescas: a separação de meus pais. Com isto, minha mãe, eu e minhas duas irmãs menores, fomos obrigadas a vir embora para a Bahia. Esta vinda foi uma mudança abrupta, pois diversas vezes passamos não só a vergonha da falta do

necessário para a sobrevivência, mas a discriminação de sermos filhas de uma mulher separada.

Foram várias situações em que as circunstâncias eram contrárias ao que eu almejava, como por exemplo, aos 10 anos, quando deixei minha mãe para morar com minha tia em São Paulo, com o objetivo de não repetir o ano, onde estudava e a ajudava a criar suas filhas. Foram anos de sofrimentos, saudades, mas que devo a eles, grande parte dos conceitos morais, religiosos e intelectuais que trago comigo e que me ajudaram a crescer enquanto ser individual e social.

Retornei para a Bahia em 1993. Para estudar e me sustentar, trabalhava em casas de famílias; à noite estudava no antigo Magistério. Na minha época, era um privilégio uma pessoa ser formada no Magistério, e isto eu consegui a muito custo. Entretanto, como a docência parecia “perseguir-me”, antes de me formar, a professora e diretora Maria do Socorro Leite, reconheceu minha habilidade com crianças e me oportunizou um trabalho como professora em sua escola particular, chamada *Escola Básica Criativa e Dinâmica* no município de João Dourado - Bahia.

Vale ressaltar que apesar de trabalhar há vinte anos na Rede Municipal de Irecê, sempre morei e também trabalhei no município de João Dourado-BA, em um povoado chamado durante muito tempo Gameleira dos Crentes, hoje, Gameleira de João Dourado. Trago estas informações para evidenciar as dificuldades até mesmo de locomoção que sempre enfrentei, pois do meu povoado até Irecê são aproximadamente 28 km, e por muito tempo, ora eu ia de ônibus, ora ia de carona, tentando assim, contornar a falta de transporte e dificuldade financeira que enfrentei há uns quinze anos atrás.

E desde esta época (1995) até a atualidade (2017), estou envolvida com a Educação, lecionando nos mais diversos segmentos, exercendo atualmente a função de coordenadora pedagógica no povoado de Lagoa Nova (Irecê- Bahia), totalizando assim 23 anos de profissão. Apesar de não ter tido a formação do Magistério de forma satisfatória, lancei-me na carreira com afinco, determinada a construir um caminho e identidade profissional, mesmo não tendo certeza se era o certo ou não, apenas decidindo, como bem afirma Freire, segundo Padilha (2003):

Todos devem ter o direito e a liberdade de tomar decisões sobre suas próprias vidas, mesmo que, ao exercer tal liberdade, possam correr o risco de errar, pois como afirma Freire, é decidindo que construímos, com autonomia, nosso projeto de vida. É exercendo a capacidade de decidir que aprenderemos a sermos nós mesmos. Nem por isso se trata de uma

decisão individual, isolada em si mesma e desprovida da análise de suas consequências sociais. O fundamental é assumirmos, eticamente, nossas decisões, pois assim, como também sugere Paulo Freire, fundaremos nossa autonomia (PADILHA, 2003, p. 25).

Quando falo na insatisfação do curso de Magistério, o faço mediante a crença de que um professor tem que fazer a diferença e interligar seus saberes teóricos aos saberes práticos. Todavia, infelizmente, era possível perceber que muitas das teorias estavam distantes da realidade que vivenciava e procurava melhorar isto, pautando-me pelo pressuposto de que a aprendizagem deve ser vivenciada. Ou seja, mesmo inconsciente, tive um sentimento de flexibilidade de minha prática, sob o ponto de vista que tenho hoje, sobre como deve ser o professor que pretende realmente tentar resolver as suas demandas profissionais:

Podemos considerar que, no decorrer das situações de ensino, os referenciais e teorias servem como marco que guia, porém não determina a ação, pois esta deve contar com elementos presentes e as incidências previstas [...], no entanto, cabe ressaltar aqui que, seja lá qual for o grau que influem e são influenciados pela a experiência cotidiana, o professor como qualquer profissional cujo desempenho deve contar com a reflexão sobre o que se faz e por que se faz (COLL, 1996, p. 07).

Hoje, enquanto mestranda percebo a partir das reflexões do caminhar neste Mestrado Profissional em Educação (MPED), que um profissional em sua formação, deve ter saberes que o faça atuar com propriedade. Quando me refiro a saberes, não falo só dos conteúdos que ele ministrará, mas sobre saberes que devem permear a construção da identidade deste docente. Sentia falta desses aspectos naquele momento do Magistério, não considerando o curso suficiente para me subsidiar no contexto do meu espaço de atuação, precisava haver algo a mais, pois sempre me considerei responsável pela transformação de meus alunos.

Um dos aspectos que influencia a prática de um professor é justamente este: de se colocar enquanto pesquisador em sua carreira profissional. Não obstante, como docente nestes vários anos, acredito que o meu profissionalismo³ atrelado à minha profissionalização⁴ me possibilitaram enxergar algumas situações com mais clareza no tocante as características científicas da Educação. Dentre estas, está a

³ Termo utilizado pelo autor JUNIOR (2012) o qual se refere ao compromisso que o profissional da educação tem em sua carreira.

⁴ Outro termo do mesmo autor acima. A profissionalização diz respeito a todo aprofundar nos conhecimentos técnico-metodológico ou até mesmo acadêmico que o professor busca como alternativa na sua formação continuada.

conjectura que deve existir entre o que estudamos teoricamente nas Universidades e relacioná-las a prática docente. E foi isto que acabou desencadeando o meu desejo de contribuir com o município no qual trabalho, tendo em vista a intervenção a ser realizada por meio deste projeto.

Como dito, nesta jornada profissional com tantas experiências ao lecionar em diversos segmentos educacionais, sempre procurei inovar e mostrar o sentimento de fazer a diferença. Diferença esta, não no campo do desejar apenas, mas do efetuar. A graduação me fez ter maior criticidade, porque sendo professora antes da vida acadêmica, fui submetida a várias formações e costumava segui-las de forma absoluta, sem questioná-las, simplesmente realizando em sala o que me orientavam. Porém, sempre sentia uma lacuna na minha formação, a necessidade de aprofundar meus conhecimentos teóricos para utilizá-los em minha prática.

No entanto, além da ausência de respaldo teórico, carregava comigo um grande incômodo: a minha não permanência em um determinado segmento das séries iniciais. O fato era que nunca ficava mais de dois anos em um mesmo grupo, pois com as mudanças administrativas no tocante a professores que eram contratados que saíam, nós professores efetivos, sempre éramos remanejados. Um dos segmentos que tive maiores experiências, até 2012 foi o segundo ciclo (quarto e quinto anos, antigas terceira e quarta série), mas não o fazia satisfeita, por não me identificar, pois tinha certa afinidade com crianças menores.

Tive a oportunidade de pela primeira vez no ano 2000 trabalhar com Educação Infantil numa sala multisseriada⁵ que atendia crianças de dois a cinco anos de idade. Na ocasião fiz várias formações, como PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) em Ação voltados para Educação Infantil a partir do estudo contínuo dos RCNs (Referenciais Curriculares Nacionais). Mesmo com todo este processo de formações e me sentindo realizada, mais uma vez fui remanejada, voltando a trabalhar com outros segmentos. E isto de certa forma não me completava enquanto profissional, pois queria fazer o que realmente gostava.

Por que falar em Educação Infantil? Por que tanto interesse em seres que durante muito tempo foram desconsiderados em suas peculiaridades? Acredito que intrinsecamente tinha a visão que esta poderia ser à base da educação escolar, por

⁵ Compreende-se por sala multisseriada o agrupamento de várias séries numa mesma sala. Esta é uma realidade da maioria das escolas situadas nos povoados do município de Irecê. Geralmente este agrupamento acontece devido ao pouco número de alunos.

ser mais eficaz começar um trabalho significativo desde cedo. Era o que realmente sentia, quando ao lidar com aquelas crianças, observava a facilidade que tinham em desenvolver as atividades propostas, desde que estas as interessassem.

Assim pensando, desejava estabelecer minha atuação na Educação Infantil. Nos anos de 2004 e 2005, voltei a trabalhar nos grupos quatro e cinco, sala também multisseriada. Porém, mais uma vez, mediante novos remanejamentos, novas trocas de professores, voltei a trabalhar como quarto e quinto ano até 2012. Até que no final do ano citado, tomei uma decisão radical na minha vida profissional: pedi transferência para a Creche do mesmo povoado, no sentido de me dedicar a Educação Infantil. No ano de 2013, ao chegar lá, sofri um forte impacto ao me deparar com estas crianças menores, pois, diferentes das que tive contato, requeriam cuidados e atenção intensa.

Com intuito de me aperfeiçoar na área, fiz uma seleção e fui aprovada para cursar a pós em Educação Infantil pela UNEB (Universidade do Estado da Bahia) Campus XVI, mesma instituição na qual fiz minha graduação. Cito isto tudo, devido ao fato de que justamente nesta trajetória de pós-graduanda, surgiu à oportunidade de me envolver mais academicamente com minha formação, e o resultado positivo foi um estudo de caso, voltado para a Educação Infantil. A partir do referido estudo de caso, discorri sobre o meu projeto de intervenção que me fez ser selecionada para o Mestrado Profissional pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, no ano de 2015.

E quem disse que caminhar rumo aos objetivos é fácil? Tenho em minha trajetória pessoal um retrato de grandes lutas que enfrentei. Poderia citar um trecho da canção na voz do grupo Cidade Negra “você não sabe o quanto eu caminhei, para chegar até aqui”, mas este deliberadamente não é meu ponto final, preciso seguir, há muito a ser desenvolvido. O que não pretendo é me intimidar com as dificuldades e surpresas que percebi durante a pesquisa na Rede Municipal de Educação de Irecê.

O que reflito sobre minhas experiências? O longo percurso de erros e acertos que obtive na expectativa de melhor educar. Foram anos de experiências, acreditando apaixonadamente que a educação era a salvação do mundo. Ingenuidade ou não, além da paixão, dediquei-me a exercer um profissionalismo que servisse como exemplo á outros, meio utópico, mas no qual acreditava

religiosamente. Quanto a minha postura hoje, esta citação de Ariano Suassuna, a traduz muito bem:

Não sou nem otimista, nem pessimista. Os otimistas são ingênuos, e os pessimistas amargos. Sou um realista esperançoso. Sou um homem da esperança. Sei que é para um futuro muito longínquo. Sonho com o dia em que o sol de Deus vai espalhar justiça pelo mundo todo⁶.

Falar sobre o eu profissional não é uma tarefa fácil, haja vista que é o conhecimento a respeito de nós mesmos que nos faz crescer. Conhecer a si mesmo deve ser a porta para uma melhor compreensão do mundo que nos cerca. Não pretendo ser vista como arrogante ou egocêntrica ao afirmar isto, mas quando nos conhecemos, nos firmamos enquanto um ser que não vive só, como seres incompletos que necessitam convivência harmônica com as pessoas do nosso contexto, para sermos indivíduos plenos, no meio que estamos inseridos.

Não se pode achar que a realização pessoal se dará simplesmente num contexto de situações favoráveis, ao contrário, grandes experiências de vida são construídas em ocasiões de adversidades, onde o indivíduo é obrigado a lutar contra as negatividades da vida. Dito isto pelo fato de que a minha trajetória de vida sempre foi assim: de imensas lutas permeadas por gratificantes vitórias. Se escolhi caminhos certos? Não o sei. Se errado os percorri? Simplesmente tentei. Certezas do percurso nunca tive, mas sim o enorme desejo de mudar e promover mudanças.

Em relação ao fundamento dois o qual faz parte deste projeto de intervenção do Mestrado, baseia-se em todo seu delinear que surge a partir de velhas discussões, mas com novos propósitos. Como todo projeto de intervenção, o meu não é diferente, pois está diretamente relacionado a um determinado problema advindo do contexto de minha atuação enquanto professora, mas cientificamente se consolida na Universidade. Sendo assim, a proposta do projeto foi elaborada no sentido de responder às inquietações que emergiram de uma pesquisa de campo realizada em outro momento sobre a perspectiva de compreender o professor de educação infantil e sua relação com o trabalho da Psicomotricidade na Rede Municipal de Irecê.

A pesquisa de campo referida acima se deu por meio de um estudo de caso numa Creche do município de Irecê, que surgiu como caminho metodológico do

⁶ Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTQxOTly/>. Acesso em 07 de Novembro de 2017.

trabalho de conclusão de curso (TCC) da pós-graduação *lato sensu* em Educação Infantil, cursada nos anos de 2013- 2014. Na ocasião, este fora idealizado pelo motivo de se pensar a Educação Infantil sobre uma ótica pessoal, neste caso como professora de Creche, mas especificamente Creche Criança Feliz, no povoado de Achado – Irecê, ao tempo que este fora fomentado na disciplina Psicomotricidade e Ludicidade na Educação Infantil.

A partir desta pesquisa, como resultado da mesma, foi constatado que os professores da Instituição observada realizavam atividades psicomotoras, mas a maioria deles fazia-as de forma mecânica, sem conhecer os conceitos por trás de cada atividade, bem como não sabiam a melhor forma de adaptá-las às crianças menores. Percebi neste contexto, a possibilidade de elaborar o problema do meu projeto de intervenção, o qual fora mencionado na carta de intenção apresentada na seleção do Mestrado Profissional, como requisito de aprovação.

Do referido estudo de caso ao presente momento, aproximadamente três anos se passaram. Até então, muita coisa deveria ser modificada, mas o que pude constatar é que mesmo numa Rede tão bem estruturada como é a do município de Irecê, existe práticas docentes que não contemplam uma forma de trabalhar coletiva tendo em vista os mesmos objetivos curriculares. Ou seja, mesmo com as sugestões advindas das formações, orientações da Secretaria de Educação, muitos professores continuam com dificuldades em relação a compreender a Psicomotricidade e o seu papel no desenvolvimento da criança. E isto ficou claro tanto nas falas dos coordenadores como docentes participantes da pesquisa.

Pautada neste princípio de valorização da Psicomotricidade como um instrumento para estimular as crianças nas suas variadas áreas de desenvolvimento, o projeto de intervenção foi pensado inicialmente no intuito de proporcionar uma formação em Psicomotricidade para os educadores de Educação Infantil no campo teórico e prático como já fora especificado, onde estes pudessem planejar situações lúdicas para que seus alunos pudessem adquirir conhecimentos, diversos saberes no tocante a seu desenvolvimeto integral, ou seja, de forma completa, por meio das brincadeiras, do movimento, mas principalmente das relações com os outros.

Na verdade, realizar uma formação que contemplem todos os professores da Rede Municipal tornou-se algo limitado, haja vista toda a estrutura da rede no que diz respeito ao planejamento do professor, pois é quase inviável todos estarem

reunidos em formação juntos em uma mesmo dia. Como o caminho da pesquisa é surpreendente, os entraves de falta de espaço mediante a quantidade de professores, bem como a falta de conjectura nos dias de planejamento, me fez mudar o sujeito direto da pesquisa para um outro que seria multiplicador desta formação: o coordenador pedagógico.

Assim, sendo o coordenador o foco da formação direta no contexto das discussões do grupo focal dentro do projeto de intervenção, alguns objetivos foram elaborados tendo em vista a formação em Psicomotricidade deste profissional. Este por sua vez deverá auxiliar os professores, oportunizando formação dentro de suas próprias escolas, relacionando os novos saberes às realidades de cada uma das instituições, principalmente no tocante a especificidade das faixas etárias. Neste sentido, o coordenador além de passar por uma nova formação, estará desempenhando uma de suas funções, que é a formação dos educadores.

A partir daqui o objetivo geral do projeto fora pensado da seguinte maneira: propor uma formação de coordenadores pedagógicos a fim de oportunizar aos mesmos uma melhor compreensão sobre os princípios e conceitos da Psicomotricidade, com o propósito destes serem agentes multiplicadores destas aprendizagens juntamente aos professores, ocasionando aos mesmos uma formação continuada. O que se pretende aqui é que o coordenador dentro da sua função formativa possa estar orientando os docentes no conhecimento da teoria que os ajude a embasar as práticas psicomotoras, respeitando assim, as particularidades das crianças envolvidas neste contexto.

Em relação aos objetivos específicos, foram elencados os seguintes: conhecer o que os coordenadores sabem e fazem a respeito do tema Psicomotricidade; promover momentos de sensibilização quanto à necessidade destes em se compreender, entender e praticar tais conceitos; fomentar a discussão sobre o conceito de Infância e as suas diversas concepções; estudar documentos legais que embasam a educação infantil no sentido da abordagem do brincar e do movimento da criança; organizar junto com os coordenadores, situações didáticas envolvendo os princípios psicomotores, tendo em vista a realidade das crianças conforme as respectivas faixas etárias, para assim elaborar uma proposta de formação para os professores construída com os coordenadores.

Quanto à metodologia escolhida, levando em consideração o problema formulado, optou-se pela pesquisa qualitativa, mas especificamente a pesquisa-

ação. A escolha pela pesquisa-ação se dá por esta ter sua base na ação, pois é exatamente este o principal objetivo do projeto-intervenção que visa sempre oportunizar mudanças na realidade pesquisada. A pesquisa-ação tem em seus preceitos toda a base etnográfica, que por sua vez, busca a compreensão do envolvimento do sujeito com o mundo em que, vive suas particularidades e a sua ação dentro deste contexto.

Aqui o foco da pesquisa não se baseia pura e simplesmente no intuito de coletar dados com um objetivo de produto final, mas sim investigar todo o processo de construção coletiva que os envolvidos estão vivenciando no campo da pesquisa. Assim “a função política da pesquisa-ação é intimamente relacionada com o tipo de ação proposta e os atores considerados. A investigação está valorativamente inserida numa política de transformação” (THIOLLENT, 2009, p. 47).

Em relação aos dados que virão a ser coletados, algo fundamental é interpretá-los de maneira neutra, mesmo estando o tempo implicado neste processo. A princípio deduzia que dentro deste contexto, estaria o tempo todo na condução, interpretando somente a partir de minha percepção. Mas, compreendi que o processo é diferente, pois, na pesquisa-ação “a interpretação e a análise são o produto de discussões de grupo. Isso exige uma linguagem acessível a todos. O traço principal da pesquisa-ação – a opinião – impõe à comunicação dos resultados da investigação” (BARBIER, 2002, p. 55).

Quanto aos procedimentos que foram utilizados, tendo em vista as características da pesquisa-ação, especifico os mesmos a partir dos objetivos que se teve quanto à utilização de cada um deles: o grupo focal para realização de entrevistas coletivas; uso de questionários para saber a opinião dos professores sobre a proposta e também para construir um retrospecto histórico da formação de professores em Irecê; a análise documental foi utilizada para ampliar a discussão sobre a presença da orientação do trabalho com a Psicomotricidade na Educação Infantil. Quanto ao registro das falas nos grupos focais se deu por meio de gravador de voz e também diário de bordo utilizado pela pesquisadora.

Tanto a metodologia, procedimentos e também aporte teórico serão melhores detalhados no capítulo dois que diz respeito à metodologia da intervenção que vai desde a escolha de tais até a execução dos mesmos. Aqui na introdução pretendo apenas ratificar a importância de se pensar de forma bem organizada e estruturada

no decorrer de todo e qualquer processo investigativo, principalmente no campo educacional.

Mediante este processo de elaboração do projeto de intervenção, uma vasta bibliografia compõe o meu referencial teórico. Ele esteve organizado em três partes: autores que defendem a Psicomotricidade de forma geral e no contexto da Educação Infantil; outros que defendem a metodologia educacional, a pesquisa qualitativa, mas especificamente sobre a pesquisa-ação; e documentos oficiais que embasam o trabalho pedagógico dentro da Educação Infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIS). Os autores principais serão trazidos à medida que cada parte do trabalho for especificada.

A primeira parte do projeto diz respeito à introdução do mesmo. O objetivo na escrita deste é dar uma visibilidade sobre uma concepção geral sobre a Psicomotricidade e a importância dela no desenvolvimento psicomotor da criança de zero a cinco anos. Aqui, será feita uma contextualização do tema a partir das intenções que emergiram de vivências acadêmicas e profissionais anteriores ao Mestrado, e também dentro do curso nos quatro ciclos cursados. Será apresentada uma contextualização do campo da pesquisa, a Educação Infantil no município de Irecê. Por fim, será especificado cada item do processo da pesquisa rumo a elaboração do projeto de intervenção, partindo do objetivo geral até a interpretação dos dados.

A segunda parte apresenta praticamente todo o referencial teórico a respeito do tema estudado, chamado ainda de o estado da arte. Nessa etapa, surge a discussão sobre a Psicomotricidade a partir da definição desta, bem como se deu a constituição do seu campo teórico por meio das influências de vários autores, como Vitor da Fonseca, Esteban Levin, Fátima Alves, Geraldo Almeida entre outros. Outra abordagem que se dá neste contexto, é sobre o conceito de infância e sua construção ao longo dos tempos, e a importância da Psicomotricidade na Educação Infantil. A última abordagem será feita a partir de documentos oficiais e autores que defendem a educação psicomotora como possibilidade.

A terceira parte fala sobre a metodologia de forma geral, mas também traz uma abordagem de como a metodologia em pesquisa educacional passou a se constituir por meio da pesquisa qualitativa, no propósito de se contrapor a pesquisa quantitativa, que não era tão eficiente para trazer respostas para o campo das Ciências Humanas. Neste espaço, a pesquisa-ação passa a ser discutida por ter

sido escolhida no contexto deste projeto de intervenção. Aqui acontece ainda uma descrição dos sujeitos da pesquisa, dos procedimentos metodológicos, de que forma e em que contexto foi utilizado, a partir dos dados que se pretendeu coletar.

A quarta parte trará a descrição do que fora observado no contexto da pesquisa, tecendo ainda uma interpretação dos dados coletados em vários momentos desta. O objetivo foi ouvir os envolvidos na mesma na perspectiva de ter uma visão de como a Psicomotricidade é percebida por estes, e o que os mesmos pontuam como importante no processo formativo tanto de professores como coordenadores. Aqui também será feito o detalhamento de cada um dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa-ação, bem como a explicitação dos motivos pelos quais os mesmos foram escolhidos e utilizados.

Por fim surge a quinta e última parte do projeto, que tem como objetivo propor uma ação interventiva mediante tudo que foi vivenciado, não só durante a pesquisa, mas durante todo o processo do Mestrado Profissional, onde várias vezes foi preciso construir e desconstruir o que se tinha planejado. A base para tal proposta foi justamente ser pensada e estruturada mediante as contribuições de todos os envolvidos durante todo o caminho percorrido, no intuito de que a mesma venha contribuir para mudanças e transformação no município de Irecê, no que diz respeito ao fortalecimento de teorias e práticas psicomotoras na Educação Infantil por meio de uma formação para os coordenadores deste segmento.

Em relação às considerações finais, estas foram trazidas como uma retrospectiva de todo o trabalho, mas considerando que toda a construção da intervenção teve como ponto fundamental as opiniões que emergiram no decorrer da pesquisa e que uma formação coerente deve partir das ansiedades e inquietações dos profissionais em relação às suas práticas. Neste caso, os mesmos sentiram a necessidade de terem uma melhor compreensão a respeito da Psicomotricidade e como fazer para utilizar de forma constante e estruturada no seu cotidiano, tendo neste processo o coordenador como orientador.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA PSICOMOTRICIDADE E SUA APLICABILIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Psicomotricidade é uma ciência que começa a ter um destaque bem recente no âmbito educacional. Na verdade, ela surgiu a partir das descobertas da Neuropsiquiatria e ao longo dos anos foi construindo o seu campo por meio de várias contribuições, tanto da área da saúde, como áreas associadas à Educação, como é o caso da Psicopedagogia. Todo o seu percurso histórico foi sendo marcado pelas características de cada época, dos seus vários pensamentos, partindo das descobertas científicas de tais ocasiões. É imprescindível compreender que a Psicomotricidade não é atemporal.

A partir do momento que se tem conhecimento do histórico desta ciência, as ideias que advêm de grandes pensadores se tornam explícitas, onde estes se preocuparam com o homem em seu desenvolvimento: inicialmente nos aspectos físicos e mentais, posteriormente levando em consideração também (e principalmente) os aspectos emocionais estabelecidos por meio das relações com o outro. Ao se afirmar entre parênteses a palavra principalmente, pretendo de certa forma ratificar a maneira como esta deve ser enxergada na atualidade, tendo em vista o seu desenvolvimento na Educação Infantil conforme a discussão deste projeto.

A abordagem que se segue ao longo deste capítulo diz respeito ao contexto histórico da Psicomotricidade constituído pelos diversos momentos e concepções intitulados cortes epistemológicos, ou seja, será feito um retrospecto no sentido de relacionar a implicação desta na área de Educação Infantil, numa perspectiva de estimular as crianças em seu desenvolvimento integral. Integral no sentido deste indivíduo ser enxergado em suas particularidades, em todos os aspectos que envolvem o desenvolvimento: físico, mental, emocional, social, político, onde a criança deve ser vista como um todo.

2.1 PSICOMOTRICIDADE: DEFINIÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO SEU CAMPO POR MEIO DOS CORTES EPISTEMOLÓGICOS.

Ao analisar a palavra etimologicamente, percebe-se que a mesma diz respeito a algo que envolva a mente e o movimento conforme seus significados: PSICO - mente e MOTRICIDADE, MOTRIZ- movimento. Na verdade, a Psicomotricidade trata-se de uma ciência nova (datada aproximadamente do início do século XX), onde tem início outras ciências recentes, principalmente as Ciências Sociais. Em resumo, a Psicomotricidade define-se como a ciência que evidencia a relação da aprendizagem humana intrinsecamente ligada a todo o movimento do corpo.

Esta relação do movimento e da mente é uma ideia não tão recente, haja vista alguns pensadores já fazerem menção deste pensamento na antiguidade. Os pensamentos mais remotos desta área, no que se refere à relação do homem com seu corpo, advêm das cidades gregas, onde muitos filósofos esboçavam suas reflexões a respeito disto, como era o caso dos “poetas míticos helênicos que exaltavam proezas físicas, como Homero. Filósofos como Platão, fizeram do corpo um lugar de transição da existência do mundo, de uma alma imortal” (NICOLA, 2004, p. 32).

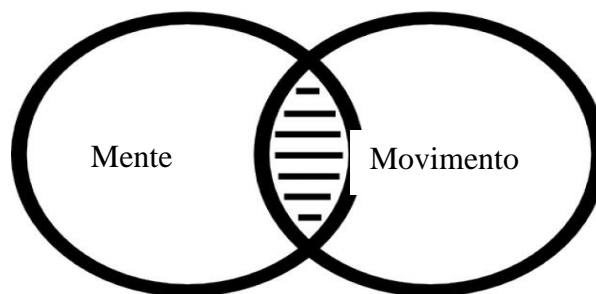


Figura 1 – concepção a respeito da Psicomotricidade na Antiguidade. Imagem idealizada pela autora, mas com imagem extraída do Google.

As ideias iniciais faziam menção do corpo, movimento e a mente, algo que objetivasse assim o desenvolvimento físico. Até então, não se via a Psicomotricidade como meio de proporcionar também o desenvolvimento intelectual. Sendo assim, ela foi pouco a pouco construindo um legado conceitual por meio de muitas mudanças, sendo que a princípio, suas primeiras abordagens contemplavam os aspectos de

recuperação física, como dito anteriormente, ela estava relacionada à reabilitação motora, conforme será tratado no decorrer do texto.

Na atualidade, existem muitos estudiosos que estudam e fazem uso da Psicomotricidade. Ela está presente em diversos segmentos: clínicas de reabilitação (reeducação ou terapia), na Educação, principalmente como instrumento de atuação da Psicopedagogia, que com propriedade tem auxiliado a Pedagogia a compreender melhor algumas das causas das inúmeras dificuldades de aprendizagem de muitos indivíduos, trabalhando no intuito de fazer estes se desenvolverem de maneira apropriada.

Um grande e respeitado nome na área da Psicomotricidade é o do professor catedrático, Vítor da Fonseca. A respeito desta área, ele faz explanações bem pontuais, classificando-a como imprescindível para o desenvolvimento humano. Segundo ele, “a psicomotricidade pode ser definida e conceptualizada como o campo multi e transdisciplinar que estuda e investiga o desenvolvimento biocultural em suas relações e influências, recíprocas e sistêmicas, entre o psiquismo e a motricidade” (FONSECA *in* FERNANDES, 2012, p. 16).

Numa linguagem bastante técnica, Vítor da Fonseca traz em seus estudos uma abordagem toda voltada para a Filogenética, ou seja, baseia-se nos estudos da estruturação da mente, bem como todos os mecanismos pelos quais se dão os movimentos e a relação deste com o desenvolvimento humano. O sentido nesta declaração de Fonseca é justamente à proporção que a Psicomotricidade pode alcançar: multi e transdisciplinariedade, em palavras simplificadas, um campo de atuação vasto e cheio de possibilidades:

Mesmo com as diferentes concepções que definem a ciência em questão, todos os pensamentos sobre ela convergem em um ponto: a indissociabilidade entre psiquismo e motricidade, onde ambas estabelecem conexões precisas que vão assim se conjecturar para ser a ponte entre o indivíduo, seu mundo e conseqüentemente as aprendizagens que obterá por meio destas associações, conforme a definição da palavra:

Psiquismo: totalidade dos processos perceptivos, cognitivos, práticos.
Motricidade: conjunto de expressões mentais e corporais, envolvendo funções tônicas, posturais, somatognósias e práticas que as suportam e as sustentam. Nesse pressuposto, a psicomotricidade tem como finalidade principal o estudo da unidade, da identidade e das complexidades humanas por meio das relações funcionais ou disfuncionais, entre o psiquismo e a

motricidade nas suas múltiplas relações (FONSECA in FERNANDES, 2012, p.5).

Estes autores e estudiosos têm algo em comum: a crença que esta relação dá aos indivíduos condições destes se estabelecerem como sujeitos de suas aprendizagens. Falar sobre Psicomotricidade é adentrar um campo vasto, formado a partir das concepções de várias áreas com suas distintas postulações. Mas o que se pretende neste momento, é simplesmente deixar claro que, independente da abordagem, a Psicomotricidade objetiva focar-se no indivíduo e no seu corpo em movimento, e ainda a ação deste movimento em relação às construções mentais que influenciarão tal indivíduo de forma positivamente:

Psicomotricidade é a ciência que tem como objeto de estudo o homem por meio do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. Psicomotricidade, portanto, é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização (ALMEIDA, 2014, p.9).

O objetivo desta conceituação de Psicomotricidade é explicitar a função desta, tendo em vista todo o seu contexto. Atualmente, em termos de defesa desta ciência no Brasil, têm muitos profissionais psicomotricistas, onde a maioria deles atua na área de Educação Física. A partir dos estudos destes, a Psicomotricidade passou a ter uma visibilidade maior. Existe ainda no contexto nacional, uma organização que reúne estes pesquisadores, a Associação Brasileira de Psicomotricidade. A respeito da Psicomotricidade, ela faz a seguinte definição:

Psicomotricidade é a ciência que tem como objetivo de estudo o homem por meio do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas (SBP, 2013, p.1).

A Psicomotricidade pode também ser definida como o campo amplo, cheio de várias contribuições teóricas que em resumo investiga as relações e as influências

recíprocas e sistêmicas entre o psiquismo e a motricidade, onde “baseada numa visão holística do ser humano, encara de forma integrada as funções cognitivas, sócio emocionais, simbólicas, psicolinguísticas e motoras” (SBP, 2013, p.2). Por meio dela se busca estimular a capacidade de ser e agir, tendo em vista o contexto social e as relações nele estabelecidas.

A esse respeito Fonseca (1983, p. 201) afirma que “psicomotricidade é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito, cuja ação é resultante de sua socialização”. Segundo ele, “a psicomotricidade ainda pode ser considerada como ciência que educa o movimento e desenvolve as funções de inteligência, favorecendo, portanto, o processo de aprendizagem” (FONSECA, 1983, p. 202).

Em resumo, a Psicomotricidade é a ciência que objetiva o desenvolvimento intelectual do homem por meio do movimento. Para que tal desenvolvimento realmente aconteça, outros elementos são necessários, como a afetividade constituída a partir das experiências com os outros, agindo diretamente na cognição. As definições sobre a Psicomotricidade foram se constituindo ao longo dos anos, tendo como pressupostos as influências de várias áreas.

A partir daqui, serão abordados alguns dos momentos históricos significativos no processo de estruturação da Psicomotricidade, denominados cortes epistemológicos⁷. Tais cortes não foram definidos em decorrência da sucessão dos anos ou evolução cronológica, na verdade, eles se classificam conforme o seu uso, a partir das intenções dos psicomotricistas, ou seja, foram cortes delineados ao longo dos anos conforme as contribuições conceituais já mencionadas. Sendo uma única ciência, a Psicomotricidade tem como diferencial, a maneira pela qual é utilizada, conforme a área que dela se apropria:

Não existem diferentes psicomotricidades; é apenas uma, com a sua história, fundamentos epistemológicos e conceituais próprios, associados a práticas psicomotoras que utilizam diferentes abordagens e mediações corporais. Assim, não parece correto falar de psicomotricidade relacional, instrumental, funcional, ou qualquer outro gênero de psicomotricidade, mas, e apenas, de psicomotricidade (FERNANDES, 2012, p. 24).

⁷Segundo Esteban Levin, são as transições lógicas e não cronológicas, não são fases que se superam, mas diferentes posicionamentos teóricos (clínicos e éticos) que se definem a partir da concepção de sujeito. Disponível em: [http:// bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article](http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article).

O primeiro momento da Psicomotricidade teve suas influências estreitamente ligadas à neuropsiquiatria, com descobertas relacionadas ao cérebro. As primeiras ideias surgiram na tentativa de validar respostas cientificamente para o tratamento de pessoas em processo de perdas dos seus movimentos. Foi com Dupré (1907) que surgiram as primeiras noções de psicomotricidade, porém moldadas pelos padrões psiquiátricos. O importante aqui, é que por meio da sua evidenciação de um paralelismo psicomotor, deu margem à compreensão da estreita associação entre motricidade e a inteligência:

Historicamente o termo "psicomotricidade" aparece a partir do discurso médico, mais precisamente neurológico, quando foi necessário, no início do século XIX, nomear as zonas do córtex cerebral situadas mais além das regiões motoras. Com o desenvolvimento e as descobertas da neurofisiologia, começa a constatar-se que há diferentes disfunções graves sem que o cérebro esteja lesionado ou sem que a lesão esteja claramente localizada. São descobertos distúrbios da atividade gestual, da atividade práxica. Portanto, o "esquema anátomo-clínico" que determinava para cada sintoma sua correspondente lesão focal já não podia explicar alguns fenômenos patológicos. É, justamente, a partir da necessidade médica de encontrar uma área que explique certos fenômenos clínicos que se nomeia, pela primeira vez, no ano de 1870 o termo Psicomotricidade. (LUSSAC, 2008, p.23)

Eis aqui o denominado primeiro corte epistemológico: a Psicomotricidade como legado da neuropsiquiatria. Dentro desta perspectiva, surge Henri Wallon, um dos grandes nomes da área. Compartilhava dos pensamentos de Dupré no sentido de que a mente e o corpo agem conjuntamente. Mas, em seus escritos traz outras contribuições novas e mais relevantes; passa a designar a intencionalidade das ações cerebrais sobre o corpo e a relação deste, além do biológico. Ele correlacionou a motricidade com a inteligência humana acrescida de outros elementos, frutos da interação com o meio social: o afeto, as emoções.

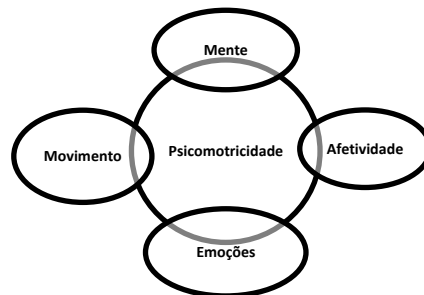


Figura 2 – conceito de Psicomotricidade a partir das contribuições de Wallon– imagem idealizada pela autora

Muitos foram os médicos psiquiatras, neuropsiquiatras, que contribuíram para alicerçar os princípios psicomotores, mas sempre dentro desta perspectiva de reabilitação motora. Eles procuravam explicações para isto e acabaram por trazer novos achados para a Psicomotricidade. Outro autor deste período que “ influenciado pelas ideias de Dupré e Wallon, Guilmain, propõe um novo método de trabalho: a reeducação psicomotora” (PINTO, 2010, p.38).

Nesta etapa, dá-se início a uma abordagem psicomotora pautado na recuperação de movimentos perdidos, bem como algumas debilidades que se apresentasse. E foi justamente assim, que Edouard Guilmain, utilizando os princípios da Neuropsiquiatria infantil desenvolveu séries de exercícios para conseguir reeducar o corpo, com o propósito de fazê-lo ter uma retomada dos movimentos que antes apresentava:

Guilmain, pedagogo, sempre com a preocupação de melhora as crianças das classes de aperfeiçoamento, estudou a Psicomotricidade acreditando que poderia intervir para servir de impacto, propondo exercícios físicos motores ou psicomotores adaptados às crianças especiais. Assim ele pode realizar a síntese entre os dados da Medicina e os da Pedagogia (ALVES, 2009, p.42).

Um momento que marca a Psicomotricidade em relação à conceituação da mesma, está nos escritos de Ajuriaguerra que consegue sistematizar os conceitos psicomotores iniciais. Na verdade, a partir de seus estudos, acontecem as primeiras definições sobre esta, começando assim, a associá-la ao movimento. Ele teve várias obras, mas especificamente, o Manual da Psiquiatria Infantil, traz suas delimitações dos transtornos psicomotores. Ajuriaguerra defendia que tais transtornos oscilavam entre o neurológico e o psiquiátrico, conseguindo desvencilhar a ação neurológica.

No ano de 1947 o psiquiatra Ajuriaguerra, muda os conceitos da Psicomotricidade, associando-a ao movimento, redefinindo o conceito de debilidade motora, passando a classificá-la como síndrome, com particularidades próprias, delimitando os transtornos psicomotores que ocorrem entre os fatores neurológicos e psiquiátricos. Segundo Fonseca (1988), neste mesmo ano, é criada a primeira técnica reeducativa que se vinculava aos distúrbios psicomotores. Ajuriaguerra passa a consolidar as bases da evolução psicomotora, enfocando mais especificamente o corpo e sua relação com o meio.

Muitos outros pensadores desta vertente contribuíram para a estruturação teórica e prática da Psicomotricidade. Sendo assim, como se trata de um breve

histórico, foram trazidos quatro deles que pontuam mais especificamente este corte. Cada um dos que foram citados trouxeram grandes postulados: Dupré com o paralelismo motor, ou seja, o movimento atrelado à inteligência, Wallon com sua abordagem deste movimento atrelado à inteligência e também ao emocional; Edouard Guilmain com seus exercícios de reabilitação e Ajuriaguerra com a delimitação específica de transtornos, dando assim mais propriedade à área.

Assim, como os psiquiatras e neuropsiquiatras deram suas contribuições ao campo da Psicomotricidade, não obstante, grandes pensadores da abordagem psicológica, marcaram esta área com seus postulados, mais exatamente, trazendo a afirmação e relação do movimento com a aprendizagem. Um dos nomes iniciais da Psicologia a contribuir é o grande Jean Piaget, que tem em seus estudos o postulado da Psicologia Genética. Aqui surge o segundo corte epistemológico da Psicomotricidade: as contribuições psicológicas.

Segundo as suas muitas descobertas, mediado pelo propósito de saber como se processa a aprendizagem na mente humana, Piaget defendia que o movimento está relacionado com a inteligência bem antes mesmo da aquisição da linguagem. “Para Piaget, a inteligência é uma adaptação ao meio ambiente e para que ela aconteça é necessário que o indivíduo explore o meio no qual está inserido. Assim, através de experimentações motoras, ele percebeu as inter – relações entre a motricidade e a percepção” (OLIVEIRA, 2009, p.25).

Piaget, por meio de suas descobertas, pontua que o ser antes mesmo de desenvolver a formalização do pensamento, passa por uma série de sucessões de estágios. “A principal teoria de Piaget onde ele divide os estágios de desenvolvimento em quatro períodos: o sensório-motor, o pré-operacional, operações concretas e operações formais, estão diretamente relacionados com a psicomotricidade” (OLIVEIRA; SOUZA APUD MELLO, 2006, p. 12).

Este grande pensador foi quem organizou as ideias dos estágios do desenvolvimento da inteligência humana. Ele defende ainda cada um destes estágios, associando-os cronologicamente, ou seja, cada fase acontece numa certa idade, que vai do nascimento até a fase adulta. Tendo em vista a compreensão do desenvolvimento por meio destas fases pontuadas por Piaget, muitas de suas contribuições são revertidas para o campo da Educação e também passam a embasar teoricamente a Psicomotricidade, solidificando cada vez mais o seu campo:

A prática de Piaget também contribuiu para o enriquecimento teórico da psicomotricidade, já que estudou com profundidade as inter-relações entre a motricidade e a percepção, por meio de uma ampla experimentação. Para o referido autor, Piaget entende que a motricidade interfere na inteligência, antes da aquisição da linguagem, pois considera que o resultado de certa experimentação motora integrada e interiorizada como processo de adaptação é essencialmente movimento (MACHADO; TAVARES, 2010, p. 55).

Para Piaget, a influência da Psicologia sobre a Pedagogia, tornou-se mais intensa a partir das pesquisas psicológicas e do desenvolvimento de métodos de observação. Piaget tinha como referência o trabalho desenvolvido por Montessori, e concluiu que a aprendizagem se intensifica quando há possibilidades de que as crianças manuseiem algo material. Quando criou o modelo piagetiano, que chamou de método clínico, deu aos educadores uma grande contribuição. Segundo suas pesquisas, o conhecimento é constituído através de interações do sujeito com o objeto, onde o desenvolvimento cognitivo dar-se-á pela ação deste sobre tal.

Já outra grande influência neste corte epistemológico, quase que adentrando o terceiro momento da Psicomotricidade, diz respeito às contribuições da Psicanálise. Dentro desta linha de pensamento, um nome muito conhecido por ser seu idealizador é o de Sigmund Freud. A ideia de corpo que fala e cheio de significações, vem dos seus estudos. Seu enfoque de pesquisa era o psiquismo e a influência deste nos transtornos que o paciente apresentava. Definiu ainda, as ações da mente no sentido da ação humana por meio da identificação do ego, superego e id, elementos localizados no cérebro que configuram deste modo o inconsciente.

Por meio dos estudos de Sigmund Freud, o corpo passa a ser visto como fonte de novas possibilidades, como instrumento de realização do que deseja o sujeito. Acredita-se então, que a ideia anterior de indissociabilidade entre mente e corpo, passa a ser reforçada, tendo em vista a ligação intrínseca do pensar, da inteligência, emocional e motor. O que antes eram apenas duas relações passa a compor um conjunto de fatores reforçando que o corpo pode ser usado e estimulado para o desenvolvimento do indivíduo.

Todas as contribuições até então relatadas neste segundo corte, evidencia que o corpo passa a ser percebido de forma diferente, como dito acima. O corpo deixa de ser visto como projetor de movimentos, passando a ser visto como fonte de construção de inteligência. “O foco da Psicomotricidade não é mais o proposto pelas

práticas reeducativas, mas o da terapia psicomotora que se ocupa de um corpo que se movimenta, que sente e se emociona” (PINTO, 2010, p.65).

As contribuições da Psicologia trazem a compreensão como se deu este segundo corte epistemológico. O que antes pairava somente na compreensão dos movimentos, passa a ser discutida de outra maneira. Antes, ela era apenas enxergada como instrumento de reabilitação. O enfoque passa a ser outro onde a Psicomotricidade passa da reeducação para uma terapia psicomotora, visando à emoção, a expressão e a afetividade, tendo o corpo, a motricidade e a emoção integrados em si mesmos. O homem passa a ser visto em sua totalidade e não fragmentado.

Justamente, quando a Psicanálise passa a contribuir e influenciar os pensamentos fundantes da Psicomotricidade, ocorre o denominado terceiro corte epistemológico, fase onde o corpo passa a ser visto de uma nova maneira. Onde o sujeito tem domínio sobre este, e nesta relação, acaba por desenvolver-se em vários aspectos de sua vida. Aqui, até a classificação de corpo e sujeito são modificadas dentro de uma perspectiva “norteada pela transferência e pelo corpo real imaginário e simbólico” (OLIVEIRA, 2009, p.92).

Dentro desta abordagem de aprendizagens por meio do corpo, surgem os psicomotricistas, pessoas as quais estavam diretamente ligadas às ações psicomotoras. Nesta etapa, fica evidente que há uma mudança no direcionamento do olhar do profissional que passa a ver o sujeito desejante com seu corpo em movimento. Aqui, o corpo não é visto como um elemento em movimento, mas que está ligado a tudo com que se relaciona, tendo assim mobilidade estimulada, conforme as oportunidades e o contexto onde se encontra.

Na verdade, até este momento, a Psicomotricidade era classificada em clínica psicomotora, mesmo na perspectiva do corpo como não só provedor de movimento. Mas nos anos que se sucedem, ele passa a ser visto como fonte de aprendizagem, mais exatamente nas décadas de 70 a 80, onde vários autores e pensadores dão contribuições bem pertinentes e densas, enriquecendo ainda mais o legado da Psicomotricidade:

Mais tarde, próximo a década de 70, autores como Le Bouch, Lapierre, Acouturier, Defrontaine, entre outros defendiam a ideia de que a educação psicomotora era vista como uma forma de ajudar a criança com dificuldade de adaptação a participar do âmbito escolar, desenvolvendo suas potencialidades. A psicomotricidade, neste momento, era vista como

motricidade de relação, passando a existir uma diferença entre postura reeducativa e terapêutica, dando-se, progressivamente, maior importância à relação, à afetividade e ao emocional (OLIVEIRA, 2009, p. 97).

A educação psicomotora tem sua fundamentação teórica construída no que fora considerado o terceiro corte epistemológico da Psicomotricidade, enfatizando assim o uso desta, direcionada ao campo educacional. Muitos a denominam como preventiva, haja vista possibilitar condições necessárias para a criança se desenvolver no seu ambiente. A Psicomotricidade se constituiu em duas vertentes, conforme a sua utilização: a funcional e a relacional.

A primeira baseia-se na organização e aplicação de exercícios que trabalhem mecanicamente o aprimoramento dos movimentos. Aqui, o psicomotricista é o “profissional da área da saúde e educação que pesquisa, ajuda, previne e cuida do homem na aquisição, no desenvolvimento e nos distúrbios da integração somapsíquica” (ALMEIDA, 2014, p.17). Já a segunda, diz respeito à utilização de uma prática pedagógica pela via corporal, que não significa apenas treinar a criança para adquirir novas habilidades, mas antes de tudo, busca estratégias de ação que permitam a exteriorização, através de diferentes tipos de linguagem.

A educação psicomotora traz em sua teoria aspectos tanto da Psicomotricidade funcional como da relacional, mas a predominância das ações desta se encaixa com grande ênfase na relacional. Não podemos desconsiderar uma ou outra maneira de se trabalhar a psicomotricidade, o que se pretende é explicar como a educação psicomotora pode ser utilizada de forma que oportunize a criança seu desenvolvimento pleno. A respeito de sua conceituação, tem-se a seguinte definição:

A educação psicomotora é uma técnica, que através de exercícios e jogos adequados a cada faixa etária leva a criança ao desenvolvimento global de ser. Devendo estimular, de tal forma, toda uma atitude relacionada ao corpo, respeitando as diferenças individuais (o ser é único, diferenciado e especial) e levando a autonomia do indivíduo como lugar de percepção, expressão e criação em todo seu potencial (NEGRINE, 1986, p. 15).

Dentro desta perspectiva, alguns nomes são apontados na defesa da ação da educação psicomotora. O próprio autor Negrine, acima citado, é uma referência no Brasil no que concerne a essa educação. Ele baseia-se nos conceitos teóricos defendidos por Lapierre, o criador da psicomotricidade relacional. No decorrer deste

tópico, falaremos sobre outros autores que pesquisam e escrevem a respeito, mas o mais importante, é compreender que esta abordagem focada na relação, é a que mais deve ser compreendida por pessoas que atuam na Educação.

Temos a partir dos estudos de Jean Le Boulch, o método Psicocinética, o qual trazia como pressuposto teórico a criação de uma ciência com ênfase no movimento de forma aplicada ao desenvolvimento humano. Era educador físico, médico e também psicólogo, sendo sua proposta, uma educação pelo movimento no contexto das ciências da educação. Acreditava que a educação psicomotora deveria ser utilizada o mais cedo possível, visando o desenvolvimento:

A educação psicomotora na idade escolar deve ser, antes de tudo, uma experiência ativa de confrontação com o meio. Dessa maneira, esse ensino segue uma perspectiva de uma verdadeira preparação para a vida que se deve inscrever no papel de escola, e os métodos pedagógicos renovados devem, por conseguinte, tender a ajudar a criança a desenvolver-se da melhor maneira possível, a tirar o melhor partido de todos os seus recursos, preparando para a vida social (LE BOULCH, 1987, p.34).

Segundo Le Boulch (2001), a educação psicomotora deveria ser pensada como uma forma de educação global, cujo trabalho, permite uma maior aprendizagem, tendo em vista os potenciais intelectuais, afetivos, sociais e motores da criança para dar-lhe segurança e equilíbrio, e que se bem organizado, conforme o meio que vive, apresentar grandes possibilidades de fazer com que a criança evolua no seu processo de desenvolvimento.

Le Boulch ainda definiu o esquema corporal⁸ em 3 fases, onde todas elas tem como foco a relação da criança com seu corpo, experienciando diversas situações por meio dele. Isto acontece numa perspectiva de construção mental, a qual ela vai realizar gradualmente à medida que utiliza cada vez mais seu corpo para se expressar em várias linguagens. A estas fases, ele nomeou da seguinte maneira: 1ª etapa, o corpo vivido; 2ª etapa, o corpo percebido ou descoberto e por fim a 3ª etapa que é o corpo representado.

A primeira etapa, designada corpo vivido, que acontece até os três anos de idade, diz respeito à fase sensório-motora de Piaget. Aqui, o bebê sente o ambiente como fazendo parte dele mesmo; nesse período, a criança movimenta muito. A

⁸Esquema corporal é a consciência do corpo como meio de comunicação consigo mesmo e com o meio. É um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo.

segunda etapa, designada corpo percebido, se dá dos três aos sete anos de idade: esta fase corresponde à organização do esquema corporal, onde a criança tem uma tomada de consciência a respeito de seu próprio corpo, deslocando sua atenção do meio ambiente para seu corpo, conseguindo assim, um melhor controle deste. E por fim, acontece a terceira fase, chamada corpo representando, que acontece entre os sete e doze anos, onde a criança estrutura o esquema corporal.

Outro nome muito importante dentro da educação psicomotora é o de Bernard Aucouturier. Este desenvolveu seus estudos, tendo em vista a defesa de um novo parâmetro de comportamento, denominado assim por ele como morfologia. Segundo ele, a morfologia estava tanto a fatores hereditários como fatores tônico-emocionais, dependentes de um estado afetivo latente, particular de cada criança. Assim, ele empenhou-se em respeitar a personalidade de cada criança, conforme a mesma se apresentava.

A proposta por ele desenvolvida tinha como um dos passos, observar a criança de forma individualizada, respeitando assim, as suas características, bem como a sua forma de agir. Sua técnica consistia em deixar tal criança livre para fazer com que descobrisse sua própria atitude, sentindo-se bem e buscando as sensações internas de equilíbrio, de relaxamento tônico, de simetria corporal, dando bastante importância à exploração de sua própria morfologia em relação a uma ou várias crianças do grupo. Nada era imposto, cada criança escolhia o que a convinha para seu bem estar postural e pessoal.

As suas experiências aconteceram com a presença de professores de Educação Física, os quais o ajudavam no tocante a revisar as questões da reeducação postural. Esta experiência pedagógica aconteceu com crianças entre cinco e dez anos, onde ficou confirmado assim, que estas sentiam um bem estar em seus corpos e em suas atitudes posturais, demonstrando prazer na realização das atividades físicas que lhe eram propostas:

É neste sentido que Aucouturier(2007;2010) afirma que as crianças, por meio das brincadeiras espontâneas impregnadas de simbolismo, mediatizam os fantasmas de ação e asseguram ou reasseguram de perda, e paralelamente favorecem a integralidade da realidade e a vivência do prazer de ser elas próprias (FERNANDES, 2012, p.10).

Assim, a Psicomotricidade defendida por Aucouturier, era que a mesma acontecesse a partir do prazer do movimento, da expressão livre, da brincadeira, da

criação, da interação e da comunicação. Esta vasta experiência e a tentativa de ir do normal ao patológico permitiu a Bernard Aucouturier, adquirir um conhecimento profundo sobre o desenvolvimento infantil, bem como, definir os pontos comuns e diferentes entre as práticas educativa e terapêutica:

A prática psicomotora profilática e educativa preconizada por Bernard Aucouturier favorece a passagem do prazer de agir ao prazer de pensar, reassegurando a criança contra as suas angústias[...]essa prática de ajuda visa a implementação do registro simbólico no corpo e nos afeto de prazer, por meio de uma relação interativa entre a criança e o psicomotricistas (FERNANDES, 2012, p.9).

Numa obra sua, recente, já traduzida e publicada no Brasil, Aucouturier ressalta os principais conceitos teóricos e práticos da PPA (Prática Psicomotora de Aucouturier), desenvolvidos ao longo destes últimos anos. Dentre estes conceitos, ele fala sobre a necessidade de se compreender psicologicamente o movimento infantil, tendo como referência o inconsciente. Fala ainda sobre a prática psicomotora educativa e preventiva, tendo em vista maturação psicológica da criança a partir prazer de agir e prazer de pensar.

Considerado o pai Psicomotricidade Relacional, André Lapiere tem em seus estudos, princípios que vão embasar a educação psicomotora. Tendo como postulação o desenvolvimento por meio do jogo espontâneo e o prazer de brincar, Lapiere defende que é por meio deste jogo simbólico que a criança vence seus medos e traumas. A Psicomotricidade Relacional foi representada por Lapiere na década de setenta. É uma prática educativa, de valor preventivo e terapêutico, que permite crianças, adolescentes e adultos, expressarem seus conflitos relacionais, superando-os através do brincar:

É por meio do jogo espontâneo e o prazer de brincar, que a brincadeira frui em sua participação. A brincadeira livre e espontânea cria uma situação semelhante da associação livre da psicanálise, da qual, segundo a regra fundamental de Freud, convida-se o paciente a dizer tudo o que pensa e sente, sem escolher ou emitir nada do que lhe vem a mente, ainda que lhe pareça desagradável comunicá-lo, ridículo, culpado, sem interesse ou fora do lugar. Em Psicomotricidade Relacional, o dizer corporal substituiu o dizer verbal e assume a sua função. Trata-se de estar a escuta do que se diz (LAPIERRE; LAPIERRE, 2002. p . 39).

A finalidade da Psicomotricidade Relacional é a de atuar sobre os fatores psico-afetivos relacionais adquiridos na infância. Esses fatores estão diretamente vinculados a dificuldades de adaptação no cotidiano e no convívio social. Esta

prática propicia a descoberta dos meios que facilitam o desenvolvimento global do indivíduo. O fato se dá através do lúdico, a criança consegue revelar o que sente. Neste sentido é possível descobrir o que esta sente, onde ela expressa seus desejos, necessidades por meio do que ela mais gosta: o brincar.

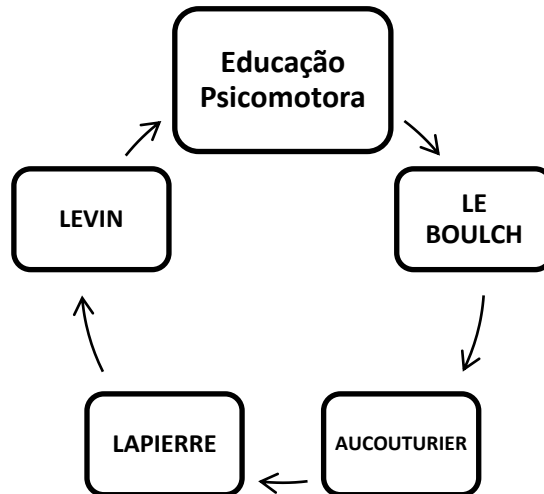


Figura 3 – Grandes nomes da Educação Psicomotora - imagem feita pela autora

Em seu livro *O adulto diante da criança de zero a três anos*, André Lapierre em parceria com Anne Lapierre desenvolvem sessões terapêuticas junto aos professores de uma determinada instituição no sentido de descobrir o que tais sentiam as suas afições. Segundo a descrição dos autores no livro, eram feitas várias brincadeiras com as crianças de modo que estas as fizessem de maneira espontânea. Por meio destas vivências, foi evidenciado que a criança se desenvolve por meio da percepção do seu corpo, de um corpo vivido por meio de ações interessantes de forma lúdica.

Neste contexto, ao falarem sobre os traumas das crianças e a facilidade com que elas expressam sua agressividade, por exemplo, afirmam que isto é reflexo da vivência com o adulto que acaba perpetuando para seus filhos seus próprios fantasmas personificados na angústia. Então, se percebe que os conflitos da criança, na maioria das vezes, vêm desta convivência:

Estamos convencidos de que na criança (e por vezes assim no adulto), o inconsciente pode ser modificado sem passar necessariamente por uma verbalização e uma elaboração consciente. A vivência dessas relações pode permitir uma saída aos inevitáveis conflitos que a criança vivencia no ambiente familiar e assim modifica suas estratégias relacionais. Nessa

saída, encontra-se com a dificuldade dos pais [...] dessa forma se transmitem as neuroses familiares (LAPIERRE; LAPIERRE, 2002. p . 63).

Um dos nomes que não poderia deixar de ser citado é o de Esteban Levin, psicólogo e professor de Educação Física, argentino. É um dos pesquisadores que mais contribuem com seus estudos no campo da Psicomotricidade na atualidade. Segundo LEVIN, o corpo, os movimentos e a imagem que se tem desse corpo são fundamentais na aprendizagem e na formação geral do adulto, sendo este estimulado desde criança. Ao colocar o corpo e os gestos no centro do desenvolvimento infantil, os estudos sobre psicomotricidade estão ajudando a pedagogia a renovar-se e a definir novos princípios para o ensino.

Suas primeiras linhas começaram a ser traçadas pelo psicólogo e filósofo francês Henry Wallon (1879-1962), em meados dos anos 1920, quando ele introduziu a idéia de que o movimento do corpo tem caráter pedagógico, tanto pelo gesto em si, quanto pelo que a ação representa. Na década de 1950, a psicomotricidade ganhou um campo definido de pesquisa. O psiquiatra Julián de Ajuriaguerra, considerado o pai dessa nova área do conhecimento, definiu-a como sendo a ciência da saúde e da educação, visando à representação e a expressão motora.

Em entrevista a revista ESCOLA concedida durante sua estadia no Brasil para participar do 9º Congresso Brasileiro de Psicomotricidade, realizado em Olinda (PE), Levin explicou como o educador pode explorar a agitação natural da criança para ensiná-la a ler e a escrever, para alfabetizá-la matematicamente e também para que ela aprenda as mais diversas disciplinas escolares. Ele afirma que a utilização do movimento da criança possibilita grandes aprendizagens nestas.

Os denominados cortes epistemológicos retratam então, o caminho que a Psicomotricidade traçou até alcançar a sua autonomia enquanto ciência de grande porte e completamente estruturada. Ela hoje pode ser observada em diversos espaços: clínicos como centro de reabilitação e instituições educacionais sob a responsabilidade do psicopedagogo. Desde que surgiu, sempre teve o corpo e a mente como relacionais, sem que fossem analisados separados e sim conjuntamente.

Psicomotricidade é bem mais do que manual, ou um composto de situações com finalidades prescritivas. É uma ciência que surgiu para possibilitar o estudo do

homem e de seu movimento, mais do que isto, a relação deste com seu mundo interno e externo. Conceituamos assim a Psicomotricidade como concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito. Por isto, a Psicomotricidade deve ser reconhecida como necessária na educação infantil, conforme será abordado no próximo tópico.

2.2 PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM CONHECIMENTO NECESSÁRIO AO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA.

Para que aconteça a Psicomotricidade, a criança precisa ser enxergada de maneira diferente, enquanto sujeito ativo em suas aprendizagens se faz necessário previamente, uma discussão imprescindível sobre uma determinada temática: o conceito de Infância; não uma única infância, mas sim as várias infâncias que se têm conceito, este também modificado ao longo do tempo. Pois durante um longo período, a criança na sociedade não era vista como um sujeito com direitos de aprendizagem, e sim como um objeto do cuidado adulto, onde este sempre manteve o controle não só das ações desta, como também sobre a forma de pensar, aprender, muitas vezes considerando-a “uma folha em branco”⁹ a ser preenchida.

A Educação Infantil é o segmento responsável pela a aprendizagem das crianças de zero a cinco anos. Sendo assim, as pessoas que estão como profissionais, neste contexto, necessitam de norteadores para a prática pedagógica. Concepções não se constroem sem embasamento. Neste propósito, também será feita uma abordagem do trabalho em Psicomotricidade a partir de alguns documentos oficiais, como DCNEIS (Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação Infantil) e principalmente a proposta da Rede Municipal de Irecê, mostrando que estes incentivam utilização dos princípios psicomotores nas práticas docentes.

Para se trabalhar com Psicomotricidade, é primordial compreender a dimensão e abrangência de sua ação. Ela estimula várias áreas, de forma que o indivíduo se desenvolva por meio de seu movimento e interação. Assim, serão

⁹Concepção defendida pelo filósofo britânico John Locke em relação às aprendizagens. Segundo ele somos uma tábula rasa que é escrita a medida das vivências. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br>.

tratadas em suas áreas, quais habilidades devem ser estimuladas em cada uma delas. Dessa forma, o educador deve ter em mente que a criança é um ser diferenciado que merece todo o estímulo, possibilitando o seu desenvolvimento integral, levando em conta todas as suas especificidades.

2.2.1 Compreendendo o conceito de infância: algumas abordagens construídas ao longo dos tempos.

Ao tentar conceituar a palavra infância tendo em vista o seu significado pelo o dicionário, temos a seguinte definição: “ 1- período de vida humana desde o nascimento até à puberdade; 2- as crianças;3 - começo, princípio, os primeiros anos”¹⁰. Esta visão poderia ser considerada reducionista, mediante a discussão que se pretende. Realmente, este não é o sentido mais interessante nesta reflexão, mas se faz necessário para se compreender qual a abordagem que se intenciona no decorrer deste tópico, pois muitos consideram a infância apenas como uma fase do desenvolvimento, ao tempo que outros concebem a mesma com a forma de viver e brincar quando criança.

Assim sendo, algumas considerações serão feitas, tendo em vista a forma de vida das crianças, suas relações nesta fase de desenvolvimento. Concepção esta que tem sido discutida tanto no contexto mundial como nacional, no que compete a falar sobre a educação voltada para as crianças. Muito mais do que uma definição, a infância tem que ser vista como algo diferenciado, construído ao longo de toda uma vivência, permeada de várias particularidades que variam desde as condições econômicas como (principalmente) questões culturais, sociais, políticas e históricas:

Com efeito, crianças existiram sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social — a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria — existe desde os séculos XVII e XVIII (PINTO; SARMENTO, 1997, p.1)

Para todo profissional que trabalha com as crianças de Educação Infantil, é de suma importância que este compreenda o conceito de infância. Conceito este que começa

¹⁰ Definição a partir da consulta ao Dicionário Aurélio Online. Disponível em: <http://dicionarioaurélio.com/infancia>.

a ser mudado a partir das percepções sensíveis de Rousseau¹¹, que considerava a criança como um ser que requer cuidados especiais, ideia contrária aos pensamentos da época, onde tal não era percebida enquanto um ser com necessidades e características específicas. E esta visão que se tinha, era a que predominava em todo o mundo, mas principalmente no Brasil.

Falar sobre Infância no contexto histórico é fazer uma retomada conceitual de como a criança era vista pelos adultos, conforme cada época, como era tratada em termos de cuidados e que tipo de educação era dispensado a ela. Tal período foi considerado como sendo de invisibilidade social, onde as crianças eram consideradas adultos pequenos, ou seja, adultos em miniatura. Na verdade, as crianças existiam, mas não eram percebidas e nem tampouco respeitadas em suas peculiaridades, não passava de um objeto, segundo GOUVEA; SARMENTO (2008, p. 13):

As crianças, durante séculos, foram representadas prioritariamente como “homúnculos”, seres humanos miniaturizados que só valia a pena estudar pela sua incompletude e imperfeição. Estes seres sociais em transito para a vida adulta foram, deste modo, analisados prioritariamente como objeto de cuidados dos adultos.

Até o século XIX, as crianças vivam de maneira semelhante ao adulto, suas necessidades e cuidados básicos não eram respeitados. Eram tratadas como um ser qualquer “eram o que se chamava “crias” da casa, de responsabilidade (nem sempre assumida inteira ou parcialmente) da família” (FREITAS, 2013, p.20). E assim, foi durante muito tempo. Mesmo com o surgimento das primeiras creches, cujo objetivo era cuidar das crianças, enquanto suas mães trabalhavam, não se pensava nas especificidades da criança, simplesmente as depositavam naquele lugar.

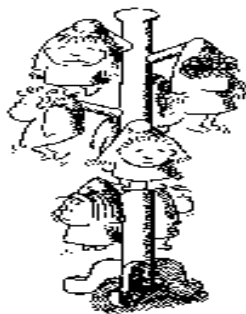


Figura 4 – Concepção de creche enquanto depósito de crianças – imagem extraída do Google

¹¹ Em sua grande obra Emílio, Rousseau idealiza uma criança imaginária e projeta ali a forma que deva ser uma educação adequada para esta de forma que leve em consideração sua fase.

Inicialmente, assim eram vistas as instituições de cuidado infantil: um lugar para guardar as crianças. O espaço era limitado, servindo apenas para garantir que as mães funcionárias produzissem muito com uma preocupação a menos. Não se pretendia ensinar crianças, nem tão pouco perceber as suas peculiaridades, mas o foco era meramente o de dar suporte às famílias operárias que tinham que trabalhar:

Sob o manto do paternalismo e para atrair e reter a força de trabalho, vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também algumas creches e escolas maternas para os filhos de operários[...]. O fato de o filho da operária estar sendo atendido em creche ou escolas maternas montadas pelas fábricas passou, inclusive, a ser reconhecidos por alguns empresários como trazendo vantagens para a produção da mãe (BLAY, 1975; PINHEIRO E HALL, 1981 apud OLIVEIRA)

Essa era então, uma realidade da época em diversos países que com a industrialização crescia. Na tentativa de crescer, as empresas investiam nestes espaços voltados ao cuidado infantil. No Brasil, a Creche não foi inserida de forma diferente; ao contrário, ainda tentava sanar problemas sociais. Como já dito, o atendimento nas creches e pré-escolas era meramente assistencialista, ou seja, só via este segmento como meio de compensar a pobreza:

O fracasso escolar de parcelas significativas das crianças oriundas das camadas populares nos anos iniciais da escolaridade, constitui traço marcante do sistema de ensino brasileiro e latino-americano em geral. No Brasil, a partir da década de 70, a política educacional tem dado grande destaque à necessidade de oferecer a essas crianças, experiências que a levem a compensar suas “deficiências”. O pressuposto dessa política é de que o fracasso acontece porque as crianças não estariam suficientemente preparadas para tirar proveito satisfatório da escola (KRAMER, 1982, p.54).

De acordo com perspectiva, a preocupação com a criança só se dava em nível de cuidados básicos já mencionados, como no caso das crianças advindas das classes sociais menos favorecidas. Essas instituições surgem na mesma época que as escolas infantis intituladas Jardins de Infância. O Jardim de Infância surgiu a partir dos pensamentos do alemão Frederich Froebel(1782-1852), que foi um dos primeiros educadores a considerar o início da infância como uma fase de grande importância na formação das pessoas,mas como outros de sua época, concebia a criança enquanto plantinhas a serem cuidadas. Mas é a partir de seus estudos que as crianças passam a ser enxergadas de outra maneira.

Já diretamente no Brasil, foram inúmeras as tentativas do governo tentar proporcionar assistência à infância por meio de diversos programas como a instituição da LBA (Legião Brasileira de Assistência) e o Projeto Casulo. Os rumos da LBA foram os mais diversos, devido à falta de recursos, sendo até certo tempo sustentado pela Loteria Esportiva. O projeto Casulo surge também como educação compensatória, preocupada com a educação das crianças superficialmente, pois acaba por não deixar de se preocupar com a assistência as crianças:

A concretização dos objetivos educacionais do Casulo se dá através do desenvolvimento de atividades adequadas à faixa etária das crianças, de acordo com as suas necessidades e características específicas de seu momento de vida. Como diretriz geral, o Projeto Casulo não pretende, portanto, preparar para uma escolaridade futura: sua tônica se centraliza, por um lado, no atendimento às carências nutricionais das crianças e, por outro lado, na realização de atividades de cunho recreativo (KRAMER, 2011, p.73).

Não se pretende aqui relatar como eram tratadas as crianças de forma específica, mas sim, dar uma ideia de como a concepção de aprendizagem dela era vista pelos que com elas lidavam. Não se tinha uma preocupação com a formação desta criança visando seu pleno desenvolvimento nas áreas pessoal e social, mas como dito, pensava-se tão somente sanar ou tentar compensar as desigualdades sociais da época onde estas crianças estavam inseridas. Até aqui, elas eram vistas como seres necessitados tão simplesmente de cuidados básicos como saúde e bem-estar.

No entanto, esta preocupação não foi de todo invalidada, pois foi com as ações do UNICEF (United Nations Children's Fund - Fundo das Nações Unidas para a Infância), que se começou a pensar em investimentos plausíveis para o funcionamento adequado do ensino das crianças de 0 a 6 anos. A partir dele, uma organização internacional, conseguiu um pouco, direcionar o olhar dos governantes em relação ao cuidar adequadamente, crendo que por meio destes cuidados, estas crianças seriam transformadas em “cidadãos de bem”:

Durante a década de 60, o UNICEF e outras agências ligadas à ONU, como UNESCO, ampliavam sua atuação em relação à infância e reconheciam, ainda, a importância da “educação como preparação pra vida”. Aumentava a crença na importância de se preparar crianças e jovens para contribuir mais tarde para o desenvolvimento de seus países... de uma forma geral, no entanto, considera-se a melhoria das condições de vida das crianças como um aspecto fundamental para o progresso social (KRAMER, 2011, p.77-78).

Surge a partir daqui uma nova concepção para se pensar a aprendizagem das crianças. Não mais a nomenclatura creche serve para classificar este local que as recebia. Pelas leis do Brasil, mas exatamente as da Constituinte de 88, o termo utilizado era o de crianças de zero a seis anos. Na verdade, em se falando de leis, foi com a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais (LDBEN) 9394/96, que este segmento passa a ter uma maior visibilidade. Aqui ela passa a ser denominada com Educação Infantil, onde passa a ter duas divisões: creche- atendimento às crianças de zero a três anos e pré-escolar- atendimento às crianças de quatro a seis. Estas começam aparentemente serem vistas como atores sociais, que é como devem ser enxergadas:

A consideração das crianças como actores sociais de pleno direito, e não como menores ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas. Com efeito, o estatuto de actor social reconhece-se aos seres humanos, desde Weber, na sua capacidade de interagir em sociedade e de atribuir sentido às suas acções. (PINTO; SARMENTO, 1997, p.6)

Em relação à efetivação mais estruturada de um ensino voltado para crianças, a LDBEN se tornou um marco. Mas com isto, novas discussões passam a existir: que criança pretende-se formar, que conhecimentos e aprendizagens devem ser adquiridos pelas mesmas, como deve ser o profissional que atuará neste segmento? Muitas são as perguntas, mas nem todas passam a ser respondidas, pois quando já se achava ter conseguido pensar sobre os itens, surgem novas discussões.

Tendo em vista a preocupação com a formação da criança, neste momento o foco da Educação Infantil volta-se para a discussão sobre os melhores procedimentos a serem pensados para que a criança deste período possa ser apresentada a situações que realmente a faça desenvolver-se de forma integral, ou seja, sendo levados em conta seus vários aspectos: psicológicos, sociais, etc. Entretanto, em meio a tantas novidades da década de 90, surgem os RCNEI em 1998 para auxiliar os docentes envolvidos com a educação das crianças menores:

Este documento constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício para a cidadania das crianças brasileiras. Sua função é contribuir com as políticas e programas de educação infantil, socializando informações, discussões e pesquisas,

subsidiando o trabalho de técnicos, professores e demais profissionais da educação infantil (BRASIL, 1998, p. 5).

Ao se colocar em evidência os RCNEIs, pretende-se evidenciar que o cognitivo passa a ser visto com mais nitidez, passa a ser priorizado assim as diversas aprendizagens que a criança deve adquirir ao longo de sua trajetória infantil, haja vista a preocupação inicial de Creche ser somente o de cuidar da criança. Não se pretende aqui afirmar que o cuidado não é importante, mas deixar claro que não é só este o foco e sim garantir a base, o tripé da Educação Infantil, que é: cuidar, brincar e ensinar.

Dentro deste documento oficial estão várias orientações pedagógicas, inclusive as voltadas para a Psicomotricidade, que nele está com a nomenclatura Movimento. Isto é um ganho por que segundo a abordagem atual psicomotora, é por meio dos movimentos que o indivíduo desde cedo estabelece relações internas e externas desenvolvendo-se cognitivamente e socialmente. E mais, quando se fala de infância nesta perspectiva da aprendizagem, não se pretende afunilar a discussão a partir deste viés, mas trazer à tona a necessidade de um olhar mais apurado a respeito de outras questões.

Nas discussões mais recentes a respeito de um documento norteador, temos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), sendo este muito estudado pelos professores do município de Irecê por meio de várias formações que aconteceram, o que será tratado mais adiante. Mas tanto em um documento que é referencial, e outro que é uma diretriz, ambos têm a mesma abordagem no sentido da infância: valorizar as várias formas que as crianças vivem e estimular algo inerente a sua natureza, que é o brincar.

Assim, partindo desta nova perspectiva da infância, a criança precisa ser vista em sua totalidade, pois muito mais que um ser aprendiz é alguém que está diretamente ligada às relações que vivencia nos espaços institucionais. Valendo ressaltar assim, que ela necessita de cuidado, precisa aprender, mas principalmente, desenvolver-se de uma forma que realmente leve em conta a sua infância. Neste sentido, dar uma ênfase no brincar, se torna válido a partir deste momento, pois é por meio das brincadeiras que as crianças fazem as suas representações do mundo real.

A criança brinca por que brincar é uma necessidade básica, assim como a nutrição, a saúde, a habitação e a educação são vitais para o desenvolvimento do potencial infantil. Para manter o equilíbrio com o mundo, a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar. Estas atividades lúdicas tornam-se mais significativas à medida que se desenvolve inventando, reinventando e construindo(DALLABONA; MENDES, p. 27).

Por falar em infância, existem muitas pessoas que a traduzem pelo simples fato de que haja brincadeiras no contexto da criança, caso contrário, a mesma estará desprovida desta fase. Isto mostra um grande equívoco de concepção, cada um vivencia sua infância da maneira que socialmente lhe é permitido. O que quero deixar claro, é que a infância a qual me refiro, diz respeito ao respeito à criança enquanto ser que se desenvolve em características e ambientes próprios, diferente da concepção de antes que era um mini adulto, sendo emergente, isto deve ser levado em consideração.

Mas será que ao falarmos de infância estamos falando das crianças? Será que sabemos do que realmente elas necessitam, gostam, ou o que desejam, pensam, sabem e sentem? Ou nosso modo de falar sobre a infância é um modo de falarmos sobre nós mesmos, sobre a sociedade em que vivemos, sobre o que esperamos da infância e o que projetamos para ela sem levar em conta verdadeiramente as crianças, os atores sociais concretos que integram esta categoria geracional?. (VASCONCELLOS, 2008, p. 18)

Dito isto pelo fato de que a criança era um ser existente, mas não vista, pois a mesma foi durante em todo período da história referenciada das mais diversas formas. Na época medieval, sujeita a um contexto de orgias, depravação; no período da inserção das creches, objeto do cuidado adulto; após os escritos de Rousseau, uma plantinha a ser cuidada; nos dias atuais, um ser que pensa, aprende, precisa de cuidado, se relaciona, mas principalmente que deve ser vista em suas peculiaridades.

O conceito de infância, não é algo que se resume nesta breve discussão, precisa ser compreendido por todos aqueles ligados às crianças. Aqui, objetivou-se trazer um pouco de história para conhecer como a ideia sobre a infância foi difundida, sabendo assim, que este é um conceito bem amplo. Pensou-se então em trazer uma abordagem do contexto mundial, mas costurando com a realidade de nosso país, realidade esta que muitas vezes se dá de forma tardia em relação a

algumas ideias educacionais. Mais do que uma fase de desenvolvimento, a infância tem sua influência cultural:

As culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado — pelo contrário, é, mais do que qualquer outro, extremamente permeável — nem lhes é alheia a reflexividade social global. A interpretação das culturas infantis, em síntese, não pode ser realizada no vazio social, e necessita de se sustentar na análise das condições sociais em que as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem. (PINTO; SARMENTO, p.7)

É evidente que não cabe criticar ou questionar a imagem de criança de cada época, pois estas imagens foram construídas conforme cada realidade, cada tempo. Então, pensar e conhecer teorias voltadas para infância faz-se necessário, pois desta forma se compreende a criança de cada época, sua realidade e contexto social. A criança, ao longo dos anos, teve sua imagem modificada assim como o próprio conceito de infância que acabou por ser construído a partir de diversas nuances e vários fatores, fatores estes que englobam diferenças imensas: físicas, culturais, condição social, credos, etc.

Respeitar o conceito de infância é garantir que crianças sejam vistas na sua realidade como um ser em desenvolvimento que passa por várias etapas. Etapas estas não apenas biológicas, mas que se constroem por meio das relações com o meio social que ela convive, seja com seus familiares e principalmente no espaço escolar. enxergar a criança desta forma torna o espaço da Educação Infantil muito mais propício para que elas se desenvolvam. E este é o objetivo da abordagem da psicomotricidade na Educação Infantil: fazer com que a criança se desenvolva em todas as áreas a partir do pensamento, movimento e principalmente afetivamente.

2.2.2 Áreas da Psicomotricidade a serem estimuladas na criança de zero a cinco anos.

A base do trabalho com as crianças na Educação Infantil consiste na estimulação perceptiva e desenvolvimento do esquema corporal. A criança organiza aos poucos o seu mundo a partir do seu próprio corpo. O desenvolvimento da consciência corporal, da reflexão e da criatividade, além do pleno desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor, constituíram alguns dos objetivos da Psicomotricidade que, se alcançados, possibilitarão adultos sadios e felizes.

Portanto, proporcionar o trabalho psicomotor, irá ajudar na estruturação da personalidade da criança, já que ela pode expressar melhor seus desejos, elaborar seus fantasmas, desenvolver suas necessidades e trabalhar suas dificuldades. O movimento permite a criança explorar o mundo exterior. A criança precisa se movimentar, exercitar o seu corpo, saber dominar os seus movimentos, e brincando, ela faz tudo isso expressando as suas emoções.

Assim, sem o contato com o concreto, a criança pode desenvolver um bloqueio e se isolar por toda a vida. Por isso, a construção do esquema corporal e a organização das sensações relativas ao próprio corpo têm um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Muitas vezes um objeto pode se transformar em um brinquedo maravilhoso, graças à imaginação da criança. É através das brincadeiras que a criança obtém a sua cultura lúdica.

Em toda atividade lúdica da criança existe exercício e jogo e ambos são importantes na medida que servem de alavanca ao processo de aprendizagem e desenvolvimento. Tão importante como a trajetória que a criança faz ao jogar está a preparação do adulto para entender, compreender e intervir como formas de ajudar a criança a evoluir. (NEGRINE, 1998, p.149)

Segundo Le Boulch (1992), a Psicomotricidade se dá através de ações educativas, de movimentos espontâneos e atitudes corporais da criança, proporcionando-lhe uma imagem do corpo contribuindo para a formação de sua personalidade. É uma prática pedagógica que visa contribuir para o desenvolvimento integral da criança no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo os aspectos físicos, mental, afetivo-emocional e sociocultural, buscando estar sempre condizente com a realidade dos educandos.

Desenvolver as habilidades psicomotoras com as crianças está diretamente ligado aos inúmeros conhecimentos que se deve ter ao pretender estimular esta clientela de forma sistematizada, tendo em vista o respeito às suas particularidades. Não adianta só se preocupar em estimular as mesmas com atividades psicomotoras, antes tem que se ter clareza do que são capazes de realizar, quais áreas serão estimuladas, de que forma e em que proporção.

Algo imprescindível nesta relação de estímulo é a forma como o sujeito deve ser visto. Diferente de pensá-lo como ser dependente faz-se necessário visualizá-lo enquanto ser a desenvolver sua autonomia na perspectiva de sujeito ativo, que

consiga por si só posteriormente, tomar as suas próprias decisões em diversas situações:

O comprometimento em fazer com que o outro construa sua autonomia é estabelecer relações com os demais e com os iguais no meio social em que vive, assim, a pessoa constrói seus saberes, se socializa e faz evoluir seu vocabulário psicomotriz [...] o sujeito não deve ser visto com alguém que possui um déficit, uma síndrome e/ou uma dificuldade de aprendizagem, mas um sujeito que é capaz de aprender muitas coisas, aprender de forma diferente. (NEGRINE, 2012, p.24)

O professor enquanto mediador da Psicomotricidade deve pensar nas inúmeras possibilidades onde o indivíduo em questão possa ser estimulado, neste caso, na Educação Infantil. A preocupação com este trabalho não é uma perspectiva que surge aleatória, mas é algo definido em vários documentos oficiais que embasam todo o processo educativo voltado para estas. Diferente de antes, em que se preocupava apenas com o cuidar da criança, hoje a perspectiva é proporcionar situações onde esta seja sujeito de sua aprendizagem, por meio da interação com o outro.

Para tanto, ter conhecimento a respeito disto, está conectado com os blocos de conteúdos a serem trabalhados. Aqui se fará uma breve abordagem de quais áreas devem ser foco do trabalho do professor, evidenciando assim, as características simples de cada uma dela. E ainda qual deve ser o papel do educador frente aos estímulos a serem realizados nas áreas que serão explicitadas a seguir de forma sucinta.

Na verdade, não se tem uma definição precisa das classificações destas áreas, mas se sabe que todas juntas proporcionam uma infinidade de habilidades no desenvolvimento infantil. Afirma-se isto partindo da prerrogativa que a aprendizagem é sim proporcionada pelas múltiplas relações entre mente, movimento e emocional. Existem muitas outras denominações a respeito destas áreas, escolhidas como base da discussão, algumas designações, tendo em vista, dar uma pequena visão do que deve ser trabalhado com crianças de zero cinco anos. Estas serão explicitadas a seguir.



Figura 5 – áreas da Psicomotricidade – feita pela autora e imagem do Google.

A primeira área a ser discutida diz respeito ao **conhecimento corporal**. Segundo outros autores esta área é denominada também como esquema corporal. Aqui a criança passa a ter conhecimento dela mesma. Todos concordam que é imprescindível e básico na formação desta criança. “Sua personalidade será desenvolvida em virtude de uma progressiva tomada de consciência, de seu corpo, do seu ser, de suas possibilidades de agir e de transformar o mundo a sua volta” (HERTZ; MIEIRO, 2009, p. 89). E justamente quando ela começa a ter esta compreensão de domínio de seu próprio corpo, faz com que ele aja melhor segundo a sua forma de pensamento, passa a projetá-lo.

Aqui nesta fase, a criança começa a perceber seu corpo, onde tal percepção se dá de forma gradativa, partindo do todo corporal para os demais membros. Esta compreensão não se dará pela criança de forma só conceitual, como um conteúdo programático a ser internalizado, na verdade, esta noção, a percepção do corpo se dará por meio de situações vivenciadas pela criança. E é justamente este o papel do educador neste momento: levar a criança se integrar com seu corpo, segundo afirmam, mais, uma vez HERTZ; MIEIRO (2009, p. 92):

O objetivo da Psicomotricidade é levar a criança a dominar seus movimentos e a perceber seu corpo globalmente constituindo um todo. A imagem corporal é a representação mental do corpo e não constitui uma mera percepção, mas, uma integração. Após a percepção global do corpo, vem a etapa da tomada de consciência de cada segmento corporal.

Outra questão muito importante é que por meio deste conhecimento de si, a criança aprende a lidar com o outro, partindo de que cada um é indivíduo diferente

dotado de características próprias. É preciso que o educador neste objetivo, “proporcione aos alunos atividades de interação, respeitando as diferenças e em espaços adequados, pois, a atividade é uma das formas de ajudar a criança a desenvolver sua capacidade de se relacionar com o outro”. (SILVA;SOUZA, 2012 p. 11)

Cabe aqui um trabalho bem estruturado para que a criança aprenda as partes do corpo, a possibilidades deste em fazer diversos posicionamentos, saber nomear cada uma das partes pertencente a este corpo. E o mais importante: “movimentar-se de todas as maneiras e descrever os movimentos, representar graficamente o corpo, identificar sensações e dominar a linguagem corporal”. (ARAUJO; SILVA, 2014, p.11)

Uma área muito importante que deve estar sendo trabalhada pelo educador diz respeito à tríade **tônus, postura e equilíbrio**. Na verdade, tanto a tônus como a postura fazem parte de um único desenvolvimento do equilíbrio. Quando se fala de tônus, sinônimo de tonicidade, de força, mecanismo este que se caracteriza pelo fortalecimento da musculatura do indivíduo desde seus primeiros momentos de vida. Este fortalecimento é imprescindível para que a criança adquira o equilíbrio adequado à faixa etária em que se encontra. A postura, portanto, vem desta relação: fortalecimento dos tônus, alcance do equilíbrio e por fim postura adequada.

Neste processo é interessante que o professor proporcione diversas situações onde os músculos posturais, equilíbrio estático (parado), flexibilização da coluna, equilíbrio dinâmico (em movimento) sejam todos exercitados, enfim, situações que tonifiquem e estimulem o fortalecimento muscular. A criança cujo equilíbrio e a tônus são bem trabalhados, dificilmente terão em sua postura o desleixo ou cansaço. E mais, a falta de tal aquisição de habilidade fará com que esta apresente um comportamento inquieto e aparência de estar desengonçado. Como sempre, dentro do espaço de creche, é ação do professor que oportunizará tal desenvolvimento, como afirmam ARAUJO; SILVA (2014):

Uma das principais características do equilíbrio e domínio postural é a capacidade de locomoção. É importante que a escola estimule as habilidades e destrezas motoras para desenvolver os movimentos mais complexos, como andar, correr, saltar, girar, agarrar[...] e outros movimentos (ARAUJO; SILVA, 2014, p.1)

Outra área bastante importante e trabalhada limitadamente nas escolas é a **lateralidade**. Este setor do movimento caracteriza-se pela habilidade que o indivíduo tem em uma parte do corpo mais do que na outra, ou seja, há uma predominância de facilidade de realizações de movimentos ou pelo lado esquerdo ou pelo lado direito. Na verdade, o que acontece aqui é o fato de que um dos lados, onde este apresenta maior força muscular. É ele que inicia e executa a ação principal, o outro lado auxilia esta ação, e é igualmente importante. Na verdade, os dois não funcionam isoladamente, mas de forma complementar.

Geralmente, tal dominância pode ser percebida nas crianças menores ao oferecer-lhe algo para agarrar, em relação aos membros superiores. Já nos membros inferiores, isto fica claro quando ela é submetida a brincadeiras onde necessite pular de um pé, chutar bola. Desde a creche, estas habilidades devem ser trabalhadas, bem como os conceitos de direita e esquerda, frente, atrás, entre outras direções. Tudo é orientado neste espaço, mas tem situações que não podem ser forçadas, pois não é só uma questão de força muscular, mas também de ação e comando cerebral:

A lateralidade está relacionada à predominância de um hemisfério cerebral sobre o outro. Quando ocorre a dominância do hemisfério esquerdo sobre o direito, temos o indivíduo destro; quando ocorre a dominância do hemisfério direito sobre o esquerdo, temos o indivíduo canhoto ou sinistro; quando não existe predomínio claro e se usa discretamente os dois lados, temos o ambidestro. (ALVES *apud* ARAUJO; SILVA, 2012, p.45).

Para se situar nos espaços em que se encontram, todos precisam ser orientados, e esta é uma ação que deve ser ensinada: **a orientação**. Esta surge como algo de suma importância para que o indivíduo tenha uma boa adaptação ao meio em que vive. Pois é por meio da capacidade de orientar que ele terá a capacidade de viver harmoniosamente em sociedade. A orientação se divide em dois aspectos: estruturação temporal e estruturação espacial.

Tanto uma quanto a outra se torna importante, haja vista suas características. Enquanto a estruturação temporal se caracteriza como a organização intelectual do meio diretamente ligada às experiências, a estruturação espacial torna-se agente preponderante para ele conseguir viver socialmente, pois terá que mentalmente estabelecer relações com as coisas, comparando-as, formando categorias, o que leva à generalização e ter capacidade de ter uma mentalidade abstrata daquele estado posteriormente.

Aqui o educador deve proporcionar o trabalho conceitual. Mas antes, a lateralidade deve estar bem definida, trabalho este que deve ser em conjunto, não um após o outro. Algo muito importante neste item é a verbalização de alguns conceitos para que as crianças venham a interiorizá-los e assim, ter um melhor domínio de noções de orientação. Todavia, não quer dizer que o conceito é o bastante, exige-se a experimentação, as vivências:

É por meio de uma experimentação pessoal, então, que estes conceitos de direita e esquerda passam a ter sentido e um valor para ela. Ao assimilá-los, estará preparada para perceber, comparar e absorver os conceitos relacionadas com outras posições, como à frente, atrás, a cima, abaixo [...]. Ela aprende também as noções de formas, situação, de posição, de movimento, de superfícies e de volumes. (HERTZ; MIEIRO, 2009, p. 95)

Pode ser percebido ao longo destas caracterizações das áreas da Psicomotricidade, que de certa forma, uma aprendizagem complementa a outra. Por exemplo, para se desenvolver a orientação é necessário ter uma boa lateralidade. E é o caso agora da **coordenação**, área esta que está certa forma associada ao equilíbrio. No sentido aqui, não só do equilíbrio global do corpo, como das menores partes dele. Coordenação está ligada a capacidade de se movimentar em diversos espaços, manipular objetos e ter domínio sobre seus gestos e movimentos como um todo.

A coordenação por sua vez está dividida em três vertentes, mas com a mesma funcionalidade: garantir a coordenação efetiva de seus movimentos seja eles amplos ou mais específicos. São eles, a coordenação global ou coordenação motora ampla, como defende alguns autores, a coordenação motora fina e a coordenação óculo-manual. A coordenação global é desenvolvida a partir da ação de movimento dos grandes músculos, ou seja, aonde em constante exercício, o indivíduo vai se equilibrando, tentando assim achar seu eixo corporal, coordenando seus movimentos. Para que isto ocorra, é preciso grande equilíbrio como já foi dito.

Já a coordenação motora fina está diretamente atrelada à firmeza e desenvolvimento manual, mas que acaba por se definir como consequência mais específica da coordenação motora global. Caracteriza-se pela capacidade de pegar as coisas, como por exemplo, usando o movimento de amassar, folhear, fazer movimentos de preensão e o de pinça, isto mais no começo da infância. Pois surge a partir daí a terceira vertente, que é a óculo-manual. Esta se caracteriza pelo aperfeiçoamento da coordenação por meio dos traçados, movimento muito

importante no desenvolvimento da escrita. Aqui o movimento é minucioso, diretamente ligado ao movimento dos dedos e a boa percepção visual, a visão mais exatamente falando.

A última área da Psicomotricidade diz respeito à **percepção**. Como todas que foram apresentadas até então, esta tem suas características próprias. Ela se traduz como a capacidade de perceber por meio de estímulos, conhecer os objetos em suas diversas relações. Dentro deste contexto, a criança aprenderá a discriminar cada objeto segundo as suas características. Em se falando em discriminação, ela se fará de diversas formas: visual, auditiva, gustativa, olfativa e tátil.

Cada discriminação deverá ser estimulada com atividades que façam com que a criança por meio das sensações, estabeleça relações com os diversos elementos perceptíveis a ela apresentados. Estas percepções, como as demais áreas psicomotoras, são mais do que tudo compreendidas e aprendidas por meio das vivências, das atividades estimulantes selecionadas pelo professor, segundo reforça HERTZ; MIEIRO, 2009, p.102:

Entende-se por percepção o ato ou efeito de conhecer os objetos em suas qualidades ou relações. O fenômeno perceptivo implica a integração de estímulos e a atribuição de significados aos mesmo, ou seja, as interpretações pessoais acerca dos diferentes objetos. A percepção é um fenômeno dinâmico. Seu desenvolvimento pressupõe exercícios de discriminação.

A Psicomotricidade como ciência passa a se tornar mais do que emergente no contexto da Educação Infantil. Infelizmente, o que muitas vezes é relatado que são poucas as vezes que estes conhecimentos são utilizados por professores dentro destas instituições, que se definem como lugar de intensas aprendizagens a estes pequenos. Dito isto pelo fato de que como será visto no tratamento de dados, mesmo que se tenha um planejamento voltado a oportunizar atividades psicomotoras significativas, o conhecimento a respeito do tema causa estranheza por parte de muitos professores.

Trabalhar com Psicomotricidade proporciona a criança desde cedo estímulos que farão com que ela tenha movimentos precisos, os quais, para se consolidarem, necessitarão das ações mentais para que sejam realizados. Desde o nascimento, a criança desenvolve-se rapidamente, mas cada fase explicita a necessidade da intervenção de adultos para que as crianças se desenvolvam. Ou seja, uma criança

não aprende a movimentar-se puramente por instinto e sim por estímulo. E é por meio do movimento que ela se desenvolve plenamente:

A criança é um corpo em movimento, possuidor da livre expressão, necessitando ser conduzido da melhor forma possível nesse processo de interação. A psicomotricidade surge como mediadora deste processo, organizando e até reorganizando os gestos motores necessários a evolução da aprendizagem, perfazendo o alicerce sensorio perceptivo motor, indispensável no processo de educação e reeducação, organizando as sensações, percepções e ações do sujeito. É no movimento que a criança conhece, encontra e apreende progressivamente tudo que a cerca. Conhece a si própria, o outro e o espaço, necessário ao ato motor, que são todas as ações do comportamento, caracterizando a conduta adaptativa, criativa e autônoma do sujeito. (SALLES, 2011, p. 64)

Não se pode perder de vista que todo o processo de aquisição de movimentos mais estruturados não dependerá somente dos estímulos. Cada criança tem seu tempo, o que já foi citado inúmeras vezes e se traduz como maturação. E mais ainda, os fatores biológicos não podem ser negados, pois se sabe que indivíduos com problemas neurológicos têm seus movimentos comprometidos, podendo ser reabilitados por meio da terapia psicomotora.

Na verdade, a preocupação do presente trabalho é de trazer a tona que muito se fala em desenvolvimento da criança, mas a Psicomotricidade é negada para estas crianças devido ao fato do pouco conhecimento que se tem a respeito. A partir daqui se faz necessário uma busca teórica para que a prática possa ser elaborada de forma significativa, respeitando cada fase do desenvolvimento e também o contexto que cada individuo se encontra, pois não se pode pensar a aprendizagem, sem dar ênfase à realidade, conforme afirma SALLES, 2011, p.45:

Quando ocorre a estimulação dos padrões fundamentais do movimento, podemos desenvolver as habilidades motoras de cada criança e, através de jogos e brincadeiras que envolvam todos os alunos, desenvolver, também, as suas habilidades sociais. Afinal, não devemos ter somente a preocupação de desenvolver os aspectos físicos de nossos alunos, mas também ensiná-los a viver em sociedade. Dessa maneira, podemos dar uma enorme contribuição para o desenvolvimento global das crianças.

Falar e agir com os princípios psicomotores, requer muito mais do que falar sobre conteúdos, teorias. “Ao se falar de Psicomotricidade, estamos falando de humanização, de relações afetivas, e envolvimento do homem com os ambientes,

com os fatos e com as outras pessoas” (ALMEIDA, 2014, p.76). Muito mais que se pensar o cognitivo, está mais do que ratificado a necessidade de se pensar todo o contexto em que estas ações estão sendo estruturadas.

Utilizar a Psicomotricidade na formação desde cedo, é garantir o direito de aprendizagem de toda e qualquer criança, onde esta tem no seu movimento um conjunto de habilidades que irá fazê-la desenvolver com destreza e autonomia frente aos diversos desafios aos quais será submetida. É prepará-la com bases sólidas, solidez esta, resultado de uma prática consistente e instigante, que leve em conta o potencial e as possibilidades de cada indivíduo a ser formado.

Afirmar Psicomotricidade como caminho de salvação, seria um equívoco, pois o objetivo deste capítulo foi retratá-la como uma ferramenta para ajudar as crianças na aquisição de diversas linguagens, tendo em vista o movimento, este agente condutor. Dito isto, pelo fato de que grandes autores o tempo todo fazem esta relação do movimento corporal com o pensar, com ação da mente. Assim, fica evidenciado que conhecer os princípios desta área se torna de grande valia para o educador.

Todo significado das mudanças na prática se dá, quando o estudioso tem em si a decisão mais acertada: colocar em prática as teorias que foram por ele assimiladas. Mas, o desafio não está em somente em colocar em prática, e sim em compreender todo o processo para que esta transposição de saberes se dê de forma adequada. E justamente aí que está uma das maiores dificuldades dos educadores da Educação Infantil, haja vista a maioria das experiências psicomotoras que conhecem está relacionada às faixas etárias das crianças do pré-escolar, onde os professores de creche pontuaram ser necessária a abordagem mais específica. É preciso conhecer e entender a Psicomotricidade para assim planejar com intencionalidade:

A dimensão subjetiva do movimento deve ser contemplada e acolhida em todas as situações do dia-a-dia nas instituições de educação infantil possibilitando que as crianças utilizem gestos, posturas e ritmos, para se expressar e se comunicar. Além disso, é possível criar, intencionalmente, oportunidades para que as crianças se apropriem dos significados expressivos do movimento (BRASIL, vol. 3, 2001, p.18).

Conhecer a Psicomotricidade é de certa forma se apropriar de conhecimentos de pertinência imensurável, pois nos movimentos das crianças está uma chave muito veemente para o desenvolvimento infantil. Depois das fases de Piaget, muito

se mudou, pois foi a partir dela que se deu início da descoberta que a criança tem seu tempo, suas fases para se desenvolverem. Pensar assim é respeitar a criança no seu direito de ser sujeito ativo de suas aprendizagens. O professor deverá agir como o intermediador das atividades que façam os mesmos conquistarem tais habilidades, e o coordenador, será coadjuvante neste processo, ajudando-o e orientando-o.

3 METODOLOGIA: DESVENDANDO O CAMINHO DA PESQUISA RUMO A INTERVENÇÃO

Entende-se metodologia na maioria das vezes como um conjunto de procedimentos utilizados para alcançar as respostas advindas da pesquisa. Não pretendo afirmar que não seja também isto, mas esclarecer que o sentido desta vai além desta visão. É preciso estar atento a outros fatores que vão desde a utilização dos métodos ao contexto(principalmente) em que tal será utilizada. Esta é uma concepção entre muitas outras a respeito, mas pretende-se discutir a possibilidade de alcançar resultados reais, independentemente do tipo da pesquisa a ser realizada.

Assim sendo, o pesquisador antes de tudo deverá levar em consideração as várias etapas metodológicas conforme a pesquisa escolhida, cabendo não simplesmente considerar apenas os métodos, mas todo o processo em que estes serão realizados. Os significados do termo são vários, etimologicamente falando. Todos os sentidos propostos ao termo metodologia, dizem respeito a uma conjectura entre sua definição e a forma que deve acontecer. Vejamos os seus significados conforme explicita ABBAGNANO em seu Dicionário de Filosofia (2007, p. 669):

METODOLOGIA (in. Methodology, fr.Mé-lhodologie, ai. Methodologye, Methodenlehre. it. Metodologia). Com este termo podem ser designadas quatro coisas diferentes: 1- a lógica ou parte da lógica que estuda os métodos; 2- lógica transcendental aplicada; 3- conjunto de procedimentos metódicos de uma ou mais ciências; 4- a análise filosófica de tais procedimentos.

Desta forma, designado os vários significados da palavra metodologia, o que mais cabe neste momento são os significados dos números três e quatro, onde falam a respeito desta enquanto um conjunto de métodos e enquanto a análise filosófica de tais procedimentos. Por que falar sobre isto? A resposta é simples: por que tais definições se aproximam do real sentido da metodologia. Quando afirmo “aproximam”, se dá ao fato de que existem outras considerações a ser levada em conta no tocante a compreensão do que esta seja e como deve ser pensada.

Há uma expressão que durante muito tempo foi utilizada por mim em vários trabalhos acadêmicos, que é “delinear o percurso metodológico”. Ponto que de certa maneira, esta forma tenha um bom sentido, mas é confusa, principalmente quando está referenciada aos procedimentos. Metodologia é bem mais do que conjunto de métodos, ela não deve ser pensada no idealizar da pesquisa, antecede a isto, desde o pensar do problema até a realização da pesquisa.

Durante muito tempo a Metodologia fora pensada simplesmente como recurso para que a pesquisa acontecesse, ou seja, era principalmente enxergada como meio para validação científica. Em sua obra *Metodologia da Pesquisa Educacional*, Ivani Fazenda (1989) faz esta explanação histórica onde traz que antes a metodologia tinha dois sentidos: ora como um instrumento, ora uma disciplina. Mas FAZENDA (1989, p.26-25) esclarece esta dualidade no sentido e função da mesma:

O sentido da palavra Metodologia tem variado ao longo dos anos. Mais importante tem variado a ela atribuído no contexto da pesquisa. Em alguns âmbitos profissionais, Metodologia é associada a Estatística, e Demo (1981) sugere que, na América Latina, Metodologia se aproxima mais do que poderia chamar de Filosofia ou Sociologia da Ciência, enquanto que a disciplina instrumental é referida como Métodos e Técnicas.

Não pretendo defender uma ou outra concepção, até porque elas perduram até então. O que se pretende é explicar que a Metodologia é bem mais do que um conjunto de recursos, de passos a serem seguidos ou um meio pelo qual se obterá a resposta para o problema em questão. Ela está diretamente ligada à concepção que o pesquisador tem em relação ao seu campo de pesquisa, mas, algo que deve ser compreendido, é que para cada tipo de situação ou contexto, existe o método adequado a ser usado tendo em vista a realidade, como dito anteriormente.

Algumas concepções a respeito da metodologia vêm sendo defendidas durante algum período conforme a área a ser pesquisada. Na atualidade, principalmente no tocante as pesquisas educacionais, a metodologia deve concebida numa perspectiva que problematize situações reais, onde não apenas se pretende coletar informações. A respeito disto THIOLENT (1992) traz as suas definições do significado mais usual do termo, mas a traz como uma habilidade inerente ao pesquisador:

A metodologia é entendida como disciplina que se relaciona a epistemologia ou a filosofia da ciência. Seu objetivo consiste em analisar as características

dos mais variados métodos possíveis[...] ao nível mais aplicado, a metodologia lida com a avaliação de técnicas de pesquisa[...] além de ser uma disciplina que estuda métodos é considerada também como modo de conduzir a pesquisa. Neste sentido, a metodologia pode ser vista como conhecimento geral e habilidade que são necessários ao pesquisador para se orientar no processo de investigação. (THIOLLENT, 1992, p.25)

Assim o que se pode perceber é que a metodologia serve para transmitir segurança científica ao pesquisador dentro do seu campo de investigação. Todo este percurso é pensado de forma a encontrar respostas para o problema, mas como será trazido ao longo deste capítulo, o objetivo não é somente obter respostas. Limitar-se a definir o percurso metodológico apenas enquanto conjunto de passos a serem seguidos, traduz-se em enorme discrepância, haja vista todo o processo, o desenrolar de uma pesquisa de abordagem qualitativa, mas especificamente a pesquisa-ação, a qual fora utilizada para construção deste projeto.

3.1. A PESQUISA-AÇÃO E SEU ESPAÇO DENTRO DA PESQUISA.

Há uma grande questão no que diz ao respeito ao tipo de pesquisa deve ser escolhida para o contexto educacional. Assim acontece, devido ao fato que durante muito tempo o empirismo predominou o campo das ciências no sentido de validar a pesquisa. É pertinente explicar que os métodos empíricos se caracterizam pela comprovação mensurável dos dados. Claro que dentro de uma pesquisa da educação existam dados a serem comprovados estaticamente, mas o foco não é apenas este. Ele se encontra na perspectiva de discutir e descobrir as relações que se estabelecem no decorrer da pesquisa principalmente no contexto das ciências humanas:

Pode-se dizer que só haverá Ciência Humana se nos dirigirmos a maneira como os indivíduos ou os grupos representam palavras para si mesmos utilizando as suas formas de significados, compõe discursos reais, revelam e ocultam neles o que estão pensando ou dizendo, talvez desconhecidos para eles mesmos, mais ou menos o que desejam,mas, de qualquer forma, deixam um conjunto de traços verbais daqueles pensamentos que devem ser decifrados. (FAZENDA, 1989, p.51)

Mediante esta perspectiva de se compreender mais o contexto da pesquisa, ao invés de apenas quantificá-lo é que surge a pesquisa qualitativa. Durante muito tempo este tipo de pesquisa foi de certa forma discriminada, pois segundo os que se

pautavam nos métodos empíricos, afirmavam que ela não tinha como comprovar os seus dados de maneira mensurável, assim não haveria a validação do mesmo. Não se pretende fazer uma narrativa histórica sobre o surgimento da pesquisa qualitativa, mas dizer que esta surge no intuito de estudar o homem e suas relações, algo inerente ao campo das Ciências Humanas.

Tendo em vista o campo educacional a ser investigado, foi escolhida a pesquisa qualitativa, devido a sua profundidade no tratamento de assuntos que envolvam mais especificamente as relações humanas, onde os diversos fenômenos transcendem a uma abordagem puramente quantitativa. A pesquisa qualitativa é resultante da concepção interpretacionista que concebe o homem como um ser em constante transição, onde OLIVEIRA (2007) afirma que tal posicionamento metodológico é adequado, pois “defende o estudo do homem, levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive continuamente” (OLIVEIRA, 2007, p. 58).

Afirmar a pesquisa qualitativa como coerente para este fim é de certa forma validar seu desenvolvimento, haja vista as ciências humanas não serem aceitas a princípio, devido ao fato de que durante muito tempo só as pesquisas empíricas tinham valor científico. Então, a escolha desta abordagem, demonstra uma busca para encontrar respostas ao problema de forma significativa, “através do estudo da complexidade dos problemas sociopolíticos, econômicos, culturais, educacionais, e segundo determinadas peculiaridades de cada objeto de estudo” (OLIVEIRA, 2007, p. 58).

A pesquisa qualitativa além de ser caracterizada por desenvolver um estudo bem detalhado do objeto de estudo, tem outras vantagens, como buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que se encontra tal objeto. Para tanto, dentro desta designação qualitativa, será preciso fazer uso de instrumentos concernentes a este tipo de pesquisa, no caso, de forma a descrever tudo o que se desenvolveu no ambiente em que esta acontece.

Dentro da pesquisa qualitativa se encaixam vários tipos de pesquisa, mas o que será abordado aqui é a pesquisa-ação. Como dito no começo do capítulo, a pesquisa é escolhida mediante a necessidade do pesquisador, assim neste contexto de Mestrado Profissional, cujo objetivo é construir uma intervenção a partir do que fora apreendido durante a investigação, optou-se pela escolha desta pesquisa que

pelo próprio nome denota aproximadamente a ideia do que se trata que é a ação do pesquisador e dos envolvidos neste processo:

Em geral, a ideia de pesquisa - ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 1986, p. 16)

Falar sobre o tipo de pesquisa, nesta fase acadêmica na qual estou, acontece com um maior amadurecimento metodológico em minha vida, pois tanto durante a graduação, como na pós-graduação em Educação Infantil, a relação entre a escolha do melhor caminho e minha pesquisa fora muito superficial. Debruçava-me sobre os livros de metodologia para estudar o que melhor se encaixava na perspectiva de pesquisadora. Queria embasar meus trabalhos teoricamente com autores que apresentassem uma abordagem próxima ao que pretendia escrever, mas não sabia definir o teoricamente o caminho a ser seguido.

No Mestrado, mas especificamente no Ciclo Dois no Componente Educação e Práticas Docentes, ocorreu este dito amadurecimento, pois a docente nos motivou a compreender não só a pesquisa qualitativa, como outros tipos. A partir disto, passei a compreender melhor que “o foco da investigação deve se centrar na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações [...], pois para compreender esses significados, é necessário colocá-los dentro de um contexto” (ANDRÉ, 2005, p. 14).

Não que o meu caminho de pesquisa fosse descontextualizado, mas passei a ver todos os envolvidos no processo como estes sujeitos ativos e que a interação deles neste contexto é que trarão respostas ao problema da pesquisa. Antes, achava que as respostas viriam à medida que eu as buscasse por meio da observação, mas foi no acontecer de toda e pesquisa que surgiram respostas que fizeram com que eu idealizasse uma intervenção adequada às necessidades elencadas pelos sujeitos envolvidos neste contexto. E nisto consiste todo o processo de pesquisa: adquirir novos conhecimentos e novas aprendizagens e ser surpreendido por eles.

No contexto da pesquisa-ação alguns nomes se destacam na busca por uma definição e estrutura conceitual da mesma. Dentre estes, quero citar alguns aspectos da mesma, tendo como base os estudos de BARBIER, THIOLENT entre outros autores. Na verdade é válido ressaltar que a pesquisa-ação surge aproximadamente a partir da década de 30 com as postulações de Kurt Lewin¹², considerado o pai desta por elaborar os seus princípios. A pesquisa-ação vai muito além do de uma pesquisa:

A pesquisa-ação pode se firmar, nesse extremo, como transpessoal e ir além, ao mesmo tempo em que as integra, das especificidades teóricas das Ciências Antropossociais e dos diferentes sistemas de sensibilidades e de inteligibilidades propostas pelas culturas do mundo. (BARBIER, 2002, p. 18)

O objeto final da pesquisa-ação reside em uma mudança de atitude dos sujeitos (pesquisador e pesquisados) com relação à sua realidade e da própria realidade. Evidencia-se que não se trata de nenhuma mudança que se dá como num estalar de dedos, ela acontece no decorrer do tempo como uma mudança social e pessoal (na forma de se pensar e fazer pesquisa), cujos resultados poderão contribuir, de forma permanente e constante, dentro da realidade dos grupos pesquisados.

Quanto a isto THIOLENT (1982) afirma que “ a pesquisa ação pode ser vista como modo de conhecer e de organizar uma pesquisa social de finalidade prática e que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores”(THIOLENT, 1986, p. 26). Assim o autor ainda fala sobre como deve ser utilizada a mesma, pois segundo ele todo o processo que é a metodologia “desempenha um papel de “bússola” na atividade dos pesquisadores, esclarecendo cada uma das suas decisões por meio de alguns princípios de cientificidade” (THIOLENT, 1986, p. 26).

A diferença da pesquisa-ação para as maneiras clássicas de pesquisa está ligada principalmente a interpretação que segundo BARBIER (2002), não deverá acontecer de maneira isolada, pois “a interpretação e a análise são o produto de discussões de grupo. Isso exige uma linguagem acessível a todos. O traço principal da pesquisa-ação – a opinião – impõe à comunicação dos resultados da investigação a análise de suas reações”. (BARBIER, 2002, p. 55). Neste ponto fica

¹²<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABK9EAB/kurt-lewin>

claro que a pesquisa-ação se pauta ação e reação dos envolvidos. E nisto THIOLENT (1992), afirma o que foi dito:

Na pesquisa-ação há um reconhecimento do papel ativo dos observadores na situação investigada e dos membros representativo desta situação. Logo, a questão da objetividade deve ser colocada em termos diferentes do padrão observacional da pesquisa empírica. (THIOLENT, 1992, p.97)

Assim, dentro da pesquisa-ação os sujeitos envolvidos são participantes ativos. Quando se traz a palavra participante é para explicar que se faz necessário que todos sejam atores neste contexto. Diferente da participação designada pela pesquisa participante onde o propósito é outro, a participação dentro da pesquisa-ação se dá no intuito de ir além da mera participação, mas “supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas participantes”. (THIOLENT, 1992, p.7)

Em relação à diferença entre a pesquisa-ação (PA) e a pesquisa participante (PP) mencionada acima, se deu para explicar o fato de que muitos compreendem que ambas têm o mesmo significado. Na verdade, o papel do pesquisador tem que ser o mesmo tanto na PA como na PP, pois neste contexto da pesquisa eles serão participativos. O que as diferencia é o sentido do que objetivam a forma que concebem, e caminhos que constroem ao longo da pesquisa:

Nossa posição consiste em dizer que toda pesquisa-ação é do tipo participativo: participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária. No entanto, tudo que é chamado de pesquisa participante é em alguns casos, um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante, na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas no intuito de serem melhor aceitos. (THIOLENT, 1992, 14-15)

Outros autores trazem as suas concepções da função da pesquisa-ação como uma pesquisa de intervenção, classificando-a como pertinente no tocante a investigação. É o caso de ROCHA (2003) que fala sobre objetivo central da pesquisa-ação que é agir de forma participativa, mas com o propósito final de alcançar mudanças no campo de sua pesquisa por meio das descobertas que se desencadearam:

Entendida como uma ação que visa a mudanças na realidade concreta com uma participação social efetiva, a pesquisa-ação crítica está centrada no agir, através de uma metodologia exploratória, tendo seus objetivos

definidos no campo de atuação pelo pesquisador e pelos participantes. Seus resultados estão vinculados à tomada de consciência dos fatores envolvidos nas situações de vida imediata e na participação coletiva para a mudança da ordem social. (ROCHA, 2003, p.65)

Ao trazer estas definições sobre a pesquisa-ação, é justamente para dar uma visão do propósito na escolha desta, pois como foi dito, ela se caracteriza como uma pesquisa que tem seu sentido nas percepções que se estabelecem no campo, na relação entre os participantes presentes neste contexto, pois “há um reconhecimento do papel ativo dos observadores na situação investigada e dos membros representativo desta situação”. (THIOLLENT, 1992, p.97)

Percebi o quão significativo é a intervenção neste contexto, pois requer do pesquisador uma ação bem planejada, mas considerando assim o que dizem e fazem os sujeitos da pesquisa na perspectiva de trazer soluções a demandas que se apresentam neste contexto. Ou seja, mais importante do que os resultados, são as relações e concepções concebidas no ambiente pesquisado, pois “o fundamental nas pesquisas participativas é que o conhecimento produzido seja permanente disponível para todos e possa servir para ampliar a qualidade”. (ROCHA, 2003, p.66)

Assim, fica evidenciado que a pesquisa-ação caracteriza-se por esta ação dos sujeitos. Não sujeitos passivos, esperando que as coisas aconteçam ou que as respostas cheguem do nada. Mas sujeitos atores, que participem deste processo de forma reflexiva, partindo da realidade que vivencia, fazendo da pesquisa um meio de perceber o real sentido do problema, da dúvida a ser esclarecida, pois é isto que se define como problema. E sobre isto será discutido a seguir, sobre quem juntamente com o pesquisador será participante: o sujeito da pesquisa.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA: COMPREENDENDO OS SUJEITOS DA AÇÃO NO CONTEXTO INVESTIGATIVO.

Quando se fala em sujeito da ação, entende-se como os indivíduos que agem sobre algo ou alguma coisa. Na verdade, tal definição no campo da pesquisa, diz respeito aos participantes que se encontram em convivência no contexto pesquisado. Estes se configuram como a referência para se tentar extrair, por meio das observações, as significações destes dentro do espaço a ser observado. Para tanto, será necessário compreender o papel dele dentro do campo da pesquisa.

E o que deve acontecer dentro deste contexto com os envolvidos é uma construção de conhecimento, mediante as situações que vão acontecendo. Muito mais do que simplesmente se discutir questões inerentes ao problema, esta tal construção, que ultrapassa os limites da compreensão conceitual. Esta discussão deve ser em torno da natureza deste conhecimento, como ele vai se estabelecendo, como assim, defende MIRANDA; RESENDE (2006):

Qual é a relação desse conhecimento com a objetividade, com a prática? Seja na mitologia, na filosofia, nas ciências naturais, nas ciências humanas, nas artes, ou nas relações sociais cotidianas, a questão tem-se recriado e seu enfrentamento desafiado o pensamento e compreendido processos teóricos importantes. A discussão acerca da pesquisa-ação deve ser tomada como um desses momentos. (MIRANDA; RESENDE, 2006, p.512)

Tendo em vista a formação em Psicomotricidade na Rede Municipal de Irecê, no decorrer da pesquisa surgiram dois sujeitos, sendo um considerado o sujeito direto e o outro indireto no que se trata ao grupo focal. Isto se deu pelo fato de que a princípio se tinha o professor como sujeito único da ação, mas no decorrer da pesquisa, com algumas situações que foram se apresentando, chegou-se à conclusão que seria necessário mudar o foco da formação que antes almejava acontecer com eles, passando assim, o foco a ser direcionado para outro sujeito: o coordenador pedagógico.

Uma das situações mencionadas diz respeito aos entraves que foram surgindo, sendo o primeiro a incompatibilidade de dias de planejamento. No município de Irecê, todos os professores desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos, têm um dia para planejar juntamente com o coordenador pedagógico, mas estes dias não são os mesmos em todas as instituições. O segundo entrave, diz respeito ao espaço para esta acontecer, pois o maior espaço para formação da Rede que é o auditório da UFBA em Irecê, não é suficiente para comportar todos os professores,

A proposta do projeto de intervenção desde a carta de intenção era fazer uma formação de professores em Psicomotricidade, onde estes estariam envolvidos no processo formativo como sujeitos ativos, sendo confrontados em relação aos seus saberes e fazeres, ajustando-os a estes conhecimentos e os utilizando conforme o perfil de suas turmas. O objetivo de tal formação baseava-se nas teorias e práticas

voltadas para a Psicomotricidade, tendo em vista sua importância na Educação Infantil.

Considerando assim estas situações que viriam a inviabilizar a formação, algo novo passou a ser pensado: uma formação voltada para os coordenadores de instituições de Educação Infantil. O porquê desta escolha é justificável: o coordenador enquanto profissional que articula a organização das práticas pedagógicas junto aos professores, passará a ser o multiplicador deste conhecimento formativo entre os docentes da sua instituição. Não que ele levará algo pronto para os educadores, mas a proposta é instigá-los a compreensão da importância de se conhecer e saber utilizar os princípios psicomotores na prática de forma constante e principalmente, intencional por meio de um planejamento bem estruturado e coerente.

Tal articulação foi pensada a partir de uma reivindicação dos coordenadores que no ano de 2016, solicitaram mais formações sobre temas emergentes na Educação Infantil. E no início deste ano de 2017, em reunião de coordenadores, mais uma vez foi lembrado isto, pois a nova gestão pediu contribuições em relação à formação de coordenadores e professores, de que forma ela deveria acontecer e quais seriam as maiores preocupações em relação à efetiva prática de formação continuada como ação do coordenador nos seus respectivos espaços de trabalho.

Quando sugiro uma formação para coordenadores pedagógicos estou levando em consideração algo que é muito questionado tanto nas reuniões mensais que participo com todos os outros, como na própria experiência com a entrevista realizada no grupo focal durante a pesquisa. A grande questão é a seguinte: sendo o coordenador pedagógico o responsável pela formação docente dentro das instituições, quem forma este formador? Ou seja, todos os coordenadores sentem a necessidade de formação voltada para compreensão de questões inerentes aos espaços da Educação Infantil e isto se torna necessário na sua função:

São os conhecimentos adquiridos nos cursos de formação continuada que ajudarão o coordenador a entender e orientar seus professores de forma satisfatória, aproveitando a experiência anterior e fazendo uma nova prática a partir dos conhecimentos adquiridos. O coordenador pedagógico no ambiente escolar constitui a articulação das ideias e recursos que atendam às necessidades dos professores e dos alunos, pois, é um profissional que articula as atividades pedagógicas em todo ambiente escolar para garantir a qualidade do ensino; que atua com a crítica em momento exato, ampliando o horizonte para a conquista de participação (GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2013, p.95).

Segundo as autoras, existem várias dificuldades na atuação do coordenador pedagógico, dentre elas, “o desvio de função, a ausência de identidade, a falta de um território próprio de atuação no ambiente escolar, a deficiência na formação pedagógica, a rotina de trabalho burocratizada”. (GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2013, p.96) Estas situações elencadas vão de encontro com o que sempre discutimos nas reuniões dos coordenadores da Educação Infantil, onde em momentos de socialização, os participantes externam as suas inquietações.

Dentre estas dificuldades elencadas acima uma será destacada, que é a que trata da falta de formação destes profissionais. Na rede municipal de educação temos um quadro de coordenadores cujo vínculo se deu por meio de concurso público, mas não são todos, pois muitos foram nomeados mediante as suas experiências enquanto bons professores. Assim, destes coordenadores todos têm a formação em Pedagogia, mas nem todos têm a formação acadêmica voltada para a gestão. Nos anos de 2011 e 2012, o município em parceria com a FAGED/UFBA, oportunizou aos coordenadores efetivos uma pós-graduação em Coordenação Pedagógica. E isto, de certa forma, influencia nesta proposição, pois ter um conhecimento específico da área, ajuda ao profissional a agir com mais eficácia no seu contexto:

Acreditamos que um dos empecilhos ao trabalho eficaz do coordenador pedagógico esteja em sua formação ineficiente. Como já discutimos, muitos exercem a função e nem sequer sabem ao certo quais são suas atribuições [...] a grande maioria dos coordenadores em exercício, não recebeu formação específica [...] os cursos de Pedagogia precisam investir na formação do coordenador, pois se trata de uma função essencial e complexa no campo educativo e que não dá para aprender somente com a prática, é preciso desenvolver capacidades e habilidades múltiplas em consonância com a educação atual ((GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2013, p.97).

Não pretendo afirmar que os coordenadores que não têm esta formação seriam profissionais menos capacitados, aliás, a minha função enquanto coordenadora se dá na condição de professora formadora, designação esta denominada pelo plano de carreira a professores que assumem a função de coordenador sem concurso específico para a área. O que quero enfatizar, diz respeito a conhecimento científico voltados para a atuação, bem como uma compreensão melhor das funções deste profissional que tem grande importância como articulador das práticas docentes.

Assim, esta proposta de formação em Psicomotricidade para os coordenadores, visa atender a duas demandas: a própria formação do coordenador e principalmente a formação dos professores por meio da ação do coordenador que tem como função formação docente. Mesmo o professor não estando diretamente ligado ao grupo focal, o projeto objetiva alcançá-lo por meio da atuação do coordenador, que deverá orientar o planejamento dos educadores a partir de todas as discussões que surgirão nas rodas dialógicas como proporemos na intervenção.

Quando apresentada a proposta de intervenção aos coordenadores, os mesmos a consideraram de extrema relevância, pois ficou claro pelos depoimentos que muitos educadores não sabem o que é psicomotricidade e os que fazem uso das atividades psicomotoras, não tem conhecimento teórico a respeito da intencionalidade de cada uma da atividade proposta. Desse modo, o propósito da intervenção é delinear uma formação para os professores com os coordenadores por meio das mediações formativas que acontecerão dentro do grupo focal.

Então, posso dizer que neste processo de construção do projeto de intervenção, tive inicialmente dois sujeitos: o coordenador e o professor. Quando falo no coordenador como sujeito da pesquisa, tenho como preocupação pensá-lo enquanto aquele que no espaço escolar se torna mediador de aprendizagens e saberes dos docentes. Ou seja, quando o mesmo compreende melhor a respeito de determinadas temáticas, tem maior segurança em orientar os professores pelos quais é responsável.

Esta preocupação com o conhecimento e a prática do professor está atrelada justamente as funções deste profissional no espaço educacional. E falando nestas funções do professor, fica evidenciado o seu importante papel na articulação do processo que levará a criança a se desenvolver dentro dos preceitos psicomotores. Não só em Psicomotricidade, como nas demais áreas, mas o fato é de que tendo uma boa formação psicomotora, o professor fará seus alunos se desenvolverem em vários aspectos, onde a criança deve ser estimulada o tempo inteiro:

A função do professor é trabalhar no aluno cada uma das dimensões, para levá-los à construção da unidade corporal e à afirmação da identidade [...]. O desenvolvimento psicomotor, quando acontece harmoniosamente, prepara a criança para uma vida social próspera, pois já domina seu corpo e utiliza-o com desenvoltura, o que torna fácil e equilibrado seu contato com o outro. (MENDONÇA, p. 25)

Na verdade, é justamente o professor que faz toda a diferença no espaço aprendente. É por meio das ações docentes bem elaboradas e pensadas reflexivamente que a criança é levada a ter experiências de aprendizagem. Quando falo de experiências, me reporto não só as vivências que as crianças trazem consigo, mas as situações criadas pelo professor para que dentro destes espaços que atendem as crianças de zero á cinco anos, estas tenham o privilégio de aprender brincando, algo que é natural, que é da essência infantil.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS: DA ESCOLHA A EXECUÇÃO DOS MESMOS NO DECORRER DA PESQUISA

A escolha dos procedimentos de coleta de dados dentro da pesquisa, surge como algo de extrema importância, dentro no processo interventivo, que não deixa de ser também investigativo. Afirma-se isto pelo fato de que tudo culmina em um produto final, auma escrita repleta de significâncias que emergem das discussões que se desencadearam entre pesquisador e pesquisados. Assim, existe todo um caminho a ser percorrido dentro da pesquisa até se chegar atal produção que dentro desta formação do Mestrado Profissional, se personifica no projeto de intervenção.

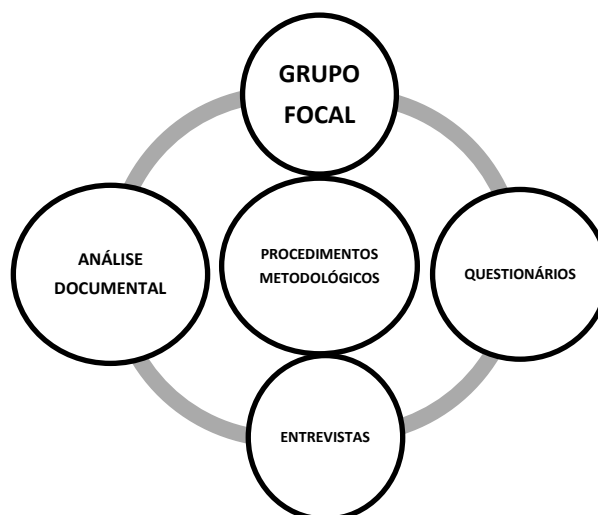


Figura 6 – Procedimentos metodológicos a partir da pesquisa-ação – imagem feita pela a autora.

O que pretendo ratificar é que desde a escolha metodológica, levantamento bibliográfico, existe uma intencionalidade que visa interligação de saberes. Saberes estes que emergem de uma formação acadêmica anterior e se intensifica de forma mais densa a partir dos componentes curriculares estudados ao longo do curso.

Neste sentido, ao escolher a metodologia faz-se necessário ter em mente quais os procedimentos para coleta de dados que mais se encaixa neste contexto onde se pretende descobrir no tocante ao problema estabelecido antes da pesquisa.

Durante o processo de elaboração da pesquisa, procurei compreender cada um dos procedimentos pautando-me no pressuposto que a grande preocupação não se daria na aplicação dos mesmos, e sim com o que seria feito com eles, ou seja, de que forma interpretaria os dados coletados. É claro que o tratamento destes, deve ser pautado num desprendimento de minha parte enquanto pesquisador, pois neste ambiente, não cabe às certezas, e sim, ser surpreendido por tais descobertas. Assim, afirmo mediante o fato de que mesmo sem a intervenção estar acontecendo, várias vezes modifiquei meu projeto de intervenção frente às novidades que surgiram.

A partir deste ponto, falarei sobre a escolha dos procedimentos, bem como a sua execução. Será explicitado o tipo de cada um e a maneira que ele foi desenvolvido no decorrer da pesquisa. Todos foram pensados para a utilização, mas nem sempre eles funcionam conforme o planejado. Estes acontecimentos durante a aplicação serão trazidos não nesta parte do texto, mas posteriormente quando será tratado a respeito dos resultados obtidos, bem como a interpretação feita a partir dos mesmos.

Uma das proposições iniciais que elenquei nas intenções metodológicas apresentadas a banca de qualificação foi o uso do grupo focal como procedimento, cujos alguns resultados, socializei anteriormente. Este procedimento ao ser utilizado pode trazer ao pesquisador contribuições de grande significado, pois “a utilização dos grupos focais, de forma isolada ou combinada com outras técnicas de coleta de dados primários, revela-se especialmente útil na pesquisa avaliativa”. (TRAD, 2009, p.2). Neste sentido, temos algumas definições a respeito deste procedimento:

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais. Para Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema. (TRAD, 2009, p.3)

Ainda sobre a utilização do grupo focal, se tem as contribuições de JÚNIOR; MESQUITA (2014), que pontuam a grande possibilidade de êxito nos estudos de

pequenos grupos, de forma que tais discussões se fortaleçam visando a coletividade:

A utilização do GF como procedimento metodológico na pesquisa qualitativa pode contribuir para o alcance do objetivo da investigação, pois permite que o investigador e os respondentes se tornem mais engajados no processo de pesquisa, ampliando o potencial de envolvimento de ambos na discussão e interpretação dos dados de interesse comum (JÚNIOR; MESQUITA, 2014, p.131).

O objetivo ao se realizar o grupo focal, foi pensado na perspectiva de realização de uma entrevista com os coordenadores da Educação Infantil, no sentido de apresentar a proposta de intervenção e ainda fazer um levantamento dos conhecimentos prévios dos mesmos. Neste contexto, a entrevista foi apresentada por meio de slides com quatro questões, conforme podem ser conferidas no apêndice deste trabalho. Para registrar as respostas dos envolvidos, foi utilizado um gravador de áudios, disponível em celular.

Outro momento em que a entrevista foi utilizada se deu já no fim da pesquisa. Na necessidade de coletar algumas informações da organização da Educação Infantil no município de Irecê, a coordenadora técnica da Secretaria de Educação Joelma Portugal, se dispôs a falar a partir de uma entrevista escrita, sendo mais uma vez registrada por meio de gravação de voz. Neste dia, a mesma foi questionada não apenas sobre quantitativos de instituições, professores e alunos, mas fez suas considerações sobre a viabilidade da intervenção ser colocada em ação no futuro.

Dentro das discussões com os coordenadores, muito se falou sobre a prática dos professores, bem como algumas dificuldades apresentadas pelos mesmos. Assim, o grupo focal foi utilizado mais uma vez para ouvir os docentes. Nesta ocasião foi utilizado ainda outro procedimento: um questionário. A audição aos professores se deu a partir da socialização destes dentro de uma determinada atividade do Mestrado, intitulada Oficina, e também uma pequena formação em Psicomotricidade, os quais também serão explicados posteriormente.

A utilização destes questionários foi bem pensada e planejada, o que possibilitou uma coleta com riquezas de detalhes a respeito de cada um dos indivíduos que foram a eles submetidos. Todos os questionários tiveram uma questão em comum, que foi a respeito do conhecimento de cada um em relação à

Psicomotricidade. Isto foi evidenciado na tentativa de perceber se todos os sujeitos da pesquisa têm uma concepção a respeito do tema. Desse modo, o questionário teve seu papel ampliado para além da coleta de informações:

O questionário pode ser definido com uma técnica para a obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador (a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo. Em regra geral, os questionários têm como principal objetivo descrever as características de uma pessoa ou de determinados grupos sociais. (OLIVEIRA, 2007, p. 83)

Outro momento em que o questionário foi utilizado se deu também ao final da pesquisa, onde era necessário contextualizar o campo da intervenção. Para responder a estes questionários, foram selecionadas nove professoras que atuam há muito tempo na Educação Infantil no município de Irecê, três coordenadoras e uma diretora que no ano passado desempenhava a função de coordenadora. O objetivo foi ouvir as mesmas, fazendo um levantamento de quais formações elas já participaram e se também já foi ofertada uma formação em Psicomotricidade para toda a Rede.

Outro instrumento ainda utilizado para fundamentação teórica foi a análise documental com o objetivo de se perceber as relações entre teoria e prática dos professores. Este procedimento teve um papel bem importante na pesquisa, pois possibilitou estabelecer relações entre o que os sujeitos falaram e a sua realidade dentro dos espaços educativos. Possibilitou assim, ter visão do que se está escrito e o que está sendo praticado na ação pedagógica, onde estão diretamente relacionados os professores e também os coordenadores pedagógicos, sujeitos estes, responsáveis pela orientação destes profissionais.

Alguns documentos foram analisados com o objetivo de se compreender a relação existente entre o que está posto nestes e se estes estão presentes na ação cotidiana dos professores, ou seja, se realmente há uma conjectura entre os elementos teóricos e práticos. Tendo em vista estes documentos oficiais que embasam a Educação Infantil, foi analisado ainda se realmente estes trazem a abordagem da Psicomotricidade como algo necessário a ser trabalhado, priorizando o desenvolvimento infantil. Os documentos analisados foram: Diretrizes Curriculares Nacionais em Educação Infantil I (DCNEIS) e a Proposta Curricular para o município de Irecê.

Este último documento citado que é a Proposta Curricular, está em processo de implantação no município de Irecê, onde o mesmo organiza todo contexto de educação por ciclo de formação humana, e foi construído pelos cursistas da pós-graduação em Currículo, convênio entre a FACED/UFBA, tendo sua versão de apreciação concluída em 2013. Como estamos passando por um momento de implementação desta proposta em algumas escolas da Rede, acredito que saber o que ela diz a respeito da Psicomotricidade e do brincar como forma de aprender é de grande valia:

A organização dessa Proposta Curricular para o segmento da Educação Infantil baseia-se nas concepções defendidas ao longo deste documento, propõe: [...] o brincar seja um conteúdo significativo presente no Projeto Político Pedagógica das escolas. Que a escola tenha uma estrutura de trabalho docente com recreadores, professores auxiliares e professores de psicomotricidade; um trabalho pedagógico interdisciplinar e transversal com foco na brincadeira e ludicidade (FACED/IRECÊ, 2013, p. 44).

Percebe-se por meio deste trecho da proposta, que este trabalho envolvendo a Psicomotricidade de forma lúdica já é um pensamento de muito tempo, haja vista, esta parte do documento ser construída por cursistas envolvidos na época com a Educação Infantil, onde eles tinham como função a coordenação ou a prática da sala, neste caso, os professores docentes ou gestores. Porém, o que também pude constatar pelos diversos procedimentos mencionados, é que ainda não se tem uma prática estruturada por parte dos docentes no tocante aos fundamentos psicomotores.

Para ter um bom material sobre o qual se possa analisar, é fundamental o levantamento de dados por meio de diversos procedimentos. Este momento caracterizou-se pelo processo de organização, que vai desde o levantamento de material bibliográfico para estudo, escolha dos mesmos até a aplicação destes no contexto a ser investigado. Buscou-se assim que tudo se configurasse neste aspecto: trazer informações pertinentes, por meio de uma coleta de dados bem estruturada.

Todo o trajeto da pesquisa, toda a metodologia, teve como objetivo conduzir a um projeto de intervenção de forma coerente e organizada. Assim sendo, procurou-se escolher um tipo de pesquisa que contemplasse a dimensão humana que se perpetua nas relações que se estabelecem por meio do campo de pesquisa, no campo educacional. Lidar com pessoas, é lidar com a complexidade de distintas

naturezas, distintos contextos sob as distintas faces, sejam elas, sócias, políticas, econômicas, entre outras.

Conhecer um mundo de diferentes relações presume uma pesquisa que seja suficiente o bastante para elencar e classificar tanto sujeitos como suas ações. A escolha da pesquisa qualitativa desde o início se deu por este motivo, como tentativa de descobrir e de que modo a formação influenciará nas práticas dos professores por meio da mediação dos coordenadores pedagógicos. Mas uma coisa fica claro, este espaço de intervenção é dinâmico e requer um pesquisador/investigador aberto às mudanças deste ambiente:

Os investigadores que tomam o ambiente de educação como objeto de pesquisa, entendendo que nesse lugar o processo das relações humanas é dinâmico, interativo e interpretativo, devem construir seu arcabouço metodológico alicerçado pelas técnicas qualitativas. Dessa forma, essa escolha teórica fica justificada quando pensamos nos “agentes interpretativos”, de Prus (apud MOREIRA, 2002), ou seja, as pessoas interpretam seu mundo, compartilhando o seu modo de ver com outros que, por sua vez, também interpretam. (OLIVEIRA, 2007, p. 15)

Pesquisar não é uma atividade fácil, haja vista se tratar da proposta de se investigar um assunto tão complexo, tão pouco discutido nos meios educacionais. No entanto, pensar um caminho que leve ao esclarecimento, é o objetivo da pesquisa-ação. Enfim, o percurso metodológico descrito acima, teve como princípio a significação do assunto com o tema e o ambiente em que ele fora investigado. Concomitante, a isto, resultados surgiram e foram assim analisados e interpretados de forma cuidadosa, criteriosa e sobre isto, falaremos a seguir na quarta parte do projeto.

4 RESULTADOS DA PESQUISA: INTERPRETANDO DADOS ADVINDOS DA ESCUTA DOS SUJEITOS DA PESQUISA

A atividade de interpretação de dados pode ser considerada como uma proposta de crescimento para o pesquisador, pois este deverá se desvencilhar de muitas de suas concepções prévias. Isto por que este não parte do nada, tem consigo um ponto de referência a respeito do que quer saber, aonde quer chegar. Mesmo ele não estando ciente do que lhe reserva as experiências no âmbito da investigação, tem planejado várias ações visando obter a resposta ao problema formulado inicialmente. Assim, uma vez liberto de algumas convicções, será bem mais fácil estar aberto às situações e respostas que surgirão neste momento.

Partir para a análise do campo da pesquisa fazendo uma descrição densa¹³ que esteja fiel ao que foi vivenciado, acarreta uma imensa responsabilidade ao pesquisador, haja vista as várias relações e reações que se desencadeiam neste processo. Estas informações que emergem do chão, da realidade, têm que ser cuidadosamente analisadas para não se cometer um julgamento impregnado de certezas. Aliás, na atualidade vemos que a concepção de certeza das coisas, torna-se cada vez mais desmistificada mediante tantas mudanças e surpresas que podem surgir no contexto em questão.

A preocupação em ser sistemático em relação à metodologia, bem como a busca exagerada da coerência científica, pode tirar a liberdade daquele responsável pela escrita dos almejados resultados da pesquisa. Quando faço a relação com a sistemática da metodologia, quero trazer à tona uma das minhas maiores dificuldades: trazer uma leveza aos meus textos por meio de um relato mais pessoal. Em se tratando desta rigorosidade metódica, sempre me senti presa a uma escrita impessoal, conforme as normas e noções de redação desde o ensino médio.

A respeito disto MINAYO (2011) faz sua consideração levando em conta tal engessamento da metodologia, que acaba tirando deste momento o sentido real da pesquisa que é a descoberta, tornando muitas vezes este estéril, no sentido da não

¹³ Entende-se por descrição densa o método de observação criado por Clifford Geertz (1978), que objetiva proporcionar a compreensão das estruturas significantes implicadas na ação social observada, que necessita primeiramente ser apreendida para depois ser apresentada. (TALAMONI, 2014, p.54)

captação das reais vivências e também das relações que estão presentes nas discussões dos grupos em que os sujeitos da pesquisa fazem parte:

Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. O endeusamento das técnicas produz ou um formalismo árido, ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis (MINAYO, 2001, p.16)

Como dito anteriormente, o pesquisador cresce neste processo, não me refiro só na escrita e interpretação de dados, mas principalmente neste contexto de formação acadêmica que se perpetuou dentro do Mestrado profissional em todos os momentos, desde os componentes cursados até aqui, o qual se pode considerar como uma das etapas finais deste processo formativo. Acabei por compreender que muito mais do que obter resposta, o espaço desta pesquisa me ensinou a ouvir mais o outro, ao invés de querer afirmar junto a eles, a importância do estudo desencadeado neste trabalho.

Isto que pretendo a partir daqui: relatar o que aconteceu em algumas das etapas previstas dentro da pesquisa. Dito isto pelo fato de que quando se adentra este espaço, faz-se necessário a neutralidade, mesmo que ela não exista. Como se pode pesquisar algo que supõe ter respostas prontas? Esta é uma descoberta que tive ao longo do curso, no processo de orientação, e principalmente, no período em que a pesquisa aconteceu. A partir daqui será feito um relato conforme os envolvidos na pesquisa: a princípio os coordenadores e posteriormente, os professores.

4.1 OUVINDO OS SUJEITOS DA PESQUISA: PRIMEIRO ENCONTRO COM OS COORDENADORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE IRECÊ.

Para o pesquisador, a coleta de dados surge como um momento valioso dentro da pesquisa. Mas, o que traz um sentido diferenciado a esta ação, é a maneira pela qual estes dados são percebidos no contexto em observação. Um dos instrumentos de coleta de dados que fora elencado na metodologia do projeto diz respeito a mediação de um grupo focal, neste caso, formado pelos coordenadores municipais de Irecê. Assim, um dos primeiros movimentos que se desencadeou foi à realização de um encontro com os mesmos.

Sobre o grupo focal, é importante pontuar que é um procedimento que pode ser considerado muito útil neste contexto a ser usado, mas que também ao ser utilizado em determinadas situações onde não há uma boa receptividade entre grupo e moderador (geralmente o pesquisador), pode não ocasionar o tão esperado resultado. Um caso que exemplifica bem isto é quando se faz uso desta técnica em momentos onde há tensões anteriores, ou quando não se tem uma boa aceitação do moderador por parte dos demais participantes, o que não aconteceu neste primeiro encontro. Neste aspecto a utilização do grupo focal pode trazer muitas contribuições:

A utilização do GF como procedimento metodológico na pesquisa qualitativa pode contribuir para o alcance do objetivo da investigação, pois permite que o investigador e os respondentes se tornem mais engajados no processo de pesquisa, ampliando o potencial de envolvimento de ambos na discussão e interpretação dos dados de interesse comum. Ou seja, os sentidos, significados e valores conferidos aos dados podem ser explorados e negociados entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa (GREENWOOD; LEWIN, 2006, p.131)

A intervenção na verdade se fez presente em todo percurso da pesquisa, pois ela de certa forma já tem suas características previamente delineada. Dito isto pelo fato de que, desde a banca de qualificação, já se tinham algumas projeções de ações neste sentido. Como a intervenção deve ser algo significativo, percebi a necessidade de procurar um diálogo com as autoridades da Secretaria Municipal de Educação de Irecê, no objetivo de explanar o foco de minha intervenção por meio dos objetivos,

Neste sentido, foi solicitado um encontro com a coordenadora técnica da Educação Infantil, profissional esta que sempre manteve um trabalho de valorização às iniciativas pedagógicas desenvolvidas na Rede neste segmento. Foi apresentada assim, uma prévia da intervenção que estava nas intenções interventivas do projeto apresentado a banca de qualificação. Dito intenções, por que assim são denominadas as ações pensadas antes de serem colocadas em prática. A partir daí, foi solicitado a coordenadora um encontro com os coordenadores pedagógicos, aproveitando assim um espaço de tempo, dentro de nosso encontro mensal.

É importante ressaltar que nós coordenadores de Educação Infantil, temos sempre um encontro coletivo no qual, discutimos temáticas referentes ao desenvolvimento das crianças, pautando-nos na prática dos professores. Neste espaço, socializamos experiências das instituições nas quais trabalhamos numa

perspectiva de aprendermos com o outro, e principalmente, nos fortalecermos enquanto coordenadores, pois temos ciência da grande responsabilidade que nos é atribuída: articular junto aos educadores situações favoráveis às aprendizagens dos alunos da Educação Infantil seja na creche ou no pré-escolar.

A partir desta aceitação e adesão por parte da coordenadoria, foi idealizado o que aconteceria neste encontro, quais descobertas se pretendia, pois nisto consiste o momento da coleta de dados. Assim, com um planejamento das ações, este momento foi destinado à apresentação do projeto de mestrado, mas teve em destaque alcançar um dos primeiros objetivos propostos neste: compreender o que os coordenadores sabem a respeito da Psicomotricidade e que visão estes têm sobre a Infância.

Este encontro de coordenadores aconteceu justamente no dia nove do mês de maio de 2017, com um grupo de treze pessoas. Na ocasião, muitos coordenadores não participaram deste momento justificando a ausência anteriormente, pois a semana que se seguia estava muito tumultuada com algumas programações previstas em nível de rede. Apesar de um número menor do que o esperado, ricas discussões foram surgindo mediante as proposições que foram discutidas. Neste dia, ocasionalmente, a coordenadora técnica planejou que eu expusesse as experiências das escolas as quais coordeno.

A pauta em questão foi justamente a ênfase dada ao brincar de forma planejada e sistematizada, onde falamos sobre a possibilidade de planejar brincadeiras, mesmo com poucos recursos. Trago estas informações, devido ao que se desencadeou durante as discussões, pois alguns coordenadores disseram que muitos professores alegam que o fato de não desenvolverem mais atividades nos espaços fora da sala de aula se deve pela falta de recursos materiais, bem como espaços físicos.

Desde o início do ano, a proposta de trabalho para a rede foi a partir de o tema Aprender Brincando, o que acabou por trazer alguns pontos positivos, haja vista que já se falava sobre isto antes, mas não de maneira enfática. A própria proposta curricular em processo de implantação fala a respeito disto, afirmando que “o brincar seja um conteúdo significativo presente no Projeto Político Pedagógica das escolas” ratificando ainda que a “escola tenha uma estrutura de trabalho docente com recreadores, professores auxiliares e professores de psicomotricidade”. (IRECÊ, 2013, p.44)

Nesta ocasião, alguns textos, os quais lemos previamente, foram socializados no intuito de discutirmos sobre uma prática constante em relação à organização curricular da Educação Infantil: as datas comemorativas como eixo estruturante do planejamento de alguns professores. Este é um tema muito discutido, pois mesmo mediante tantos avanços e orientações, todos os presentes relataram que por mais que se fale a respeito nestes espaços sobre a negatividade desta ênfase dada às datas comemorativas, muitos educadores insistem em trabalhar desta forma.

Depois desta discussão, a coordenadora técnica direcionou o segundo momento para a minha pesquisa. Neste dia, além dos coordenadores, estava presente a professora mestra da UNEB-CAMPUS XVI-IRECÊ Maria Conceição de Araújo. Ela fora convidada para falar sobre a Psicomotricidade, bem como o incentivo que a mesma sempre deu a este componente no campus, mesmo não sendo este obrigatório. Ela ainda ratificou a importância da pesquisa realizada por mim, desde a pós-graduação e agora no mestrado, neste projeto de intervenção.

Tomando este espaço como de extrema importância, iniciei a apresentação do projeto. Aqui pretendia mostrar para os colegas a importância da temática, bem como se dera a organização deste projeto advindo de um estudo na rede de Irecê, desenvolvido no ano de 2014. Neste momento de apresentação, pretendia ainda colocar em prática um dos instrumentos elencados na metodologia: uma entrevista semiestruturada. Por meio dela, pretendi ouvir os coordenadores a respeito do que eles sabiam sobre a Psicomotricidade, bem como se os mesmos observavam, se tais conceitos eram aplicados na prática docente.



Fotos 1 e 2 – apresentação das intenções interventivas do projeto do mestrado – autoria do slide: pesquisadora/autoria da foto: Cléia Regina

Algo que me chamou a atenção em forma de surpresa neste encontro foi justamente a expectativa que temos enquanto pesquisadores em relação ao que encontraremos no campo da pesquisa, mas necessariamente na utilização do grupo focal. Apesar de ser feita uma programação cuidadosamente planejada, muitas ações que se desencadearam neste contexto, desconstruíram algumas ideias que tinha até então deste momento. Uma delas foi considerar que os coordenadores não sabiam tanto sobre o tema. A desconstrução se deu mediante as respostas dadas as questões.



Fotos 3 e 4 – Coordenadores da Educação Infantil, participantes do primeiro grupo focal realizado no dia 10/05/2017

A partir deste momento, algumas falas serão descritas à medida que as questões da entrevista foram sendo feitas. Para identificação dos participantes que falaram, utilizei o termo coordenador (a) acompanhado de uma numeração, designando assim cada um mediante a sua fala. A coordenadora técnica foi designada com esta nomenclatura, enquanto eu assumi a forma de mediador, porque apesar de ser ouvinte neste contexto, foi necessário que eu fizesse algumas intervenções no sentido de ampliar as opiniões dadas, mediante as questões não programadas que surgiram.

Todas estas falas poderiam ser trazidas separadamente, mas preferi organizá-las na sequência da discussão, para assim evidenciar as inquietações gerais do grupo, pois à medida que um falava, outros já acabavam por externar suas opiniões, bem como as dúvidas. Não falo isto para pontuar certa desorganização das falas, mas mostrar a naturalidade que os discursos foram se solidificando, ou seja, tudo ocorreu como uma conversa informal, apesar de se tratar de uma entrevista semiestruturada pensada e estruturada intencionalmente.

A primeira pergunta a ser feita foi a seguinte: O que vocês entendem por Psicomotricidade, desde o significado do termo até a utilização desta? Os coordenadores começaram a dar suas opiniões não aprofundadas, mas coerentes, tais como a psicomotricidade como a valorização do movimento produzido pelas crianças e também como um elemento fundamental no desenvolvimento da criança. Cada coordenador deu sua opinião pautada nestas duas definições citadas acima. Mais abaixo serão trazidas as falas destes no decorrer das discussões:

Coordenadora 1 - Particularmente não sei trazer a definição exata sobre a Psicomotricidade, mas acredito que o importante é antes de tudo entendermos o conceito de Infância, pois até enquanto se pensava a criança como adulto, ela...era ...era uma...não se tinha este conhecimento, então a partir do momento que se desenvolve este conhecimento sobre o desenvolvimento da criança, tanto físico quanto o psicológico, quanto o da interação entre estes aí é que se cria, este conhecimento que possibilita entender a criança tanto física como psicologicamente.

Mediador: Mas precisa de formação para você entender esta criança deste jeito...

Coordenadora 1: Sim, sim, você precisa, mas antes disso, enquanto se tem o paradigma de infância em que a criança era um adulto pequeno, não se tem este conhecimento, mas a partir do momento que se desenvolve estes conhecimentos começa a compreender ...

Mediador: ... romper...

Coordenadora 1: a romper com isso, é um novo paradigma que se compreenda a criança como este sujeito, como este ser, que precisa deste movimento, que precisa ser compreendida na sua plenitude para potencializar este desenvolvimento.

Coordenadora 2: a Psicomotricidade embasa o brincar como forma de aprender.

Coordenadora técnica: Mas isto vai muito das concepções de infância que nós temos e pensar as várias infâncias, eu acho bem legal pensar as infâncias [...] a gente já tinha, o Brasil como um todo tinha uma concepção de infância a partir de um determinado momento histórico. E desconstruir esta concepção de infância é uma batalha, uma luta, e de responsabilidade do professor. Eu acho que é o principal: ver as diferentes infâncias dentro de cada instituição.

Ao trazer estas falas de alguns coordenadores, fica evidenciado que os mesmos concordam numa determinada abordagem: a necessidade de que todos compreendam o conceito de infância, aliás, não só uma infância, mas sim as várias infâncias que se têm. Ou seja, antes de querer ensinar as crianças aprendizagens puramente conceituais, torna-se primordial que se conheça as mesmas em sentido amplo. Quando a coordenadora 1 fala sobre plenitude, é justamente isto que a

mesma ratifica: a compreensão de todo o processo de desenvolvimento, mas principalmente entender as relações que estas crianças estabelecem com os outros.

Gostaria de frisar ainda este ponto sobre as nuances que o grupo focal nos fornece: a questão central era sobre a Psicomotricidade, mas todos falaram a respeito da infância e como esta deve ser bem pensada e refletida pelos professores, não só por eles, como por todos os envolvidos na Educação Infantil. Segundo alguns coordenadores, ainda existem professores que não têm esta compreensão tão clara, o que acaba por se tornar um impasse na prática e atuação dos mesmos que passam a reproduzir velhas práticas escolarizantes, sem levar em conta o centro deste trabalho que é a criança:

A criança centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos, que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Resolução CNE/CEB, 2009, p.1)

Acima temos um conceito atual de infância, que mesmo não sendo compreendido por todos os professores, é um conceito que se deve ter bem claro. Ao planejar as ações voltadas para esta criança, o educador tem que enxergar a mesma como um sujeito histórico, tendo em vista suas especificidades. Quando falo sobre esta especificidade, não me refiro apenas aos aspectos biológicos ou emocionais, mas sim aos aspectos culturais. Exemplo disso é as próprias diretrizes que em documento, especifica os vários tipos de infância a se considerar como as das crianças indígenas, quilombolas e da educação do campo.

A proposta de intervenção é justamente oportunizar uma formação com os coordenadores, por isso, nada mais coerente do que começar a compreender o que estes sabem e fazem a respeito desta ciência tão necessária. Deduzi (erroneamente) que os participantes do grupo focal não tinham tanto conhecimento sobre o assunto. Isto ficou claro quando foram questionados, os mesmos deram suas contribuições significativamente no decorrer das questões, como dito. Mais uma vez quero ratificar da utilização do grupo focal a partir de ARAÚJO; MELO (2010):

Nessa perspectiva, o uso de grupos focais possibilita avaliar projetos de questionários e metodologias culturalmente apropriadas, podem ser usados em uma grande variedade de circunstâncias, incluindo tópicos “delicados”, assim como encorajar participantes relutantes em participar de entrevistas individuais e apropriados para abordar questões do tipo “por que não...?”. (ARAÚJO; MELO, 2010, p.2)

Neste momento, fica comprovado que no espaço do grupo focal, o pesquisador deve estar atento as interações que se seguem, muito mais do que se preocupar com que suas ideias sejam confirmadas. Aqui ele deve desempenhar o papel de moderador, onde ora ouve,mas também intervém no sentido de direcionar algumas discussões que por acaso de distancie da temática principal em discussão. O que não aconteceu neste encontro em que os coordenadores compreendiam, mesmo que de maneira não aprofundada, sobre alguns pressupostos que embasam a Psicomotricidade.

Tendo ainda como ponto as falas dos envolvidos, algo muito discutido no decorrer do grupo focal, foi sobre o brincar, momento este, em que a criança por meio da interação com as outras se desenvolvem. Infelizmente, neste sentido a partir dos depoimentos da maioria dos coordenadores, existem professores que permanecem com práticas estáticas na Educação Infantil, muitas vezes se negando a fazer atividades fora das quatro paredes da sala de aula.

Na verdade, os professores que persistem nesta prática escolarizante,¹⁴ acabam por ferir uma das primeiras orientações das DCNEIS, que é ao articular a Educação Infantil ao Ensino Fundamental atribuir a esta um caráter preparatório para o 1ºano. No mesmo fica claro que se deve elaborar uma proposta pedagógica que considere o “processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental”. (DCNEIS, 2010, p.25). E mais adiante há outra orientação sobre qual deve ser o eixo do currículo na Educação Infantil:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências que: Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança. (DCNEIS, 2010, p.25)

Em se falando de práticas docentes em relação às ações psicomotoras, mais uma vez algo chama a atenção. Como dito no início deste projeto, na ocasião da pesquisa anterior a esta, onde ficou constatado que alguns professores faziam uso das atividades, mas não tinham conhecimento a respeito, isto foi reafirmado neste encontro do grupo focal. Os coordenadores falaram da grande resistência dos

¹⁴ Esta expressão diz respeito às atividades cujo o cunho é uma preparação para o ensino fundamental baseada na aquisição de conceitos alfabetizadores.

professores em proporcionar momentos voltados para o brincar. Sem uma prévia organização e planejamento, acabam por fazer deste momento, algo aleatório.

Novamente, os professores descaracterizam o que deveria ser a forma mais adequada de se propor atividades para as crianças. Pude perceber na fala dos coordenadores, que os professores preferem as atividades de suporte de papel, onde por meio de exercícios repetidos, acabam treinando as crianças para o fundamental I, como já foi dito. Nas discussões, todos nós chegamos à conclusão que tais práticas docentes acontecem na maioria das vezes, pois ao brincar a criança aprende muito mais que fazendo atividades escritas que MOUTINHO (2012, p.49) afirma:

Brincar é tão importante que o art.31 da Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), proclama o direito da criança de brincar. Brincar é uma atividade escolhida e muitas vezes espontânea que é muito importante [...] é por meio do brincar que a criança expressa as suas motivações e suas necessidades de explorar e descobrir o seu mundo interno e externo.

Esta foi uma discussão que ocasionou a reflexão sobre a importância do brincar na Educação Infantil. Não se trata de pensar o brincar aleatoriamente, sem um planejamento prévio, mas ao contrário, faz-se necessário conhecer mais a respeito deste brincar intencional da parte dos professores onde ele deve “centrar a Educação nas funções cognitivas, considerando os interesses e as necessidades da criança por meio do jogo e da brincadeira em um clima descontraído” o que fará com que a “capacidade de raciocínio, a capacidade de aprender” seja facilitada (ALVES, 2016, p.79). Neste ponto, a discussão se deteve e acabamos por ter que intervir no sentido de dar continuidade as demais questões da entrevista.

A segunda pergunta a ser direcionada para o grupo não foi aplicada devido o avançar das horas. Antes da apresentação do projeto, fiz uma dinâmica envolvendo a Psicomotricidade. Tratava-se de uma récita de uma brincadeira intitulada Seu Matias, onde era necessário seguir aos comandos por meio de gestos imitados. Com esta atividade tive dois propósitos: primeiro sensibilizar os participantes no sentido de perceberem a possibilidade de se trabalhar a Psicomotricidade sem nenhum recurso material e o outro era lançar a segunda questão, seria para eles elencarem quais tipos de aprendizagem poderiam ser trabalhadas com as crianças por meio daquela brincadeira.

Sendo a questão dois suprimida, passamos para a terceira: Como coordenadores pedagógicos, você tem conseguido identificar as teorias e práticas psicomotoras na ação docente? Exemplifique sua resposta. Este momento acabou por se tornar um momento tenso, pois muitos coordenadores passaram a relatar fatos preocupantes. É claro que têm professores com iniciativa em planejar ações pertinentes voltadas para a Psicomotricidade, mas na maioria das falas dos coordenadores, fica explícito que os professores pouco fazem dos princípios desta e ainda resistem às ações intencionais e planejadas no que concerne ao brincar:

Coordenadora 3: Quando a gente chega numa rede e lança para os professores de uma rede inteira uma proposta de que a Educação Infantil a partir de agora, que a base do nosso trabalho é brincar, se você não tiver cuidado, não tiver um direcionamento correto, com fundamentos, fica difícil, pois cada um prima por seu conceito de infância diferente e sai uma mistura complicada.

Coordenadora técnica: Mas olha a concepção: a base da Rede agora é “aprender brincando”, aprender brincando, não somente brincar.

Coordenadora 3: Mas é por que a palavra brincar muitas vezes fica estereotipada.

Coordenador técnica: Mas a gente precisa garantir às crianças os direitos que ela tem. E quando a gente pensa qual é o direito dela e o que ela precisa aprender, quando o professor pensa assim: “eu compreendo o que a criança precisa aprender, vou assim trazer atividades lúdicas para que ela possa dar contas de certas aprendizagens e aprenda por meio das brincadeiras”. É esta concepção que nós coordenadores devemos levar para as escolas, para que nós não estejamos reproduzindo um discurso de forma errônea.

Mediador: Eu acho que o papel do coordenador é justamente ratificar a questão do planejamento destas ações. Por que a partir do momento que ele se apodera deste conhecimento (do brincar intencional ou da psicomotricidade) ele vai ter respaldo para estar aplicando atividades psicomotoras com eficácia, porque primeiro ele vai conhecer para assim planejar em cima de tal conceito, entendendo o que realmente as crianças devam aprender.

Coordenadora 4: Eu acho que o ponto é este, partir do estudo da palavra Psicomotricidade. Eu achei um encontro rico quando Laudy¹⁵ foi lá na Escola, porque muitos ficaram dizendo: “será? Psicomotricidade? Será que vale a pena propor esta discussão na jornada pedagógica?”. Depois que ela levou a discussão, as professoras disseram que nunca tinha pensado na grandiosidade que é se trabalhar a Psicomotricidade.

O evento o qual a coordenadora 4 faz menção, diz respeito a um dos meus objetivos da intervenção que é justamente falar sobre minha pesquisa no intuito de

¹⁵ Um apelido pelo qual os coordenadores me chamam no decorrer das nossas vivências pessoais e profissionais.

divulgá-la em diversos espaços. Assim, como tal coordenadora era conhecedora disto, juntamente com a diretora, fizeram o convite para que fosse falado sobre a Psicomotricidade no início do ano, mas exatamente em Fevereiro na Creche onde trabalham. Como a mesma disse, as professoras demonstraram grande aceitabilidade em relação à temática discutida naquele dia: a importância da Psicomotricidade na Educação Infantil.

Na ocasião, muitos professores assumiram não saber do que se tratava, com exceção, de algumas pessoas que já haviam feito alguma formação em Educação Infantil, como as próprias coordenadoras e diretora. Nisto, pude perceber que por mais que pressupomos que algumas questões são inerentes à prática dos professores, na verdade, existem aqueles que não fazem uso deste conhecimento por não compreenderem, ou até mesmo não serem apresentados a ele por meio de uma formação continuada.



Fotos 5, 6 e 7- formações de professores numa creche da Rede Municipal de Irecê em Fevereiro/2017 - autoria das fotos: Maria Socorro Semente

Como pode ser notado esta proposta do “ aprender brincando” foi algo relacionado o tempo todo com a Psicomotricidade neste encontro. Na verdade, é difícil falarmos em Psicomotricidade sem relacionar o brincar, pois ambos estão pautados na ludicidade. Mas o que as coordenadoras trouxeram todo o tempo, é justamente o fato de que por mais que isto já tenha sido discutido nas instituições desde o começo do ano, muitos professores ainda permanecem com suas práticas voltadas para atividades escritas, ao invés de enfatizarem o movimento, o brincar, a ludicidade.

O papel do coordenador dentro da escola é de grande importância, ao tempo que mesmo com o compromisso deste, nem todas as questões concernentes a

prática, são resolvidas. Dito isto, por que em determinado momento da discussão, uma coordenadora falou sobre a tentativa de propor aos docentes que os mesmos planejassem brincadeiras conforme a utilização dos vários espaços externos. Na escola desta, existe uma rotina onde todos os educadores devem promover situações de aprendizagens nestes. Mas segundo ela, mesmo sentando para planejar com os docentes, muitos deixam de fazer o que planejaram alegando que não deu certo tal atividade, devido à falta de recursos, como já foi falado.

Neste momento outros coordenadores fazem o mesmo desabafo. Seria a falta de conhecimento a respeito do brincar e da Psicomotricidade? Ou então poderíamos definir esta postura de alguns educadores como comodismo frente à busca por novas situações de aprendizagem? Estas questões mostram um dos grandes desafios do coordenador, além da formação, lidar com profissionais que muitas vezes se mostram apáticos e resistentes as novidades sugeridas. Todos concordaram em uma proposição: o sucesso depende da postura do educador e isto só ele é quem pode mudar, ou seja, não adiantam formações, sugestões se os mesmos não querem:

A formação de professores tem ignorado, sistematicamente, o desenvolvimento pessoal, confundindo "formar" e "formar-se", não compreendendo que a lógica da actividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação. Mas também não tem valorizado uma articulação entre a formação e os projectos das escolas, consideradas como organizações dotadas de margens de autonomia e de decisão de dia para dia mais importantes. Estes dois "esquecimentos" invibilizam que a formação tenha como eixo de referência o desenvolvimento profissional dos professores, na dupla perspectiva do professor individual e do colectivo docente.(NÓVOA, 1991, p.11)

Justamente neste contexto de análise da postura do docente, na efervescência do momento, foi lançada a última questão em forma de auto avaliação: Você já trabalhou com esta temática com seus professores? Se não, elenque os motivos pelos quais ainda não aconteceu. Se sim, explique a forma que acontece, se constante ou esporadicamente, dando exemplo de atividades propostas. A impressão que tive deste momento, foi de que os coordenadores sabiam da importância desta proposta, mas que ainda não tinham enfatizado o trabalho com a Psicomotricidade.

Como trouxe no início do projeto, a organização da Rede Municipal em relação ao planejamento docente se dá da seguinte maneira: o professor regente trabalha

quatro dias na semana e planeja em um dia. Assim, tem um professor chamado itinerante. Esta definição se dá por que o mesmo sempre está em todas as turmas da instituição, não em uma única sala. Acontece que a este profissional é destinado os eixos temáticos Movimento, Arte e Música.

Trago novamente esta explicação para elucidar que ainda a ideia de trabalhar o Movimento é função única deste profissional. Compreensão esta não pelos coordenadores presentes, mas a partir do que eles disseram. Os professores regentes resistem a trabalhar a Psicomotricidade por acharem que não é função deles esta abordagem. Ao tempo que estes educadores pensam assim, alguns coordenadores falaram sobre a sua preocupação em oportunizar este conhecimento a todos eles: professores regentes e itinerantes:

Coordenadora 5 – Na primeira reunião pedagógica do ano de 2017, a gente levou Ney (coordenador técnico de Educação Física da Secretaria Municipal de Educação). Antes da ida dele, eu conversei muito com eles sobre as necessidades, a carência que a gente observava de trabalhar o movimento. Aí ele passou os slides, discutiu e deu várias sugestões de atividades. Depois do que ele falou, a gente foi listar material que favorecia este trabalho. Porque se tinha o discurso que não se tinha nada; tem corda, bola, colchonete, tinha muita coisa que pode favorecer sim. Não tem tudo que o professor gostaria, mas tem pneu e outras coisas, nós sentimos falta, Laudice, de todos os professores trabalharem a Psicomotricidade

Mediador: e esta é a minha defesa, coordenadora 5. Que todos os educadores da educação infantil se apropriem deste conhecimento e o utilize em prol do desenvolvimento das crianças. De certa forma isto me preocupa por que a três anos atrás, quando fiz outro estudo na Rede, já havia constatado que a psicomotricidade era usada de forma um pouco mais sistemática pelos itinerantes, ao tempo que os regentes faziam atividades esporádicas.

Coordenadora 3: Lá na ... (instituição a qual coordena), eu não faço formação separada para o professor itinerante com material voltado para Movimento e Arte. Tudo que faço, faço para os dois. Já as meninas, na organização do trabalho, mostram dúvidas se deixam ou tiram os conteúdos de Arte e Movimento. Oriento a trabalhar dentro dos outros eixos, pois não tem outra forma de trabalhar. Este eixo tem que estar no nosso trabalho o tempo inteiro.

Fica fortemente explícita, na fala dos coordenadores, uma preocupação da parte deles em trabalharem a abordagem do movimento e da arte pautados na proposta dos RCNEIS que trazem estes eixos bem detalhados quanto ao trabalho. Mas, em relação à abordagem da Psicomotricidade com todas as suas áreas a serem abordados de forma conceitual e prática, muitos assumiram não terem o respaldo suficiente para realizar esta formação com seus educadores. Quando

questionados sobre o que acharam da intenção interventiva do meu projeto, demonstraram grande interesse para que a mesma acontecesse.

Algo muito significativo foi à participação da parceira Maria da Conceição Araújo, onde a mesma se prontificou a estar junto às instituições trazendo estas pequenas formações, ou seja, seria uma forma de fomentar a discussão de ser necessária uma formação mais ampla, formação esta que começaria com os coordenadores, tendo em vista a formação docente. Nesta hora todos concordaram em divulgar esta ideia: a necessidade da formação em Psicomotricidade, pois todos concluíram que não é simplesmente trazer atividades psicomotoras, mas sim compreender seus princípios.

Neste processo de delinear a formação em psicomotricidade, o primeiro sujeito a ser ouvido foi o coordenador, pois a formação se destina a este no propósito de que ele seja multiplicador deste saber. Mas, tudo isto tem um objetivo: proporcionar a formação em psicomotricidade para os professores, por meio da ação do coordenador. Agora surge uma nova questão: de que forma poderia a psicomotricidade estudada por estes? Quais saberes devem permear esta discussão? Com este intuito, um novo encontro fora idealizado, agora com os educadores.

4.2 OFICINA DO MESTRADO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA PERSPECTIVA PARA ALÉM DA COLETA DE DADOS.

No decorrer da pesquisa surgem diversas situações surpreendentes, que muito além de um instrumento que dá certo, estão às descobertas neste intermeio. No primeiro encontro do grupo focal com os coordenadores, as surpresas foram inúmeras, mesmo diante de algumas inquietações pessoais. Inquietação estas que fez com que fosse percebida a necessidade de ouvir quem está diretamente ligado ao fazer da sala de aula, aquele que no dia-a-dia constrói um percurso, busca caminhos para promover as aprendizagens discentes.

Este momento que será relatado a partir daqui se deu mediante três fatos: a necessidade de ouvir os docentes em relação à psicomotricidade, a execução de uma etapa da metodologia proposta pela docente Professora Dr^a Maria Rosely de Sá no componente Oficina 4 e por fim para atender a dois convites de duas coordenadoras para formação em suas instituições. Sem dúvidas, posso afirmar que

relacionar esta etapa com algo o qual vivencio, trouxe um sentido mais profundo dentro da pesquisa. As discussões que surgiram foram de grande valia para repensar as intenções interventivas que se tinham até então.

Na ocasião o objetivo do evento era coletar as opiniões dos educadores por meio de um questionário com questões fechadas e abertas, mas para isto foi feita um planejamento bem estruturado em relação à programação prevista. Foi elaborado assim, um documento para as duas instituições envolvidas nesta ação (vide apêndice). Além das instituições, os professores os quais coordeno também fizeram parte deste encontro com o objetivo de conhecerem mais sobre a proposta do meu projeto, já que anteriormente já havia feito uma pequena formação com os mesmos sobre o tema.

Outro ponto importante está no fato das parcerias deste evento: a presença de pessoas que trouxeram muitas contribuições em suas falas: a professora Rosely de Sá, a parceria da UNEB na pessoa de Conceição mais uma vez e o apoio de Joelma Portugal, coordenadora técnica que se tornou um braço forte dentro de minha pesquisa. Sem deixar de mencionar as coordenadoras Cléia Regina e Suzanne Mendes, bem como as gestoras Maria Aparecida, Francine da Costa e Brisa Nunes, na colaboração todo o tempo e principalmente nos aspectos de suporte material.

Assim, no dia 29 de Julho aconteceu este evento, onde além dos educadores, coordenadores e gestores, estiveram presentes, o secretário de educação Agnaldo Freitas atendendo ao convite formal (vide apêndice), a colega de mestrado Imária Rocha e também responsável pela formação de gestores e ainda o suporte fotográfico do colega Nelson Rodrigues que registrou vários momentos deste dia. Para tal programação, uma pauta foi elaborada, tentando assim contemplar dois momentos: o primeiro voltado para a apresentação do projeto e também a aplicação do questionário e o segundo voltado para a formação de professores.



Foto 8 – as convidados especiais e equipes gestoras das instituições envolvidas – da esquerda para a direita: Imária Rocha, Roseli de Sá, Laudicélia(pesquisadora), Suzanny Mendes, Agnaldo

Freitas(secretário de Educação), Maria Aparecida, Joelma Portugal, Cléia Regina e Maria da Conceição Araújo- foto de Nelson Rodrigues

Tivemos assim as falas das convidadas mencionadas: inicialmente foi feita a apresentação da programação pela diretora anfitriã, a qual agradeceu pela oportunidade de participar deste momento tão importante na pesquisa. Em seguida, a palavra foi passada para Rosely, no intuito de que esta falasse sobre a importância do projeto de intervenção no mestrado profissional. Depois, Joelma Portugal trouxe a abordagem sobre a importância de compreendermos o desenvolvimento da criança. Todas as falas foram idealizadas dentro da programação com intuito de mostrar aos educadores ali presentes, o significado de sermos pesquisadores de nossas práticas.



Fotos 9 e 10 – contribuições das convidadas Roseli de Sá e Joelma Portugal – fotos de Nelson Rodrigues

Posterior às abordagens feitas pelas convidadas, a palavra foi passada a mim. Geralmente sempre gosto de iniciar meus encontros de formação com uma dinâmica para descontrair o ambiente, mas com o objetivo sempre de socializar a prática de ações psicomotoras sem muito recurso, mais pautada na expressão corporal. Neste dia, preparei uma coletânea de músicas e brincadeiras em Dvd, tendo como parceria o colega Nelson Rodrigues do Ponto de Cultura, que produziu o mesmo para ser entregue as professoras como uma lembrança deste momento de formação.

Quando se fala em formação de professores, muitos têm a concepção que se tratará mais especificamente de algo teórico, sem muitas possibilidades de ações práticas e com esta atividade, pretendi desmistificar esta concepção de formação enfadonha, pautada apenas na oralidade. A atividade foi pensada no propósito dos professores vivenciarem a mesma e perceberem que se para ele faz sentido uma brincadeira, imagina para as crianças. Nesta ação, todos se envolveram, cada um respeitando as limitações corporais, pois muitos educadores já têm idade bastante avançada, conforme o questionário aplicado; até mesmo o Secretário de educação e a professora Maria Roseli participaram deste momento descontraído.



Fotos 11 e 12 – Dinâmica com os professores na formação – fotos de Nelson Rodrigues

Depois desta dinâmica, foi o momento da apresentação da proposta do mestrado. Para isto, cada educador recebeu um classificador contendo um resumo das intenções do projeto, uma sinopse da apresentação feita nos slides. Neste momento, percebi a atenção que todos os presentes tiveram quando ratifiquei que um projeto significativo é aquele que advém das emergências da prática, onde devemos ser pesquisadores constantes em busca de respostas para os diversos problemas que surgirem neste contexto educacional, que acaba por ser tão surpreendente.

Após a apresentação, foi assim o momento da aplicação dos questionários. Este fora organizado de uma forma diferente para esta atividade. Solicitei que cada professor respondesse o seu em um tempo pré-determinado. Posteriormente eles se reuniram com outros educadores conforme as cores indicadas nas pautas. O propósito desta ação foi discutir cada um dos itens questionados, socializando cada

resposta com os colegas. Assim, eles foram incumbidos de escolher uma forma de registro coletivo para explicar suas opiniões em papel metro.



Fotos 13 e 14 – professoras respondendo ao questionário– fotos de Nelson Rodrigues

Destes questionários socializados no coletivo saíram as mais variadas e criativas formas de síntese: um grupo fez um mapa textual com suas respostas; outro grupo elencou as respostas em comum, e o último grupo, fez uma representação por meio de desenho. Acontece que muitas vezes, a tecnologia é falha, e isto pode comprometer os resultados coletados. Isto se deu pelo fato de que os vídeos que foram gravados por alguns responsáveis, não foram salvos e acabaram sendo perdidos, restando assim algumas fotos e os questionários respondidos.

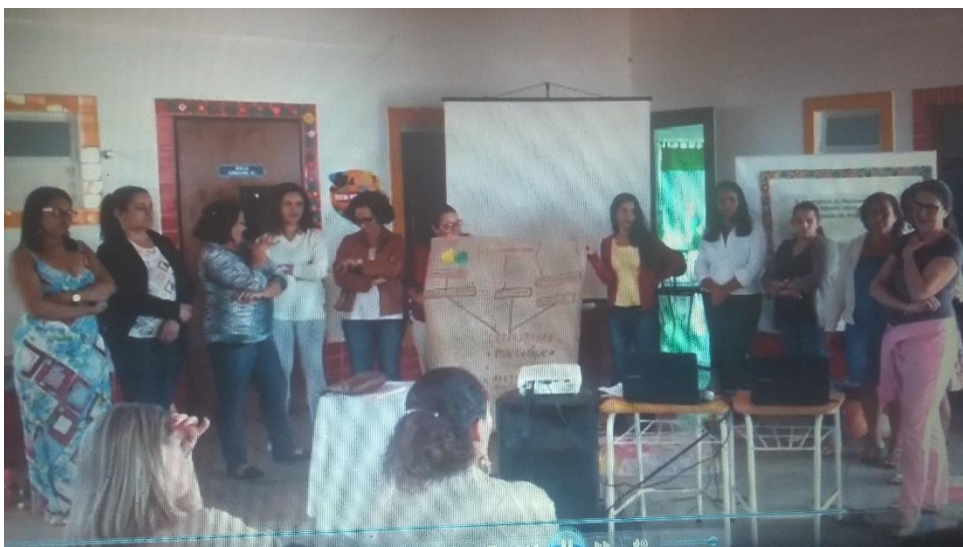


Foto15 – apresentação do mapa textual da equipe verde– foto da autora.

Mesmo com estes imprevistos, foi possível ouvir os docentes e perceber que muitos deles sabem do que se trata a Psicomotricidade, mas em relação a sua aplicabilidade, todos os grupos perceberam que acaba sendo uma atividade esporádica, mesmo todos concordando que deveria ser algo constante. A seguir, serão relacionadas algumas questões feitas, bem como a maneira que os professores que responderam colaboraram. Nem todos os presentes participaram. Apenas onze professores, entre regentes e itinerantes.

Assim, como no grupo focal feito com os coordenadores, onde os mesmos foram identificados por meio de uma numeração para serem preservados quanto às suas imagens, o mesmo acontecerá a partir daqui. Os professores cujas falas serão utilizadas serão identificados pelas iniciais de seu nome completo, bem como por sua idade. O objetivo aqui também é o mesmo: preservação da identidade dos envolvidos. É claro que para toda a ação realizada, uma autorização de uso de imagens foi assinada, mas preferi assim fazê-lo, haja vista que este projeto será socializado com as instituições participantes, bem como com a Secretaria de Educação.

A faixa etária dos professores que participaram do questionário está entre 30 e 67 anos. Ao analisar cada um dos questionários, fica claro que mesmo com as idades diferenciadas, cada um tem percepções que se encontram. Dito isto, quando questionados sobre o conceito de infância que muitos definiram em suas falas, os discursos são parecidos. As respostas puderam ser classificadas em dois sentidos: a infância como algo perdido nos dias de hoje e a infância como uma fase do desenvolvimento humano, conforme algumas explicações:

É uma fase muito importante e rica em curiosidade e descobertas e movimentos, se estimulados. Porém, a infância hoje está muito parada no sentido do movimento devido ao uso excessivo das tecnologias (Professora S.S. Q, 36 anos).

A infância compreende a fase de 0 a 6 anos, onde a criança brinca e aprende nas brincadeiras. É o momento da vida em que as possibilidades de aprendizado estão mais abertas e possíveis (Professora K.C.N.O, 30 anos).

Fase do desenvolvimento – período de crescimento que vai do nascimento até a puberdade. Atualmente a infância está perdendo seu lado mágico, o faz-de-conta, a imaginação. As crianças precisam de motivação constante para que sejam crianças mais felizes (Professora I.C.S.F, 36 anos).

Acredito que o conceito de infância está um pouco perdido devido aos avanços na sociedade contemporânea. Compreendo esta fase como uma

das fases mais importantes no desenvolvimento humano, na qual essa fase moldará o adulto no futuro (Professora C. S. S, 32 anos)

A infância tem se perdido. As crianças estão estruturadas no contexto atual, familiar, social, estão sendo estimuladas a adultização precoce. Compreendo que a infância deve ser vivenciada na perspectiva constante do brincar Professora M.L.B.C, 59 anos.

Quando questionadas sobre os motivos que levaram as mesmas a atuarem na Educação Infantil, todas elas afirmaram que o fizeram por aptidão, por escolha. Ou seja, diferentemente de antes onde muitas vezes os professores deste segmento eram indicados por não terem formação, hoje a perspectiva é outra: todos têm a consciência que para se trabalhar com crianças se faz necessário uma formação apropriada, que amplie o conhecimento do educador, como foi exposto em algumas falas. Todas as que responderam aos questionamentos, sugeriram mais formações.

Como vimos nas discussões do grupo focal com os coordenadores, foi falado muito sobre a ênfase que os professores dão a atividades de suporte de papel, ao invés de promover mais atividades de movimento que englobam os preceitos psicomotores. Ao serem questionadas sobre as orientações dos coordenadores a respeito da Psicomotricidade, as opiniões ficaram bem divididas. Pois das onze professoras entrevistadas, seis pontuaram que seus coordenadores já falaram a respeito, mas não de forma sistemática; quatro disseram que seus coordenadores trabalharam a temática de forma estruturada e duas não responderam.

Aqui corrobora com o que os coordenadores responderam em entrevista: fala-se sobre a Psicomotricidade nas instituições, mas nem sempre de é tratado de forma contínua ou com grande intensidade. Partindo para o formato da formação, as professoras elencaram muitas características, que segundo elas deveriam estar numa formação em Psicomotricidade destinada a elas. Neste item, opinaram numa perspectiva de que tal formação, independente de quem fosse o mediador, deve acontecer o mais rápido possível, pois é algo muito importante para a atuação delas, como relatou uma determinada educadora.

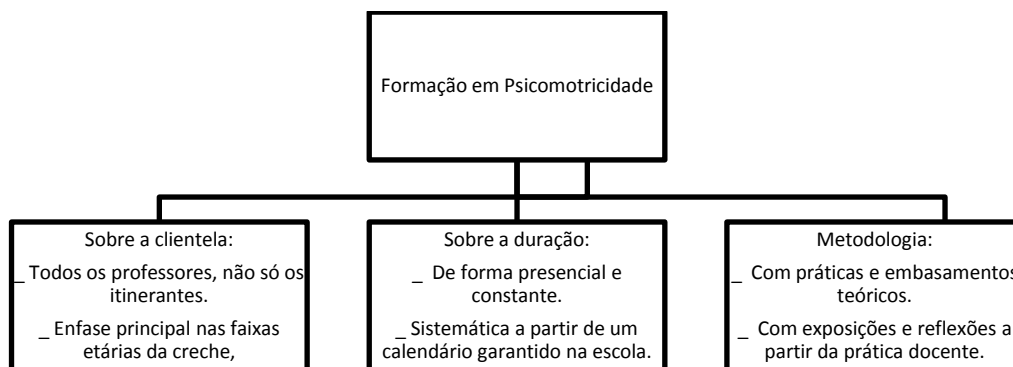


Figura 7 – formato para a formação em Psicomotricidade sugerida pelos professores – imagem feita pela autora

A partir do que foi sugerido pelas participantes do questionário, é válido ressaltar uma impressão pessoal. Desde as falas iniciais, dinâmica coletiva, até mesmo no processo de resposta ao questionário e socialização, as professoras se mostraram envolvidas num grau satisfatório. Afirmo isto mediante as conversas de “bastidores” que ao longo do intervalo para o lanche foram surgindo. Muitas delas, me procuravam, solicitando mais esclarecimentos sobre a pesquisa, sugestões de atividades psicomotoras e até mesmo quando iria acontecer esta formação com os coordenadores, pois, elas estavam ansiosas para aprender mais.

Percebi também que muitas delas estão abertas às novas propostas, postura um pouco diferente do que alguns coordenadores relataram. Segundo, o que observei, o que precisam na verdade é serem estimuladas e orientadas com frequência e de forma estruturada, sendo estimuladas a refletirem as suas ações na prática no que compete a compreensão e ao uso da Psicomotricidade. Como muitas afirmaram, esta formação precisa ser contínua e bem organizada, tendo em vista as especificidades de cada faixa etária, foi isto que principalmente as educadoras de creche solicitaram.

O último ponto a ser tratado neste questionário foi justamente sobre o que elas achavam da formação para os coordenadores. Fiz questão em lançar esta pergunta por que em certa ocasião de divulgação de meu projeto, ouvi algo que me preocupou. Uma professora se aproximou de mim e em segredo me confessou: “gostei muito da sua proposta de intervenção, mas na minha opinião acho que ela não dará certo”. Fiquei curiosa e questionei o porquê desta afirmação e ela prontamente me respondeu: “seria melhor se fosse diretamente com os professores, pois nós estamos diretamente ligados à prática”.

Diferente desta professora que me abordou de maneira tão direta, todos os que responderam a esta questão de forma positiva, dizendo que a formação dos coordenadores seria muito oportuna, pois estes têm um maior contato com todos os professores e conhecem melhor o contexto de cada instituição. Segundo elas, ainda que para a formação dar bons resultados, deveria ser pensada a partir das faixas etárias, principalmente pautadas na realidade de cada instituição, tendo como preponderante a análise das práticas e a constante trocas de experiências.

A última ação pensada na pauta foi a degustação psicomotora. Este título a atividade, se deu com o propósito de dar uma pincelada no assunto psicomotricidade de forma dinâmica, com um pouco de conceito e bastantes atividades práticas. Para esta etapa, a convidada foi mais uma vez Maria da Conceição Araújo, professora de Psicomotricidade tanto em Pedagogia como na pós-graduação de Educação Infantil na UNEB CAMPUS XVI. Infelizmente, nosso horário avançou demais e a mesma pediu para que eu enfatizasse mais as ações da minha pesquisa.

Mesmo assim, ela ainda conversou com as professoras sobre a importância da Psicomotricidade na Educação Infantil. Mais uma vez se comprometeu a estar em parceria com a Rede Municipal, oferecendo assim encontros que fomentassem a formação em Psicomotricidade tão incentivada e estimulada por meio da socialização do meu projeto em vários espaços. Tanto professores como coordenadores, ficaram radiantes com esta proposição, falando ainda o quanto aguardariam ansiosos por este encontro de práticas psicomotoras.



Fotos 16 e 17 – contribuições da parceira Maria Conceição de Araújo – fotos de Fabiana Ramos

Não poderia deixar de relatar ainda a surpresa que me fizeram ao final do encontro: uma homenagem a mim pelas contribuições a partir da divulgação do meu

projeto de intervenção e a formação dada naquele dia. As gestoras (coordenadoras e diretoras) das instituições me presentearam com mimos. No momento das falas, me emocionei ao ponto de chorar, no pensamento de que a minha luta em pesquisar o que acredito não tem sido em vão e que quando somos capazes de viver a pesquisa, conseguiremos disseminar propostas coerentes.



Foto 18 – homenagem feita a mim pelas gestoras das instituições envolvidas- foto de Fabiana Ramos

Enfim, esta experiência voltada para os professores foi de grande valia, pois a eles que será destinada a formação. Os coordenadores serão os multiplicadores e mediadores deste processo, haja vista a formação continuada ser sua função. Aprendi muito sobre o processo da pesquisa, ouvindo no grupo focal, analisando questionários, transcrevendo áudios e vídeos. Percebi que pesquisa se faz com um olhar holístico, com uma audição sensível descarregada de pretensões e certeza.

Esta etapa contribuiu com muitas questões que serão elencadas no próximo capítulo que diz respeito a proposta de intervenção. Pude assim compreender que o papel do pesquisador frente ao seu campo, de forma despretensiosa, fará com que este mostre toda a vivacidade que emerge do chão do espaço a ser investigado. Ou seja, ele deverá estar atento aos detalhes das relações muito mais do que ao próprio dado coletado por qualquer um dos instrumentos utilizados, será o seu olhar sensível e criativo que trará humanidade a sua produção.

Acredito que a forma de enxergar este caminho tem sido bem diferente do que planejei e visualizei inicialmente. Sempre acreditei que todo este processo seria para encontrar respostas, as quais supunha em algumas hipóteses, mas esta é uma concepção desconstruída, que no decorrer da pesquisa vem sendo substituídas por

novas ideias, aliás, esta deve ser uma característica de um pesquisador: reforçar ou abandonar ideias mediante a realidade que se tem pautado, onde os sujeitos da pesquisa realmente tenham voz e vez para falar o que realmente pensam.

5 INTERVENÇÃO: TECENDO UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE PARA OS COORDENADORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE IRECÊ.

A formação docente tem sido uma das temáticas mais discutidas na atualidade. Percebe-se que esta influencia na prática docente, a depender de como este a tenha vivenciado. Seja ela formação inicial ou continuada, as práticas cotidianas estão impregnadas de concepções que conseqüentemente vieram destes processos. A conjectura entre teoria e prática aponta uma possibilidade de um trabalho bem-sucedido, pois neste caso os conceitos adquiridos por meio da teoria devem se fazer presentes na prática do professor, ocasionando assim, a práxis pedagógica.

Filosoficamente falando, o termo práxis advém do pensamento marxista que designa tal como “conjunto de relações que constituem a estrutura social, e a ação transformadora que a revolução deve exercer sobre tais relações” (ABBAGNANO, 2007, p. 797). Segundo Marx, faz-se necessário pensar o material para assim conseguir se explicar de que forma as ideias são formadas. Em palavras mais simples, o pensar se constrói à medida que o indivíduo age sobre o objeto a ser estudado. No caso da práxis pedagógica, o educador estabelecerá a relação entre teoria e prática, transformando sua realidade:

A práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais conseqüente, precisa da reflexão, do autoquestionamento da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática (FREITAS, 2005, p.138 *apud* KONDER, 1992, p. 115).

O motivo pelo qual me reporto a respeito de práxis pedagógica é simplesmente pelo fato de que esta disponibiliza dois elementos fundamentais: teoria e prática sendo pensadas reflexivamente. A atuação do professor enquanto

profissional reflexivo¹⁶ traduz-se como aquele docente que é capaz de pensar sobre a sua ação, a qual é desenvolvida neste contexto, cujo objetivo deve ser proporcionar um espaço realmente aprendente para seus alunos. Não cabe na atualidade um profissional que tenha a sua formação de maneira passiva, simplesmente recebendo e reproduzindo o que lhes é apresentado.

Ao pensar em formação de professores, a primeira questão que surge é a seguinte: qual o formato que acontecerá a mesma, de forma que não seja uma mera transmissão de saberes, algo que durante tanto tempo foi disponibilizado? Ratifica-se isto não por ser uma realidade de Irecê, mas nacional, onde vários programas de formação aconteciam de maneira a tentarem palear as lacunas da ação docente mediante tantas novidades teóricas que se desencadearam ao longo de quase vinte anos no cenário da educação brasileira e nesta rede a qual faço parte desde o ano de 1997.

Assim, sendo a formação docente uma das funções do coordenador pedagógico dentro da sua rotina de trabalho, nada mais pertinente do que oferecer a este profissional, várias formações, tendo em vista as especificidades de Educação Infantil. Tal profissional teve em seu processo de construção identitária muitas mudanças em relação às suas funções. Falo isto tendo como base a história da coordenação pedagógica, onde a princípio, o mesmo desempenhava dois papéis: o orientador educacional e supervisor escolar. A primeira função dizia respeito ao acompanhamento por parte deste ao desempenho dos alunos, enquanto a segunda era voltada à supervisão dos trabalhos dos educadores.

Quero trazer estas informações mediante a tudo que foi ouvido nos encontros de coordenadores. Até aqui, só havia relatado a experiência com os coordenadores de Irecê, sujeitos da pesquisa, mas no decorrer da pesquisa, outros coordenadores de outro município foram entrevistados e isto será retratado aqui. Em relação ao que mais se destacou nestas discussões, diz respeito a falta de tempo para promover formação ao educador mediante tantas demandas que estão presentes na sua rotina profissional, onde os mesmos apontaram ser necessário tais funções estarem bem delineadas, pois muitas vezes acabam por assumir funções que não são suas.

A formação de coordenadores que será proposta fora pensada, tendo em vista uma reivindicação dos mesmos no município de Irecê, onde estes pontuam as

¹⁶ Concepção defendida por Antônio Nóvoa (1991) em seu artigo Formação de Professores e da ideia de professor reflexivo criada por Donald Schon (2000).

várias demandas que emergem da prática docente. Tal profissional que desempenha o papel de orientador deve estar preparado para sugerir e principalmente oferecer aos educadores suporte teórico, para que estes possam assim, repensar sua atuação e buscar novas possibilidades para que as crianças a ele destinadas possam aprender de forma integral, em todos os aspectos que envolvam o seu desenvolvimento, como foi discutido em todo este projeto.

Não se pretende afirmar que os professores não tenham formação, ao contrário, na coleta de dados realizada por meio de um questionário já ao final da pesquisa, ficou evidenciado que muitos deles têm formações em diversas áreas, mas no tocante a Psicomotricidade, disseram não ter visto muita teoria aprofundada, e os que conhecem a respeito, apenas cursaram um componente relacionado à temática na graduação ou pós-graduação sobre um enfoque de suas áreas de modo superficial.

Aliás, a Rede Municipal de Irecê se destaca por promover formação de professores em diversas áreas, até mesmo os coordenadores já tiveram formações voltadas para sua área, como o PROGESTÃO (programa destinado aos gestores) e também uma pós-graduação em coordenação pedagógica, como fora falado na parte do trabalho onde os sujeitos da pesquisa foram especificados. Acontece que as formações não são constantes e nem específicas para atender as particularidades nem da creche e nem do pré-escolar no contexto da Educação Infantil. A partir daqui será feita uma contextualização do campo da pesquisa, onde serão trazidas estas formações de maneira mais detalhada.

5.1 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DA INTERVENÇÃO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DESDE O ANO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E SETE.

O município de Irecê sempre foi destaque em relação aos avanços educacionais. Mas esta, não foi sempre a real situação. Até o ano de 1996, não se havia valorização do profissional da Educação, nem financeiramente e principalmente, quanto a sua formação. Existiam muitos docentes que ensinavam sem ao menos ter a formação inicial da época, que era o antigo Magistério. Tais profissionais eram chamados de professores leigos, pois tinham a aptidão de lidar com as crianças, mas só tinham como escolaridade máxima os anos finais do Ensino Fundamental que naquele tempo era chamado ginásio.

E se falando em desvalorização profissional, segundo depoimentos de alguns docentes mais antigos na atuação, o trabalho que os mesmos faziam não tinha reconhecimento, principalmente no sentido financeiro, onde os mesmos lecionavam oito horas por dia para receber um salário correspondente a quatro horas. Outro ponto levantado por eles era o fato de que as condições de trabalho eram precárias, principalmente para os educadores dos povoados que tinham que ir até a sede (Irecê) na antiga Secretaria de Educação, para rodar as suas atividades no mimeógrafo, instrumento que servia para reproduzir as atividades, movido a álcool e de uso extremamente manual.

Os fatos aqui relatados partem de quatro fontes: a primeira advém das conversas informais com educadores mais antigos; a segunda, vem da parte introdutória da Proposta Curricular organizada em Ciclo de Formação Humana; a terceira, de um questionário realizado com educadoras que trabalham na Educação Infantil desde 1998, e por fim, a partir das minhas experiências docentes neste município, no qual atuo ao longo destes vinte anos. Pontuo assim, como marco histórico dois pontos: a homologação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 e também a mudança de governo político.

Ano de mil novecentos e noventa e sete, nos auge dos meus vinte anos, experimentava a melhor sensação de minha vida: ser aprovada em concurso público e assim contratada pela prefeitura Municipal de Irecê. Assim como eu, outros sessenta e seis professores passavam a fazer parte deste quadro, sem contar com outros educadores que estavam sendo efetivados por trabalharem na educação desde o ano de 1988. Com um salário inicial de 146 reais, sentia-me muito feliz, pois passava a ter uma profissão remunerada, mesmo tendo experiência profissional anterior á esta.

Tal conquista se dava num grande contexto da Educação Nacional, onde depois de vinte e cinco anos regida pela lei 5692/71, passa a ser norteada por uma nova lei promulgada em noventa e seis: a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96. Dentre muitas novidades para a Educação, quero elencar alguns pontos importantes tendo em vista este projeto: a partir desta lei a Educação Infantil passa a ser considerada a primeira etapa da Educação, dando a ela uma nova visibilidade, pois para atuar na mesma e nos anos iniciais, era necessário ter a formação mínima, em nível superior, mas especificamente o curso de Pedagogia. Sobre isto fala a Proposta Curricular (IRECÊ, 2013, p.8):

E foi no contexto da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB 9.394/96, que atores principais e coadjuvantes ousaram repensar a educação, fazendo valer as leis vigentes e proporcionando novas roupagens para a educação com a pretensão de torná-la mais eficiente e democrática. Em 1997, alguns fatores a nível nacional contribuíram para que ocorressem mudanças significativas no contexto educacional:

- A efetivação da gestão democrática a partir da formação assegurada na LDB 9.394/96.
- O atendimento especializado aos estudantes com necessidades educativas especiais.
- A obrigatoriedade de 200 (duzentos) dias letivos.
- A criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental FUNDEF1 e de Valorização do Magistério.
- Cursos de formação continuada para professores e gestores como: PROFA, PCN em Ação, Pró-letramento e outros. Programas de Aceleração da Aprendizagem para os estudantes.

Não irei me prolongar falando sobre este processo, mas apenas afirmar que com esta nova lei, muitas situações surgiram para melhorar a atuação docente, tendo a formação como foco. Nos itens acima, vemos a preocupação com a valorização dos profissionais do Magistério. Em relação ao nível superior, a nova LDBEN pontuava que tais profissionais deveriam cursar uma faculdade até dez anos depois, neste caso, até dois mil e sete. Mas naquela época, a possibilidade de se fazer uma faculdade era mínima, pois na região só tinha a UNEB-CAMPUS-XVI, onde apenas uma turma ingressava ao ano.

Assim, com uma nova gestão preocupada com mudanças na Educação, o processo formativo iniciou no município a partir de parcerias feitas com consultorias contratadas para dar este suporte, tendo como nome importante a AVANTE, que foi a primeira instituição a iniciar este processo. Digo a primeira, porque com o passar dos anos, os educadores começavam a ter oportunidades de novas formações, mas como referência para pontuar as mudanças, muitos educadores sempre citam a presença de tal consultoria como a responsável pelas mudanças educativas no município de Irecê:

A AVANTE descortinava novas perspectivas para a ocorrência das aprendizagens. A utilização do livro didático foi reduzida em virtude do trabalho pautado na Pedagogia por Projetos, no qual estudantes construiriam os seus conhecimentos com apropriações subsequentes e ancorados na teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKY, 1998). Neste cenário de ebulição, as formações e as práticas aconteciam em um misto de espanto, medo, insegurança, descrença e motivação diante do novo. (IRECÊ,2013, p.9)

Muitos outros cursos de aperfeiçoamento docente foram adquiridos pela Secretaria da Educação com vistas a oportunizar aos professores da Rede de Irecê,

melhores condições para a prática destes, de modo que os mesmos viessem a desenvolver ações exitosas e fazer com que seus alunos avançassem, mesmo que este desempenho fosse apenas pautado no cognitivo, pois hoje a concepção de aprendizagem é bem mais ampla: tem que ser visto o indivíduo como um todo.

Dentre estas capacitações tivemos desde formações particulares como o Capacitar da Rede Pitágoras em 1998 a 2000, até formações a nível nacional a exemplo o tão famoso PCNS (parâmetros curriculares nacionais) em Ação em 2000 e 2001 e PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores) em 2001 e 2002, os quais, tive o privilégio de ser cursista. O sentido de considerar tais processos como privilégio, se dá ao fato de que sempre procurei pensar a respeito do que me era proposto, no intuito de modificar minha prática.

Em relação aos cursos mencionados acima, assim como eu, as professoras que participaram do último questionário pontuaram que das formações bem aceitas a do PROFA foi a que mais se destacou, justamente pelo seu formato que era parte teórica e a outra parte voltada para a aplicabilidade na prática. A seguir, trago os depoimentos de duas professoras que fazem as suas considerações a respeito de tal formação:

Já participei de várias- capacitação em serviço em educação infantil pela AVANTE, ano 2000. PROFA (formação de professores alfabetizadores) em 2002. CAPACITAR- capacitação de educadores nas áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, anos 1998 e 1999. Participei de vários outros no decorrer desses anos. Acho que o que mais me marcou foi o PROFA, foi o início de tudo, onde vimos a educação de Irecê tomar outro rumo e novas buscas de aprendizagem. (Professora J.S.D, 48 anos - atua desde 1997 na Educação Infantil)

O PROFA – Programa de Formação para professores alfabetizadores, foi uma das formações oferecidas pela Rede Municipal de Irecê que considero uma das mais relevantes que participei e que na época somou muito a minha prática em sala de aula. Tudo que era discutido na teoria e transformava em prática na sala de aula como forma de experimentação e investigação que se dava o processo de alfabetização, considerando a criança com os seus conhecimentos e saberes distintos e a forma de aprender de cada um [...] na verdade o PROFA não foi uma formação diretamente para a Educação Infantil, mas muito me auxiliou na minha prática refletindo e redirecionando o que era possível e viável se desenvolver na Educação Infantil. (Professora T.R.S, 50 anos - atua desde 1997 na Educação Infantil)

Dentre as questões lançadas a estes professores, foi sobre a ressonância destas formações na prática. A maioria dos professores que responderam afirmou que todas as formações as quais foram oferecidas tiveram muito a contribuir, mas

duas respostas me chamaram a atenção, onde uma professora e uma coordenadora falaram a respeito do que se deve ser levado em conta, ao se pensar uma formação. Esta será mais ampliada no próximo tópico referente à proposta da intervenção.

Uma das grandes mudanças nos alicerces da organização da Rede Municipal, foi a escolha de funcionamento por ciclos de aprendizagem, o que durante muito tempo trouxe mais dúvidas em relação à compreensão de como as escolas seriadas passariam a funcionar por este sistema. Neste intuito, as formações citadas acima, tentavam trazer contribuições neste sentido. Mesmo com tantas iniciativas, muitos professores se sentiam apreensivos:

As mudanças para serem reais precisam, entre outros fatores, passar pela vontade de cada educador em envolver-se com os estudantes, desenvolvendo a vontade de vê-los crescer e crescer junto com eles . A mudança provocou inquietações em professores que não sabiam ao certo como trabalhar com essa nova concepção, angustiados em meio a tantas informações e sem os conhecimentos que outrora embasavam as suas práticas empíricas, mas que procuravam entender como a proposta de ciclo funcionava na prática [...]. A implementação dos Ciclos de Aprendizagem foi pensada para ser uma experiência que, com o acompanhamento da AVANTE, se estenderia para toda a Rede Municipal de Ensino. Entretanto, os nós inseguros da compreensão de Ciclo de Aprendizagem, no percurso da caminhada, alargaram-se, tornando impossível o entrelaçamento entre a teoria e a prática. (IRECÊ, 2013, p. 9-10)

O que quero deixar claro aqui, é que no nosso município, a formação de professores se faz presente de vinte anos atrás até o presente momento. Foram momentos diferentes onde a própria ideia de papel do professor, bem como sua função foram sendo modificados mediante tantas mudanças na própria História da Educação Brasileira. É válido frisar isto, pois por mais que a vida seja cíclica, sempre retornaremos a uma velha questão: qual o tipo de formação ideal para os professores? Não que se tenha resposta exata, mas uma coisa é clara, devemos sim em todo tempo agir sobre o processo formativo, independente da época que estejamos.

Partindo da dinâmica deste profissional que seja capaz de refletir e refazer sua prática, o mais coerente é pensar numa formação que possibilite uma mudança de pensamento em relação às práticas estáticas. É obvio que a mentalidade docente que se tinha há vinte anos, não é a que se tem atualmente. Desde aquele período até então, muita mudança ocorreu, principalmente com a chegada das diversas universidades de nossa região. E dentre estas é importante citar a FAGED/UFBA

(Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia) que passou a ser a grande coadjuvante no processo.

O objetivo ao fazer este retrospecto histórico é afirmar que os professores municipais de Irecê sempre tiveram a vontade de participar e possibilitar mudanças na sua ação, de forma que proporcionem o desenvolvimento dos alunos, até com inúmeros entraves que possam acontecer. Mesmo com as dificuldades na formação do ciclo de aprendizagem, formação inicial, podemos afirmar que a maioria dos professores sempre se apresentou autodidatas, pois mesmo quando não tinham formações, buscavam leituras e experiências como suporte à prática.

O objetivo desta proposta é formação de coordenadores, tendo os mesmos como multiplicadores da mesma. Não de forma a se reproduzir o que será realizado nos encontros no formato do grupo focal. A proposta é justamente ouvi-los, aplicar atividades onde a prática docente seja o foco e assim, basear-nos no que os professores considerarem pertinentes a partir da teoria e da prática psicomotora.

Será que realmente necessitamos somente de metodologias novas, ou o nosso foco ainda não está pautado na mera transmissão de conhecimento disseminado durante tanto tempo? É claro que neste momento tenho uma proposta organizada para esta formação, mas nada fechado, pois neste percurso de pesquisa interventiva tudo pode ser modificado: minhas expectativas e principalmente o formato da própria formação. Acontece que o fato de ouvir os sujeitos da pesquisa me ajudou a tentar delinear esta proposta, e isto só acontece quando nos desprendemos das certezas e nos levamos pela surpresa.

5.2 SOBRE OS PROPÓSITOS DA INTERVENÇÃO TENDO EM VISTA O DECORRER DA PESQUISA.

Esta ideia de formação em Psicomotricidade não acontece aleatória, simplesmente pelo desejo de uma pesquisa anterior. Na introdução falei a respeito disto, quando em estudo de caso foi relatado por professores e coordenador da instituição, observada a necessidade de uma formação para toda a rede. Percebe-se pela própria proposta curricular que isto já era preocupação dos envolvidos com Educação Infantil, onde os cursistas atuantes nesta área construíram a parte voltada para este segmento, que conforme o documento é tratado como a Infância I, atendendo assim as crianças de zero a cinco anos.

No ano de 2014, no referido estudo de caso que realizei na Rede, como já mencionei várias vezes, fiz uma entrevista com a coordenadora técnica de Educação Infantil daquela época com o objetivo de saber sobre que formação a mesma disponibilizava aos educadores sob a perspectiva do trabalho com Psicomotricidade. Na ocasião, a mesma falou sobre uma formação voltada ao Movimento e Artes, destinada apenas aos professores itinerantes, que apesar tratarem de assuntos voltados mais para os educadores físicos, a Psicomotricidade não foi tratada tão detalhada.

Em relação a estas formações, havia certa reclamação por parte dos demais professores, pois só quem participava delas eram os professores denominados itinerantes, que por sua vez ficavam com os eixos temáticos arte e movimento. Minha proposição, é que todos os professores se apropriem deste conhecimento, fazendo uso dele constantemente, não esporadicamente a partir de uma mera orientação do coordenador pedagógico. Que os professores sejam capazes de conhecer sua turma, planejar atividades psicomotoras que os estimulem em seu desenvolvimento da creche até a pré-escola.

Do referido estudo de caso ao presente momento, aproximadamente três anos se passaram, deste período até então muito deveria ser feito,mas o que pude constatar por meio de uma observação implicada, é que mesmo numa Rede tão bem estruturada como é a do município de Irecê, existe práticas docentes que não contemplam uma forma de trabalhar coletiva, ou seja, mesmo com as orientações advindas das formações, professores ainda continuam com dificuldades em relação a compreender a psicomotricidade e o seu papel no desenvolvimento da criança.

Até então, tinha como o objetivo a formação de professores em Psicomotricidade como algo em que eu seria a orientadora, buscando parcerias. No entanto, fui instigada pela orientadora a pensar uma ação mais contundente, como sugestão, a mesma me explanou sobre a possibilidade de um grupo de discussão, neste caso, escolher um caminho embasado metodologicamente, ou seja, um grupo focal como instrumento de coleta de dados, para que dentro dele surjam perspectivas de uma formação participativa e ativa, sujeitos de sua ação:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os

projectos próprios, com vista a construção de uma identidade que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1992, p.14)

Como falado no capítulo sobre Metodologia, mediante alguns entraves, o foco da intervenção passa a ser outro. Assim sendo, este é o novo foco da formação em Psicomotricidade: uma formação para os coordenadores onde estes estarão trabalhando com os educadores, os quais orientam, no sentido de que estes venham a compreender e fazer uso dos princípios psicomotores com seus alunos. Isto deverá acontecer de forma autônoma, mesmo sendo necessário o direcionamento dos articuladores da formação dentro do grupo de discussão, mas sempre a partir da decisão dos envolvidos no processo.

Como dito anteriormente, foi escolhida a pesquisa-ação tendo como instrumento principal o grupo focal como coleta de dados para a elaboração do terceiro capítulo do texto final. A escolha pelo grupo focal se deu justamente das trocas de ideias por meio da orientação, onde a professora falou sobre a amplitude das rodas dialógicas, as quais podem ser instigadas dentro de tal grupo focal. Neste processo, passei melhor a compreender por meio de leituras a proporção enriquecedora que denota um grupo focal quando bem estruturado, que é o de trazer discussões advindas de docentes com vivências diferentes:

A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos os outros. (GATTI, 2012, p.11)

Foram pensadas algumas situações pedagógicas que fomentem nos coordenadores o desejo de envolver-se neste processo, sendo assim, o agente que media o que será discutido e aprendido em Psicomotricidade. Para esta finalidade, algumas ações foram estruturadas por meio de uma proposta, encaminhada a Secretaria de Educação, mas especificamente a coordenadora geral Joelma Portugal. Tal proposta, se encontra no apêndice. Esta foi elaborada no sentido de dar uma visão geral do formato da formação apresentada à banca da qualificação.

Quando friso a questão da qualificação, é porque ela foi decisiva no que precisava fazer como principalmente, realizar a pesquisa de forma mais sistematicamente. Uso esta última palavra não para dar a ideia de algo de cunho mandatário, fechado, e sim para afirmar que apesar de eu estar envolvida com a pesquisa desde o início deste ano, se fazia necessário ter algo mais estruturado,

ações intencionais com o objetivo de ouvir os sujeitos da pesquisa no propósito de avaliar se as intenções interventivas faziam sentido.

No tocante a isto tive um resultado positivo, pois parte das ações que havia elencado no projeto da qualificação, foram trazidas nas falas dos professores. Acredito que esta relação que tenho com outros professores, as conversas informais, me ajudou neste sentido. Mas muitas outras informações dadas por eles me fizeram ampliar a visão sobre o que realmente eles pensam sobre a Psicomotricidade. Falo isto me referindo não só aos professores, mas principalmente, aos coordenadores que serão o foco da formação.

A partir daqui farei uma descrição das etapas que se deram durante o período da pesquisa, ao tempo que será apresentado outras ações que deverão acontecer neste processo de intervenção. Tive a oportunidade de vivenciar alguns momentos dele, os quais me trouxeram satisfação ao ver que aquelas ações colocadas em prática eram possíveis. Assim, passarei a apresentar tais etapas e o que aconteceu nas quais tive oportunidade de colocar em ação, seja meios de ação pedagógica e até mesmo meios acadêmicos.

5.3 ETAPAS DA INTERVENÇÃO: ELENANDO E AVALIANDO ALGUMAS AÇÕES QUANTO A POSSIBILIDADE DE REALIZAÇÃO.

As etapas da intervenção foram pensadas no sentido destas serem possíveis de acontecer. Buscou-se aqui utilizar recursos materiais, mas principalmente o humano para construir algo significativo. Algumas ações foram elaboradas no sentido de oportunizar aprendizagens mútuas: não só para os coordenadores como também para os estudantes da Universidade parceira, e também para o pesquisador, pois este não está neste espaço apenas para mediar, mas para ouvir os outros e aprender com eles. Assim as etapas serão apresentadas em formato de tópicos.

- Etapa um – Divulgação da pesquisa em meios pedagógicos e acadêmicos.

Desde o ano de 2016, tem acontecido uma divulgação por minha parte tanto da temática Psicomotricidade, como do meu projeto de intervenção advindo de uma pesquisa anteriormente realizada na Rede Municipal de Irecê. Então, tal divulgação

surge como o início de minha intervenção. Assim, de maneira não formal, posso considerar o mês de Março de 2016 como início desta ação. Na ocasião fui convidada pela professora mestra Maria da Conceição de Araújo para falar aos alunos do sexto semestre, no componente de Psicomotricidade, como se deu meu processo de admissão do Mestrado por meio da minha carta de intenção.

Outra divulgação que aconteceu ainda no CAMPUS XVI da UNEB em Irecê, foi uma apresentação de um banner da pesquisa realizada enquanto cursista da pós-graduação em Educação Infantil, com a coautoria de Maria Conceição de Araújo, que durante o curso foi a minha orientadora do trabalho de conclusão de curso (TCC). Mais uma vez estabeleci a ponte entre o que pesquisei em 2014, e as projeções interventivas que tinha até então, Neste período, a minha intervenção ainda era a formação dos professores por mim. Senti-me lisonjeada em falar neste espaço, pois grande parte de minha formação deu nele, como a graduação que finalizei em 2007 e a pós que conclui em 2014.



Fotos 19 e 20 – apresentações na UNEB-CAMPUS XVI – autorias das fotos: foto 1, Ramila Rosendo e foto 2, Maria da Conceição Araújo

Além da UNEB, tive várias divulgações também na UFBA sob o formato de publicações em eventos. O primeiro foi à apresentação do banner apresentado na UNEB, mas agora este fora divulgado no Congresso de 70 anos da UFBA em Julho de 2016. Apresentei ainda, o processo da minha escrita do projeto no evento do GEFEP envolvendo a UNEB e a UFBA, no final de 2016. Aqui minha pesquisa permanecia com o foco na para a formação de professores com o seguinte título: Teorias e práticas psicomotoras – experiências formativas dos professores de Educação Infantil do município de Irecê.

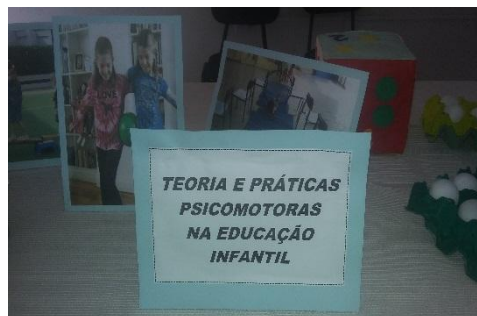


Fotos 21 e 22 – apresentações na UFBA em 2016 – autorias das fotos: foto 1, Valderí Carvalho e foto 2, desconhecido.

Em relação à discussão da Psicomotricidade em instituições de Educação Infantil, cito três momentos de formação importante. O primeiro foi com os professores das instituições que coordeno desde 2016, como já mencionado; o segundo se deu na Creche Alice, experiência está relatada no capítulo anterior e por fim a formação dos professores das Creches Escola Lioness e Escola de Educação Infantil Professora Rená Marques, ação conjunta a Oficina do mestrado, em Julho deste ano.

E a última divulgação que fiz, foi junto aos coordenadores do município de João Dourado, minha cidade de origem. Ao apresentar meu projeto em uma pós-graduação no presente município, fui convidada pela Secretária de Educação e pela coordenadora técnica da Educação Infantil, para fazer uma pequena formação sobre Psicomotricidade. Esta ação teve uma prévia organização junto a coordenadora técnica, o que totalizou um certificado de doze horas destinado a mim enquanto formadora.

Este evento se tornou muito importante por colocar em prática algumas das ações interventivas como: apresentar minha proposta de intervenção; ouvir os coordenadores a respeito da Psicomotricidade, o qual fora possível em Irecê; estudar um texto sobre Psicomotricidade feito por mim, como parte do capítulo inicial. Todas estas ações aconteceram no primeiro encontro com tais coordenadores, conseguindo ainda passar uma tarefa prática que foi planejar uma atividade com um professor e relatar como foi tal experiência. Um destes relatos se encontra no anexo do projeto.



Fotos 23 e 24 – primeiro encontro de formação de coordenadores de Educação Infantil em João Dourado

- Etapa dois – elaboração de um roteiro para a formação dos coordenadores.

A elaboração de um plano de ação e proposta para o trabalho no grupo focal surge com um propósito de contribuições pedagógicas e também acadêmicas. Dito isto, por que neste processo tenho uma parceira de grande nome no tocante à abordagem de Psicomotricidade, a qual foi citada inúmeras vezes neste projeto: Maria da Conceição Araújo, mestre e docente da UNEB. Assim como eu, a mesma tem este objetivo da formação em comum, com o intuito de contribuir para a educação do município. Mas, ela tem um ideal além, que é proporcionar uma troca entre a universidade e a rede, fomentando ainda o desejo de seus discentes em relação ao tema. A partir de discussões nossas no mês de novembro de 2016, começamos a traçar um pequeno esboço de nossa proposta de formação. A mesma chegou a sua consolidação em relação escrita no mês de Fevereiro de 2017.

A proposta da formação estava prevista para ser entregue para apreciação por parte dos representantes da Secretaria de Educação após o processo do exame de qualificação. O objetivo era apresentar a proposta de intervenção no sentido de que esta acontecesse no município. Pretendíamos assim, obter o apoio dos mesmos no sentido de disponibilização de espaço, tempo e alguns recursos necessários para o acontecimento efetivo da intervenção. Isto não quer dizer que a intervenção não acontecerá mediante a ausência de tais recursos, até porque a parceira da UNEB sugeriu que as formações poderiam acontecer também lá no espaço da Universidade, gerando assim um intercâmbio.

Contanto, não aconteceu como prevíamos, pois, no decorrer das orientações nos foi passada a informação que teríamos que apenas projetar a intervenção, não necessariamente aplicá-la. Assim, mesmo não entregando tal documento, fizemos a explanação do mesmo oralmente com a coordenadora técnica numa audiência

solicitada para pedir permissão de realizar um encontro com os coordenadores, e também foi feito tal apresentação por meio de uma sessão de slides para mostrar aos coordenadores o que se tinha projetado para tal formação no encontro de coordenadores também mencionado.

- Etapa 3 - Organização do tempo da formação.

Outra etapa muito importante da intervenção é a organização do tempo da formação. A partir de cada assunto que trataremos, foram pensados dez encontros quinzenais de quatro horas, o que totaliza aproximadamente o período de cinco meses. Até a qualificação, pensávamos em iniciar a partir da aprovação e a aceitação da mesma por parte da Secretaria de Educação, que assim, disporia um dia específico, para que a mesma acontecesse. Para isto acontecer, contamos com o apoio da Secretaria de Educação como citado anteriormente, pois como instância maior no município, é quem poderá permitir que esta intervenção saia dos papéis para a efetivação.

Acredito que de certa forma, o fato de estar implicado no processo de acompanhamento dos professores, como também de o tempo estar falando sobre a importância da Psicomotricidade na Educação Infantil, tem trazido possibilidades de intervir no município. Isto porque em entrevista feita a coordenadora técnica sobre a Rede, a mesma solicitou que esta formação acontecesse, se fosse possível no ano de dois mil e dezoito. Pensando nisto, um cronograma será apresentado posteriormente para demonstrar os temas trabalhados, bem como as outras etapas previstas.

- Etapa 4 – organização dos temas trabalhados e palestrantes

Dentro dos encontros estão previstos estudos dirigidos. A cada encontro será trazida uma discussão conforme o bloco temático. Assim, acontecerão leitura e discussão dos textos previstos numa prévia referência. Digo prévia por que no decorrer da formação, pode haver sugestões dos envolvidos na formação. Mas, como todo idealizador, tem que haver certa previsibilidade. Temos um acervo de

referências no tocante a todo este processo formativo, pois o ponto predominante da formação será justamente uma base teórica que se reflita na prática dos professores.

Sendo uma parceria entre o Mestrado Profissional pela FAGED/UFBA(Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia), UNEB (Universidade do Estado da Bahia e Secretaria Municipal de Educação, outra etapa dentro da formação, será a presença de convidados especiais. Estes serão pessoas envolvidas nestas instituições para mediar a formação, bem como fomentar as discussões neste grupo focal. Pretendemos convidar professores acadêmicos de outras instituições, profissionais da área da saúde para trazer palestras voltadas a sua área de atuação tendo em vista a Psicomotricidade.

- Etapa 5 – da contextualização da prática e apresentação das mesmas em Seminário Final.

Acontecerá ainda, a contextualização da prática. A cada encontro, atividades para casa serão destinadas aos participantes. O objetivo deste será fazer uso das informações adquiridas no grupo com o propósito de discutir e planejar com os professores a respeito da temática. Deste modo, as aulas serão filmadas e observadas com a permissão das escolas, mas principalmente do próprio professor que deverá compreender que tal observação oportunizará o crescimento intelectual dentro deste contexto.

Pretende-se organizar um seminário final que acontecerá no formato de uma amostra de experiências psicomotoras bem-sucedidas nas escolas, e também uma amostra acadêmica pelos alunos de Psicomotricidade da UNEB, como forma de troca de saberes entre professores e estudantes universitários em Pedagogia ou em nível de pós-graduação, no objetivo de relacionar os saberes acadêmicos às práticas, bem como fortificar tais práticas por meio de teorias.

Quanto ao formato destas trocas, ainda não temos nada definido, mas isto será decidido com os coordenadores, os quais a partir das discussões na escola e do grupo focal irá ser autor de uma proposta de formação para os professores. Aliás, este é o resultado final que se espera: a elaboração uma proposta formativa em Psicomotricidade, tendo em vista os anseios apresentados pelos professores e pela ação direta do coordenador.

Os encontros terão uma pauta pré-definida no sentido do que e de que forma será trabalhado conforme a abordagem de cada temática. Os encontros ímpares serão destinados a parte das teorias onde acontecerão à sensibilização por meio de dinâmicas, releitura desta atividade escolhida pelo cursista, estudo dirigido coletivo e socialização e por fim o para casa. A última atividade será sempre realizada nas instituições onde os coordenadores trabalham, com o intuito de relacionarem a teoria do encontro com a prática docente.

Já os encontros de números pares, serão destinados à parte das análises das práticas, onde o coordenador deverá trazer registrado na forma em que desejar, a psicomotricidade associada a prática do professor. Este encontro terá as seguintes atividades: sensibilização, retomada do encontro anterior do professor em sua prática/coordenador som as orientações de seus professores; convidado especial: explanação do mesmo, conforme a área de atuação e com sua própria metodologia – mestrandas, enquanto registradora e avaliação dos dois encontros. A seguir, apresento um possível cronograma dos encontros.

CRONOGRAMA DOS ENCONTROS COM OS COORDENADORES			
DATAS	NATUREZA DO ENCONTRO	TEMA	MEDIADOR
07/03/2018	Teórica	Conceitos de Infância	Laudicélia Moreira
21/03/2018	Prática	Conceitos de Infância	Joelma Portugal
03/04/2018	Teórica	Analisando o que tratam os documentos oficiais sobre a Psicomotricidade	Cléia Regina
17/04/2018	Prática	Analisando a Proposta Curricular em implementação	Cinara Barbosa
01/05/2018	Teórica	Psicomotricidade na educação Infantil	Maria da Conceição Araujo.

18/05/2018	Prática	Práticas psicomotoras na Educação Infantil	Maria da Conceição Araujo.
05/06/2018	Teórica	Desenvolvimento psicomotor da criança	Psicóloga Viviane
19/06/2018	Prática	Pensando a Psicomotricidade para diferentes faixas etárias	Laudicélia e Maria da Conceição de Araújo
10/07/2018	Teórica	A psicomotricidade no meio acadêmico e educacional	Alunos da UNEB e coordenadores
24/07/2018		Idealizando um seminário final	Laudicélia Maria da Conceição Coordenadores Representantes de alunos da UNEB

Cada um dos temas que foram elencados fora pensado a partir das discussões que se desencadearam nos momentos idealizados, tanto com os coordenadores, como com os professores, seja presencialmente, ou por meio de questionários. Sobre o formato das formações, buscou-se atender as demandas elencadas pelos educadores: que ela fosse dinâmica, que tivesse estudos, material e práticas apropriadas conforme cada faixa etária. Mas, o aspecto principal da formação dos coordenadores, deve ser pautado nas práticas dos educadores, mas com uma consistência teórica.

Como visto em alguns depoimentos, o PROFA foi considerado um divisor de águas no sentido de uma formação que fizesse tanto os coordenadores como os professores refletirem e tentarem mudar suas práticas. Nesta formação, o ponto de partida era sempre relacionar a teoria com a prática, para assim o cursista perceber

a aplicabilidade possível daqueles conhecimentos. Assim, o que pretendemos foi propor uma formação que contemple a necessidade dos educadores, mas tendo o coordenador como mediador deste processo a partir de sua experiência no grupo focal.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NO DELINEAR DESTE PROJETO

Toda construção se dá de maneira planejada e bem estruturada. Caminhos são projetados, instrumentos escolhidos para ajudar no processo, tudo isto em um único propósito: fazer com que tal construção aconteça de forma real e eficiente. No caso da construção de uma casa, espera-se uma moradia bem confortável, tendo bases sólidas; no caso do projeto, se buscou também bases fortes e reais para o seu desenvolvimento, visando assim, contribuir com uma intervenção que estivesse ligada diretamente as inquietações dos envolvidos na pesquisa, quer sejam eles professores ou coordenadores.

A Psicomotricidade teve seu histórico amoldado ao longo dos anos, conforme as influências de diversas contribuições teóricas. Seu princípio subsidiado por descobertas neuropsicológicas, as quais desencadearam todo o movimento de construção dos fundamentos desta ciência, desenvolvendo assim os chamados cortes epistemológicos. Dentre eles, foi destacado o que está diretamente atrelada ao campo educacional: a da educação psicomotora, cujo postulado afirma a enorme possibilidade de usar os princípios psicomotores para desenvolver a inteligências da criança por meio de estímulos às diferentes áreas, sendo ele portador de dificuldades de aprendizagens ou não.

Ao pontuar a Psicomotricidade enquanto ferramenta imprescindível para o desenvolvimento das crianças de zero a cinco anos, objetivei esclarecer a respeito da necessidade de uma aquisição teórica e prática dos princípios desta por parte dos responsáveis pela a aprendizagem das mesmas. A relação que se estabelece entre o movimento, a aprendizagem e as emoções de maneira intrínseca, deve ser percebida como ponto chave da Psicomotricidade. É preciso enxergar as crianças como pensantes, como um sujeito social histórico, mas principalmente que aprende por meio da interação sobre o objeto e no contato com os outros.

Quando falo sobre objeto, me refiro especificamente ao contexto que é onde a criança aprende ludicamente, onde demonstra suas emoções, vivenciando assim aquele momento como real: o brincar. Quando se fala sobre a Psicomotricidade, se têm em mente as aprendizagens voltadas ao movimento da criança, mas é sugerido que esta aconteça por meio das brincadeiras, onde a criança está envolvida o tempo todo. O brincar para a criança é natural, espontâneo, mas para quem direciona o

mesmo, a intencionalidade tem que estar presente em cada uma das ações tanto da brincadeira, como da utilização de atividades psicomotoras.

Como ficou evidenciado a partir das falas dos coordenadores, bem como dos próprios professores, não se tem uma prática psicomotora bem planejada ou ainda, seus princípios não são compreendidos claramente. Existem algumas ações que acontecem de maneira esporádica, mas como afirmaram os próprios professores, elas deveriam acontecer com mais frequência a partir do incentivo dos coordenadores, que também assumiram a importância da temática, mas que eles só trabalharam com tal abordagem de maneira não aprofundada, simplesmente trouxeram uma rápida reflexão a respeito, isto considerando os coordenadores que disseram ter trabalhado com o tema.

É válido ressaltar que a princípio, a proposta buscava proporcionar uma formação dos professores em psicomotricidade, mas mediante alguns entraves, o foco da formação passou a ser outro, que é agora ter o coordenador pedagógico como multiplicador das teorias e práticas. Ou seja, a formação será destinada por meio da interação entre todos os coordenadores e pesquisador no grupo focal, mas articulando tais saberes as práticas dos professores como pauta para reflexão. Pretende-se aqui contemplar o que a maioria dos educadores pontuou em suas falas, sobre pensar uma formação que contemplem as demandas de seu cotidiano e principalmente as especificidades.

No tocante as especificidades acima mencionadas, foi uma das reivindicações dos educadores de creche que falaram em sua maioria, sobre a generalização da formação em Educação Infantil, onde os temas são trazidos de maneira ampla, que na maioria das vezes contemplem apenas as aprendizagens das crianças da pré-escola, as de quatro e cinco anos. Faz-se necessário pensar realmente uma formação em Psicomotricidade que também dê ênfase ao desenvolvimento psicomotor dos bebês, que corresponde à faixa etária de zero a três anos, no caso do município de Irecê, a partir de um ano de idade.

Perceber a necessidade desta diferenciação levou à uma das etapas da intervenção que está elencada como planejar ações a partir das características de cada fase do desenvolvimento desta criança, mas que para isto acontecer, se faz necessário uma discussão sobre o conceito de Infância, pois como ficou evidenciado, ele é compreendido parcialmente pelos professores, tendo em vista

tanto os questionários respondidos, como as falas iniciais dos coordenadores no primeiro encontro do grupo focal.

A partir de tal compreensão, historicamente a criança passou a ser pensada e vista, onde o seu desenvolvimento começou a ser percebido sob outras concepções, não meramente como uma folha em branco, mas como um ser que aprende por meio da interação, dos seus movimentos e principalmente pela afetividade que desenvolve pelos outros. A infância muitas vezes foi negada, onde crianças viveram diversas situações de privação ao longo da história, mas que hoje passa a ser vista de maneira mais clara quanto ao seu desenvolvimento que deve acontecer de maneira integral, levando em conta seus aspectos intelectuais, físicos, emocionais, históricos, sociais entre outros.

Esta foi uma das colocações feitas pelos coordenadores que disseram que muitos professores não tinham esta concepção bem definida, e que tal conhecimento ampliaria a forma de entender que a criança precisa ser vista nas suas especificidades, levando em conta suas fases de desenvolvimento, as relações que elas estabelecem por meio das interações, para, a partir deste ponto, compreenderem o quão importante é a Psicomotricidade no desenvolvimento infantil, mas que é necessário compreender os conceitos que embasam a mesma para assim articular, criar e desenvolver práticas psicomotoras de acordo com o desenvolvimento dos alunos.

Outra situação elencada pelos professores sobre como deveria ser a formação em Psicomotricidade, diz respeito à continuidade e constância desta. Ou seja, pontuaram que tal formação acontecesse a partir de um calendário definido tanto pela Rede, como pelas instituições, que a psicomotricidade fosse discutida com mais frequência nos espaços educativos. Os próprios coordenadores pontuaram que as formações voltadas para a temática no município ainda não abordaram a Psicomotricidade com certa frequência, como algo a ser compreendido e trabalhado de forma estruturada.

Faz-se necessário a Psicomotricidade ser vista como prática constante e não esporádica. É preciso que os professores da Educação Infantil desenvolvam atividades frequentes com uma intencionalidade pautada na compreensão conceitual relacionando isto a sua prática. E o que se observa, é que existem iniciativas a respeito, mas que precisam de melhores respaldos teóricos para que se consiga pensar situações compatíveis com a realidade da faixa etária dos alunos.

Portanto, afirmar a Psicomotricidade como um caminho é válido, mas o que faz com que isto aconteça é que o coordenador como orientador ajude o professor a compreender isto por meio de uma formação continuada, formação esta que deve estar presente na sua rotina no que diz respeito a esta função.

Perceber a importância dos atos psicomotores no desenvolvimento da criança é romper com velhos paradigmas onde esta não era enxergada nas suas especificidades, onde o cuidado era o foco do ensino infantil. A Psicomotricidade em sua essência traz esta necessidade de perceber que somos formados por diversas áreas a serem estimuladas: a coordenação, lateralidade, espacialidade, percepção, esquema corporal e compreender, isto possibilitará uma aprendizagem que realmente as crianças se entreguem por meio da ludicidade.

Conhecer a Psicomotricidade é de certa forma se apropriar de conhecimentos de pertinência imensurável, pois nos movimentos das crianças está uma chave muito veemente para o desenvolvimento infantil. Pensar assim é respeitar a criança no seu direito de ser sujeito ativo de suas aprendizagens, e é esta uma das maiores preocupações da Psicomotricidade. Partindo desta necessidade de se compreender o que se trabalhar com as crianças, o professor deverá agir como o intermediador das atividades, e o coordenador neste processo, deverá fazer com que tal profissional reflita seu planejamento no sentido da intencionalidade de suas ações, o que é um grande desafio.

Aceitar os novos desafios voltados para o campo educacional nos dias atuais torna-se quase uma obrigação para quem atua diretamente com os alunos, pois em meio a tantas mudanças, sejam elas tecnológicas ou mesmo humanas, o educador atento a isto, deverá acompanhar as novidades, é claro, não só o educador, como mencionado, mas todos envolvidos na Educação Infantil. Não se pretende afirmar que os envolvidos serão obrigados a desenvolver seu trabalho a partir de todo conhecimento novo, mas sim ter conhecimento a respeito, analisá-lo e ver se é de valia dentro do seu contexto profissional e isto deve acontecer com a Psicomotricidade que deve ser compreendida, analisada, trabalhada na prática e embasada teoricamente, levando em conta as particularidades das crianças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo. **Teoria e prática em psicomotricidade**: jogos e atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis. 7 ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014.

ALVES, Fátima. **Os caminhos da Psicomotricidade**. In: **ALVES**, Fatima (org.). Como aplicar a psicomotricidade: uma atividade multidisciplinar com amor e união. 3.ed .Rio de Janeiro: Wak Editora . 2009.

ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 2005

ARAÚJO, Andreza; SILVA, Eduardo. **As contribuições da psicomotricidade na educação infantil**. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br>. Acesso em: 10/10/14.

ARAÚJO,Waldirene; MELO, Patrícia. Grupo focal na pesquisa em educação. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010>. Acesso em 03 de Outubro de 2017.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 17-41.

BARBIER, R. A pesquisa-ação. Trad. LucieDidio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental- Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. I.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental- Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. III.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. P. 36.CAVICCHIA, Durlei de Carvvalho. **O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida** .Disponivel em: <http://www.acervodigital.unesp.br>. Acesso em: 04 /10/14.

DALLABONA, Sandra; MENDES, Sueli. **O lúdico na educação infantil**: jogar e brincar, uma forma de educar. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG. Vol. 1 n. 4 - jan.-mar./2004 ISSN 1415-6396

DIONNE, Jean; LAVILLE, Christian. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

FONSECA, V. da. Manual de Observações Psicomotoras: Significação Psiconeurológica dos Fatores Psicomotores. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.

_____. Psicomotricidade: perspectiva multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FERNANDES, Jorge Manuel. Abordagem emergente em Psicomotricidade. *In*: FERNANDES, Jorge Manuel; FILHO, Paulo José (org). Psicomotricidade: abordagens emergentes. Barueri, SP: Manole, 2012.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). História social da infância no Brasil. 5. ed., rev. e ampl São Paulo: Cortez, 2003. 334 p

GATTI, Bernadete. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012. 80 p.- (Série Pesquisa; 10).

GIL, Antônio. Métodos e técnicas da pesquisa social. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GOUVEA, Maria; SARMENTO, Manuel (orgs). **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. – Coleção Ciências Sociais da Educação.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon**. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 134 p.: il. – (Coleção Educadores)

GUIMARÃES, Márcia; OLIVEIRA, Juscilene. **O papel do coordenador pedagógico no cotidiano escolar**. Revista Científica do Centro de Ensino Superior Almeida Rodrigues - ANO I - Edição I - Janeiro de 2013.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: da idade medieval à época contemporânea no Ocidente. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HERTZ; Samantha; MIEIRO, Izabel. **Dominando o corpo e os sentimentos**. *In*: ALVES, Fátima(org.). Como aplicar a Psicomotricidade: uma atividade multidisciplinar com amor e união. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

IRECÊ. FAGED/UFBA . Proposta Curricular para o município de Irecê. 2013.

JUNIOR, Annor; SILVA, Priscila; MESQUITA, José Marcos. As dimensões teórica e metodológica do grupo focal no contexto da pesquisa qualitativa. *In*: Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional [recurso eletrônico] : uma

abordagem teórico-conceitual / EloisioMoulin de Souza (org.). - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2014. 296 p.

JÚNIOR, Francisco. **Profissionalidade, profissionalização, profissionalismo e formação docente**. SCIENTA Ano 01, Edição 01, p. 01 191, Jun/Nov. 2012.

KRAMER, Sônia. **Privação Cultural e Educação Compensatória**. In: A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1982.

_____. **As crianças de 0 à 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental**. Educ.Soc. Campinas- Especial, p. 797-818, out.2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>

_____. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2011. Biblioteca da Educação. V. 3.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAPIERRE, A.; LAPIERRE, A. Adulto diante da criança – 0 a 3 anos: relação psicomotora e formação da personalidade. São Paulo: Manole, 1987.

LE BOULCH, J. O Desenvolvimento Psicomotor: do nascimento até os 6 anos. Tradução de Ana GuardrolaBrizolara. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

_____. O desenvolvimento psicomotor. Porto Alegre: Artmed, 1992.

LEVIN, E. A clínica psicomotora: o corpo na linguagem. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

_____. O desenvolvimento psicomotor diante da modernidade. Estilos clin. vol.5 no.8 São Paulo, 2000. Versão impressa ISSN 1415-7128

LUSSAC, Ricardo. **Psicomotricidade: história, desenvolvimento, conceitos, definições e intervenção profissional**. Buenos Aires. Ano 13- nº 126- Novembro de 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 08/09/14.

MACHADO, Fernando; TAVARES, Helenice. **Psicomotricidade: prática funcional à vivenciada**. Revista da Católica: Uberlândia, v.2, n. 3, p. 364- 379. <Http://www.revistacatolica.com.br>. Acesso em 27/09/14.

MENDONÇA, Raquel. **Criando o ambiente da criança: a psicomotricidade na educação infantil**. In: ALVES, Fátima (org.).

MIRANDA, Marília; RESENDE, Anita. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 33 set./dez. 2006.

NEGRINE, A. Manual de Observação Psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. Porto Alegre: Artmed, 1986.

NICOLA, Mônica. **Psicomotricidade- manual básico**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2004.

NOGUEIRA, Nilbo. Resenha do livro – **INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: A Teoria na Prática**- Howard Gardner. Disponível em: <http://www.lslannes.com.br>. Acesso em: 23/10/14.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e profissão docente**. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>. Acesso: 12 de Fevereiro de 2016

OLIVEIRA, Andreza; **SOUZA**, José Martins. **A importância da psicomotricidade no processo de aprendizagem infantil**. <Http://revistafiar.com.br>. Acesso em: 22/09/14

OLIVEIRA, Cristiano L. **UM APANHADO TEÓRICO-CONCEITUAL SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA**: tipos, técnicas e características. Disponível em: <http://www.unisc.br>. Acesso em 13/10/14.

OLIVEIRA, Maria M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Sandra Aurora. **Uma visão histórica ha psicomotricidade**: da Reeducação A Clínica Psicomotora. Publicado em: 22/06/2009. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Pós-graduação em Psicomotricidade. <Hhttp://www.artigonal.com.br>. Acesso em: 22/09/ 2014.

OLIVEIRA, Zilma. **A creche no Brasil: mapeamento de uma trajetória**. São Paulo: R.Fac.Educ, 1988. p 43-52.

_____. **O currículo na educação infantil**: o que diz as novas diretrizes nacionais. Disponível em: <http://www.portaldomec.gov.br>. Acesso em 24/10/14.

PIAGET, J. Aprendizagem e conhecimento. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974

PINTO, Valcira de Oliveira. **O corpo em movimento**: um estudo sobre uma experiência corporal lúdica no cotidiano de uma escola pública de belo horizonte. 2010. 154p. Dissertação (Mestrado em Educação: Processos Socioeducativos e Práticas Escolares). Universidade Federal de São João Del Rey- Minas Gerais. São João Del Rey.

PSICOMOTRIDADE. **Histórico da Psicomotricidade**. <Http://psicomotricidadeeducação.blogspot.com.br>. Acesso em: 22/09 /14.

ROCHA, Marisa. **Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises**. Psicologia ciência e produção, 2003 [4], 64-73.

ROSSI, Francieli. **Considerações sobre a psicomotricidade na educação infantil**. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br>. Acesso em 10/10/14.

RUIZ, João A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Editora Atlas, 1985.

SALLES, Gutemberg Martins. **A psicomotricidade na educação infantil e sua importância**. 2011. <http://www.artigonal.com>. Acesso em: 04/10/14.

SARMENTO, Manuel ; VASCONCELLOS, Vera (orgs). **Visibilidade social e estudo da infância**. In: Infância (in)visível. Araraquara- SP: Junqueira e Martins, 2007.

SBP. SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. Disponível em:

<www.psicomotricidade.com.br>. Acesso em: 31 de Outubro de 2017.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Ana C; SOUZA, Daniela A. **A importância da psicomotricidade na educação infantil**. Disponível em : <http://www.uniesp.edu.br>. Acesso em: 10/10/14.

SILVA, Fernando. **O desenvolvimento psicomotor nas creches em Quirinópolis: a metodologia utilizada**, Disponível em <http://www.ufrgs.br>. Acesso em : 23/10/14.

TALAMONI, ACB. **O programa da descrição densa**. In: Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 53-66. ISBN 978-85- 68334-43-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VASCONCELLOS, Tânia de. **Reflexões sobre infância e cultura**. 1.ed .Niterói: EdUFF, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Proposta da formação apresentada a coordenadora de Educação Infantil do município de Irecê.



Proposta de Formação em Psicomotricidade para os Coordenadores Pedagógicos de Educação Infantil na Rede Municipal de Educação de Irecê

Laudicélia Souza Reis Moreira¹⁷

Maria da Conceição Araujo¹⁸

OBJETIVO GERAL:

Promover uma formação de coordenadores pedagógicos contribuindo para compreensão dos princípios e conceitos da psicomotricidade com o propósito destes serem multiplicadores destas aprendizagens juntamente aos professores, ocasionando aos mesmo uma formação continuada neste sentido, construindo conjuntamente um planejamento constante com atividades psicomotoras conforme a faixa etária e especificidade da turma de cada educador.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender o que é Psicomotricidade tendo conhecimento de seu histórico e suas bases epistemológicas ao longo dos anos.
- Entender a essência do ser humano no sentido de sua formação com ênfase no desenvolvimento motor nos primeiros anos da infância.

¹⁷ Mestranda do Mestrado Profissional em Currículo da FAGED/UFBA. Coordenadora da Rede Municipal de Educação de Irecê.

¹⁸ Mestre em Educação pela UNEB. Docente de Psicomotricidade da UNEB – CAMPUS XVI- IRECÊ.

- Entender o conceito de Infância, bem como saber como se constituiu a Educação Infantil e as diversas concepções que foram construídas até então.
- Conhecer o que dizem os documentos legais que embasam a educação infantil no sentido da abordagem do brincar e do movimento da criança.
- Perceber a importância da educação psicomotora a partir de sua delimitação e a partir daí a relação com as contribuições psicomotoras na Educação Infantil.
- Diferenciar cada uma das áreas a serem estimuladas pela Psicomotricidade nas crianças.
- Organizar junto aos docentes situações didáticas envolvendo os princípios psicomotores tendo em vista a realidade de alunos conforme as respectivas faixas etárias.

JUSTIFICATIVA:

Nas discussões atuais sobre a infância, muito se fala sobre o brincar, a criança e seus movimentos, mas o que se percebe é que estes momentos muitas vezes são realizados aleatoriamente, sem um embasamento ou organização de atividades intencionais que estimulem os pequenos nos seus espaços de aprendizagem. Dito isto pelo fato da emergência que o professor deve ter em pensar, refletir e planejar o que seja pertinente a sua prática. E dentro desta prática é que deve estar a Psicomotricidade, sendo compreendida e utilizada para estimular as crianças nesta fase tão promissora.

Idealizar um trabalho estruturado em Psicomotricidade com crianças de zero a cinco anos surge como uma proposta oportuna e bem pertinente, pois a criança desde cedo num ambiente estimulante e pensado pedagogicamente, terá a oportunidade de vivenciar variadas aprendizagens, sejam elas de oralidade, espacialidade, com a natureza, na relação com o outro. Enfim, cabe aos adultos envolvidos com o cuidado, o ensino a presença de brincadeiras, uma ação mediadora de forma que o espaço tanto da creche como da pré-escola propicie bom desenvolvimento motor neste pequeno ser em formação.

Dar este sentido diferenciado e mais frequente em Psicomotricidade garante uma gama de possibilidades de estímulos em diversas áreas da vida infantil, como dito. Para isto o educador deve saber quais são essas áreas e o que ensinar. São áreas que merecem atenção e um trabalho bem planejado tendo em vista cada uma das especificidades das atividades psicomotoras, sendo elas: estruturação do esquema corporal, coordenação dinâmica geral, motricidade gráfica, lateralidade, relação corpo-tempo e percepção temporal e tono muscular. Ou seja, é nesta fase inicial que dá este processo de formação.

Nada pode ser feito aleatoriamente. O educador da Educação Infantil tem que conhecer os princípios norteadores da psicomotricidade, analisá-los e planejá-los levando em conta cada faixa etária da criança bem como suas condições físicas, desde a sua inserção na Creche, pois a maioria dos registros que se encontra a respeito deste estímulo estão voltados para as crianças maiores, de quatro e cinco anos. Sendo a educação infantil formada por crianças de zero a cinco anos, nada mais pertinente do que começar este trabalho desde cedo.

Um dos aspectos que influencia a prática de um professor é justamente este se colocar enquanto pesquisador em sua carreira profissional. Não obstante, como docente a vinte dois anos, acredito que o meu profissionalismo¹⁹ atrelado à minha profissionalização²⁰ me possibilitaram enxergar algumas situações com mais clarezas no tocante as características científicas da Educação. Dentre estas está a conjectura que deve existir entre o que estudamos teoricamente nas Universidades e relacioná-las. E foi isto que acabou desencadeando assim o meu desejo de contribuir no meu município tendo em vista a intervenção a ser realizada por meio do meu projeto de intervenção.

Como todo projeto de intervenção, o meu não é diferente, pois está diretamente relacionado a um determinado problema advindo do contexto de minha atuação enquanto professora, mas cientificamente se consolida na Universidade. Sendo assim, a proposta do projeto fora elaborado no sentido de responder as inquietações que emergiram de uma pesquisa de campo realizada em outro

¹⁹ Termo utilizado pelo autor JUNIOR (2012) o qual se refere ao compromisso que o profissional da educação tem em sua carreira. Referência disponível ao final do texto.

²⁰ Outro termo do mesmo autor acima. A profissionalização diz respeito a todo aprofundar nos conhecimentos técnico-metodológico ou até mesmo acadêmico que o professor busca como alternativa na sua formação continuada.

momento sobre a perspectiva de compreender o professor de educação infantil e sua relação com o trabalho da Psicomotricidade na Rede Municipal de Irecê.

A pesquisa de campo referida acima na Rede Municipal se deu por meio de um estudo de caso, que surgiu como percurso metodológico do trabalho de conclusão de curso (TCC) da pós-graduação *lato sensu* em Educação Infantil, cursada nos anos de 2013- 2014. Na ocasião, este fora idealizado pelo motivo de se pensar a Educação Infantil sobre uma ótica pessoal, neste caso como professora de Creche, mas especificamente Creche Criança Feliz, no povoado de Achado – Irecê, ao tempo que este fora fomentado na disciplina Psicomotricidade e Ludicidade na Educação Infantil.

Como diz um jargão “são as perguntas que movem o mundo”, a questão geradora do problema naquela pesquisa foi a seguinte: de que forma os professores tem desenvolvido um trabalho com a Psicomotricidade nas Creches, de modo a contemplar o pleno desenvolvimento das crianças? A partir de então, foi escolhida uma instituição para ser observada, neste caso, a conceituada Creche Escola Lioness, pela vasta experiência e por sempre se destacar devido à qualidade do trabalho com estas crianças. Trago a tona tais informações, pois a partir desta pesquisa minha carta de intenção para seleção do Mestrado foi elaborada.

Desta coleta de dados no estudo de caso, percebi que os professores da referida instituição realizavam atividades psicomotoras, mas a maioria deles as faziam de forma não reflexiva, sem conhecer os conceitos por trás de cada atividade, bem como não sabiam a melhor forma de adaptá-las às crianças menores. Percebi neste contexto a possibilidade de elaborar o problema do meu projeto de intervenção e foi isto que aconteceu, tentei construir algo em relação a formação de professores.

Sendo assim, tendo como pressuposto a relevância da Psicomotricidade na vida da criança, o projeto tem como foco oferecer aos docentes de Educação Infantil do município de Irecê uma formação em Psicomotricidade de forma teórica e prática, de modo que tais contribuições promovam mudanças de postura e fomentem nos mesmos o desejo de refletir sua ação. Pois, formação de professores deve se dar de maneira reflexiva, onde o sujeito deste processo seja capaz de perceber a importância desta temática e utilizar o aprendido para modificar sua prática, proporcionando a seus alunos uma aprendizagem significativa.

No decorrer do processo de cursar alguns componentes do Mestrado algumas ideias foram sendo construídas ao passo que outras foram desconstruídas. Uma delas diz respeito justamente ao enfoque aos participantes diretos desta formação. A proposta é ter um grupo focal na perspectiva de fomentar a discussão e ampliação a respeito da temática em questão. Portanto, a quantidade de participantes do grupo focal é limitada, no máximo vinte participantes, impossibilitando assim uma maior participação de docentes de Educação Infantil.

A proposta do projeto de intervenção até então “era” fazer uma formação de professores em Psicomotricidade, onde estes estariam envolvidos no processo formativo como sujeitos ativos, sendo confrontados em relação aos seus saberes e fazeres, ajustando-os conforme o perfil de suas turmas. Para isto eles seriam questionados quanto as suas concepções a respeito, como um conhecimento prévio a ser levantado para se compreender até que ponto estes sabem a respeito da temática.

O uso do termo “era” foi proposital, por que nesta última semana (última semana de Janeiro de 2017) passei a construir novas ideias a respeito desta formação, pois a mesma iria acontecer a partir das discussões de um grupo focal, que como instrumento de coleta de dados tem como limite máximo vinte participantes. O foco era atender aos professores de Educação Infantil da Rede Municipal de Irecê e infelizmente esta proposta de grupo focal iria impossibilitar esta maior quantidade de envolvidos. O grupo focal continuará sendo utilizado como recurso metodológico, mas a mudança se dará nos envolvidos diretamente nas discussões deste.

Comecei a projetar algo novo: uma formação voltada para os coordenadores de instituições de Educação Infantil. O porquê desta escolha é justificável: o coordenador enquanto profissional que articula a organização das práticas pedagógicas junto aos professores, será o multiplicador deste conhecimento formativo entre os docentes da sua instituição. Não que ele levará algo pronto para os educadores, mas a proposta é instiga-los a compreensão da importância de se conhecer e saber utilizar os princípios psicomotores na prática de forma constante e principalmente intencional por meio de um planejamento bem estruturado e coerente.

CONTEÚDOS A SEREM ABORDADOS:

Bloco temático 1 – Conhecendo a Psicomotricidade

- O que é psicomotricidade.
- Histórico e desenvolvimento da psicomotricidade.
- Conceitos e definições, intervenção profissional e outros aspectos.

Bloco temático 2 – Desenvolvimento infantil.

- Ser humano: filogênese, ontogênese e retrogênese.
- Aspectos do desenvolvimento motor.
- A Psicomotricidade e o desenvolvimento infantil

Bloco temático 3 - Estimulação Psicomotora e Psicomotricidade aplicada a Educação Infantil

- Influência da Psicomotricidade nas dificuldades de aprendizagens.
- Infância: uma abordagem histórica por vários conceitos/ Da fundação da primeiras creches no Brasil até a Educação Infantil na atualidade.
- A Psicomotricidade a partir dos documentos legais na Educação Infantil.
- Contribuições da Psicomotricidade na Educação Infantil.
- Áreas da Psicomotricidade a serem estimuladas

Bloco temático 4 - Psicomotricidade na prática.

- Propostas de Exercícios Psicomotores para o desenvolvimento das crianças de zero a cinco anos.
- Oficinas: construindo novas perspectivas a partir da experimentação.

METODOLOGIA:

Organização do tempo da formação.

- A previsão de durabilidade desta formação se dará por volta de cinco meses. A proposta é destinar um dia específico, com o aval da Secretaria Municipal de Educação, de modo a esta formação acontecer quinzenalmente, com quatro horas cada encontro.

Estudos dirigidos.

A cada encontro será trazida uma discussão conforme o bloco temático. Assim, haverá leitura e discussão dos textos previsto numa previa referencia. Digo previa por que no decorrer da formação pode haver sugestões dos envolvidos com o grupo focal

Convidados especiais.

Sendo uma parceria entre o Mestrado Profissional pela FACED/UFBA(Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia), UNEB (Universidade do Estado da Bahia e Secretaria Municipal de Educação, pessoas envolvidas nestas instituições serão convidadas para mediar a formação, bem como fomentar as discussões neste grupo focal.

Contextualização da prática

A cada encontro atividades para casa serão destinadas aos participantes. O objetivo deste será fazer uso das informações adquiridas no grupo com o propósito de discutir ou planejar com os professores a respeito da temática

Seminário Final

A realização de uma amostra de experiências psicomotoras bem-sucedidas nas escolas e também uma amostra acadêmica pelos alunos de Psicomotricidade da UNEB, como forma de troca de saberes entre professores e estudantes universitários em Pedagogia.

UMA PREVIA PAUTA DOS ENCONTROS

Encontro teórico

- Levantamento de conhecimento prévio a respeito do tema do dia.
- Socialização em tempestades de ideia – registro das opiniões.
- Dinâmica de sensibilização(vídeos, musicas, textos...)
- Uma nova forma de expressar asensibilização (releitura)
- Estudo teórico – estudo em grupos ou duplas sobre a temática – organização conforme os subtópicos.
- Socialização por meio de uma forma escolhida pelo participante.
- Para casa; atividade a ser aplicada pelos coordenadores junto aos professores para socialização no próximo encontro.

Análise da pratica

Sensibilização

Retomada do encontro anterior do professor em sua prática/coordenador com as orientações de seus professores.

Convidado especial : explanação do mesmo conforme a área de atuação e com sua própria metodologia – mestranda enquanto registradora.

Avaliação dos dois encontros.

CONSIDERAÇÕES:

Pensar a Psicomotricidade como caminho de salvação seria um equívoco, mas o que se pretendeu aqui neste trabalho, foi retratá-la como uma ferramenta para ajudar as crianças pequenas na aquisição de diversas linguagens, tendo em vista o movimento como este agente condutor. Dito isto pelo fato de que grandes autores o tempo todo fazem esta relação do movimento corporal com o pensar, com ação da mente. Assim, fica evidenciado que conhecer os princípios desta área se torna de grande valia para o educador.

Todo e qualquer significado das mudanças na prática se dá quando o estudioso tem em si a decisão mais acertada: colocar em pratica as teorias que foram por ele

assimiladas. Mas o desafio não está em somente em colocar em prática, está em compreender todo o processo para que esta transposição de saberes se dê de forma adequada. E justamente aí está uma das maiores dificuldades dos educadores de Creche, haja vista a maioria das experiências psicomotoras se darem mais com as crianças menores.

Conhecer a Psicomotricidade é de certa forma se apropriar de conhecimentos de pertinência imensurável, pois nos movimentos das crianças está uma chave muito veemente para o desenvolvimento infantil. Depois das fases de Piaget, muito se mudou, pois foi a partir dela que se deu início da descoberta que a criança tem seu tempo, suas fases para se desenvolver. Pensar assim é respeitar a criança no seu direito de ser sujeito ativo de suas aprendizagens. E é esta uma das maiores preocupações da Psicomotricidade.

E se falando em direitos, nada mais justo do que oportunizar as crianças de Creche momentos que as divirtam, mas também as estimulem, pois durante muito tempo isto lhe foi negado, quando no princípio da História da Educação Infantil, este segmento estava pautado no assistencialismo, onde a Creche era vista como mero lugar de “guardar”, “depositar” crianças.

Enfim, nunca é tarde para se pensar mais sobre este tema, mas pensar somente não é o bastante. Não se deve esquecer que é necessário que o educador estude para conhecer mais, identifique bem o que é de competência de suas crianças, planeje atividades psicomotoras coerentes e assim proporcione momentos significativos na vida dos pequeninos sujeitos ativos do espaço da Creche, pois só assim, de forma sistematizada, se conseguirá chegar a resultados positivos da atuação do docente no tocante a abordagem da Psicomotricidade na sua prática pedagógica.

***tanto o texto da justificativa como das considerações são trechos que fazem parte do texto introdutório do projeto de intervenção no sentido de situar o leitor sobre a intenção de se trabalhar tal temática**

APÊNDICE 2 – Roteiro da Entrevista semiestruturada feita com os coordenadores de Educação Infantil.



Sobre a Psicomotricidade:

1. O que vocês entendem por Psicomotricidade, desde o significado do termo a utilização dela?

2. Na dinâmica apresentada, quais aprendizagens podem ser estimuladas nas crianças por meio dela?

3. Como coordenadores pedagógicos, vocês têm conseguido identificar as teorias e práticas psicomotoras na ação docente? Exemplifique sua resposta.

Auto avaliação

4. Você já trabalhou com esta temática com seus professores? Se não, elenque os motivos pelos quais ainda não aconteceu. Se sim, explique a forma que acontece, se constante ou esporadicamente, dando exemplo de atividades propostas

APÊNDICE 3 – Programação da Oficina do Mestrado e Formação de**Professores.****UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Educação
Mestrado Profissional em Educação**

Às Ilustríssimas equipes gestoras (diretoras e coordenadoras) das Instituições de Educação Infantil: Creche Escola Lioness e Creche Professora Rená Marques Dourado.

**OFICINA DO MESTRADO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A
importância da Psicomotricidade na Educação Infantil**

Um dos maiores desafios na atualidade no tocante ao currículo da Educação Infantil é garantir que a criança seja educada de forma integral, onde todas as suas potencialidades sejam estimuladas, não negando a elas seus direitos, como sujeitos sociais ativos: ser cuidada, poder brincar e aprender. Dito isto pelo fato de que neste tripé estão embasados os documentos regentes que defendem a infância: Diretrizes Curriculares Nacionais, Referenciais Curriculares Nacionais e a principalmente a nova Proposta Curricular de Ciclo de Formação Humana, que está sendo implantada na Rede Municipal de Irecê:

A aprendizagem, assim como o desenvolvimento, é também um processo social, mantendo uma total relação, com o uso de instrumentos e signos culturalmente construídos nas dinâmicas interativas, nas quais a linguagem tem papel fundamental. Defendemos esta forma de organização escolar como uma forma inovadora de se fazer educação em que se deve repensar o tempo e o espaço da educação infantil, assim como a trajetória de vida dos discentes, respeitando as especificidades e a diversidade, contemplando de fato, a humanização do sujeito (Proposta Curricular para o município de Irecê, 2013, p.41).

A Psicomotricidade é uma ciência nova que teve seu início nos campos da saúde com os neuropsiquiatras; depois na reabilitação de pacientes e por fim adentrou o campo da educação, mas especificamente com as contribuições da Psicopedagogia. Geralmente ela sempre foi utilizada no objetivo de reabilitar, mas toma novo sentido quando associada a educação Infantil, pois autores defendem o uso de conceitos e práticas psicomotoras no desenvolvimento da criança não só voltada para os movimentos e sim para fazê-la aprender num contexto de entrosamento e afetividade.

Existem várias definições em torno do que seja a Psicomotricidade, desde o seu surgimento, quando seguia uma vertente teórica, depois prática, como dito no parágrafo anterior. Contudo, podemos dizer que a Psicomotricidade é a ciência que tem como objeto de estudo o movimento humano, reunindo as áreas pedagógicas e de saúde; é a integração entre o psiquismo e a motricidade, buscando um desenvolvimento global, focando os aspectos afetivos, motores e cognitivos, levando o indivíduo à tomada de consciência do seu corpo por meio do movimento. E nisto consiste tanto a pesquisa a ser compartilhada e também a formação prevista:

Suscitar questionamentos, debates e reflexões acerca da importância da Psicomotricidade no currículo da Educação Infantil, como proposta de atuação para professores, pedagogos e demais profissionais da área de Educação. Com a finalidade de facilitar o entendimento dos conceitos teóricos, buscando enfatizar as contribuições positivas, pontuamos alguns aspectos básicos da Psicomotricidade, como equilíbrio, lateralidade e esquema corporal, de grande relevância no processo de aprendizagem das crianças (ARAUJO; SILVA, 2016, p. 5).

Idealizar um trabalho estruturado em Psicomotricidade com crianças de zero a cinco anos surge como uma proposta oportuna e bem pertinente, pois a criança desde cedo num ambiente estimulante e pensado pedagogicamente, terá a oportunidade de vivenciar variadas aprendizagens, sejam elas de oralidade, espacialidade, com a natureza, na relação com o outro. Enfim, cabe aos adultos envolvidos com o cuidado, o ensino a presença de brincadeiras, uma ação mediadora de forma que o espaço tanto da creche como da pré-escola propicie bom desenvolvimento motor neste pequeno ser em formação.

Dar este sentido diferenciado e mais frequente em Psicomotricidade garante uma gama de possibilidades de estímulos em diversas áreas da vida infantil, como dito. Para isto o educador deve saber quais são essas áreas e o que ensinar. São áreas que merecem atenção e um trabalho bem planejado tendo em vista cada uma das especificidades das atividades psicomotoras, sendo elas: estruturação do esquema corporal, coordenação dinâmica geral, motricidade gráfica, lateralidade, relação corpo-tempo e percepção temporal e tono muscular. Ou seja, é nesta fase inicial que dá este processo de formação.

Nada pode ser feito aleatoriamente. O educador da Educação Infantil tem que conhecer os princípios norteadores da psicomotricidade, analisá-los e planejá-los levando em conta cada faixa etária da criança bem como suas condições físicas, desde a sua inserção na Creche, pois a maioria dos registros que se encontra a respeito deste estímulo estão voltados para as crianças maiores, de quatro e cinco anos. Sendo a educação infantil formada por crianças de zero a cinco anos, nada mais pertinente do que começar este trabalho desde cedo.

Na verdade, a presente proposta de trabalho tem como objetivo principal tratar sobre a importância da formação em Psicomotricidade pelos professores, como também os coordenadores de Educação Infantil no município de Irecê. Nisto se baseia a minha proposta de intervenção como cursista do Mestrado Profissional em Educação pela FACED/UFBA (Faculdade de educação da Universidade Federal da Bahia) e também como profissional desta rede de educação desde o ano de 1997. Atualmente estou como coordenadora, assim sendo fui convidada para falar sobre Psicomotricidade por estas duas instituições: Creche Rená e Creche Escola Lioness

Então, aproveitando o ensejo, pretendo abordar a temática sobre uma perspectiva de discussões (parte destinada ao componente Oficina) ao tempo que trataremos a abordagem da Psicomotricidade com nossa parceira, professora na área, Professora Mestre Maria da Conceição do Araújo. Este momento será destinado a formação diretamente voltada ao professor, sendo nomeado de Degustação Psicomotora, com a finalidade de estimular os professores em estudar mais a respeito.

Cronologicamente, quatro horas passam rápido e parece pouco, mas pretendemos neste encontro fomentar a discussão maior sobre a necessidade de todos os profissionais de Educação Infantil conhecerem as teorias e práticas psicomotoras, pois atividades já são realizadas, mas timidamente, simplesmente por uma orientação, pois muitos educadores não conhecem em profundidade os princípios que embasam esta ciência. A seguir, a programação da manhã:

INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS: Creche Escola Lioness e Creche Professora Rená.

LOCAL: Creche Professora Rená Marques Dourado.

DATA: 29/07/2017.

TEMA: A importância da Psicomotricidade na Educação Infantil.

07: 45 a 08:00 – Acolhida

08:10 á 08: 15 – Apresentação da proposta de trabalho. Laudicélia Moreira

08:20 á08:40 – A importância do projeto de intervenção na Rede Municipal de Irecê – Prof.^a Dr^a Maria Roseli Gomes Brito de Sá - FACED/UFBA.

08:45 á 09:05 – Desenvolvimento infantil – a ênfase no trabalho com o brincar planejado – Joelma Portugal.

09:10 á09:55 – Teorias e práticas psicomotoras – apresentação do projeto de intervenção do Mestrado. Laudicélia Moreira.

10:00 á 10: 15 - Lanche

10:15 ás 12:00 – Degustação Psicomotora – Prof^a Mestre Maria da Conceição Araújo – UNEB – CAMPUS XVI- IRECÊ.

Nenhum trabalho que se propõe a intervir numa realidade parte do nada, ao contrário, precisa ser investigado em contextos reais. Este projeto surgiu de uma determinada situação pesquisada anteriormente na Rede. Para este trabalho se desenvolver precisamos estabelecer parcerias e gostaria de aqui de agradecer a todos os representantes das instituições pelos convites e a paciência em ressignificá-lo em prol da pesquisa.

APÊNDICE 4 – Sinopse do projeto apresentado aos professores na Oficina e Formação de Professores

TEORIAS E PRÁTICAS PSICOMOTORAS: uma proposta de formação para os coordenadores de educação infantil no município de Irecê.

Laudicélia Souza Reis Moreira

DELIMITAÇÃO DO TEMA	PROBLEMA DA CARTA DE INTENÇÃO
O objeto advém dos resultados de uma pesquisa anterior, na Especialização em Educação Infantil pela UNEB CAMPUS XVI – Irecê – Bahia.	De que forma possibilitar uma formação de professores de Educação Infantil no município de Irecê, de forma que estes compreendam e utilizem a psicomotricidade em suas práticas.
MUDANÇA DE SUJEITO DA PESQUISA	OBJETIVO GERAL
<p>Motivo : Limitações quanto a estrutura, tempo para organizar uma formação.</p> <p>Mudança ; FORMANDO AGENTES MULTIPLICADORES: : o coordenador pedagógico.</p>	Propor uma formação de coordenadores pedagógicos, a fim de contribuir na compreensão dos princípios e conceitos da psicomotricidade com o propósito destes serem multiplicadores destas aprendizagens junto aos professores, ocasionando aos mesmos uma formação continuada.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA
<ul style="list-style-type: none"> ☞ Conhecer o que os coordenadores sabem e fazem a respeito do tema Psicomotricidade; ☞ Promover momentos de sensibilização quanto à necessidade destes em se compreender, entender e praticar tais conceitos; ☞ Fomentar a discussão sobre o conceito de Infância, bem como saber como se constituiu a Educação Infantil e as suas diversas concepções; Estudar documentos legais que embasam a educação infantil no sentido da abordagem do brincar e do movimento da criança; ☞ Organizar, junto aos coordenadores, situações didáticas envolvendo os princípios psicomotores tendo em vista a realidade das crianças conforme as respectivas faixas etárias; ☞ Elaborar uma proposta de formação para os professores construída com os coordenadores na rede municipal de Educação de Irecê no segmento de Educação Infantil 	Como metodologia optou-se pela pesquisa qualitativa personificada na pesquisa-ação, tendo como recursos para coleta de dados entrevistas semiestruturadas, questionários, mas principalmente o grupo focal

APÊNDICE 5 – Questionário 1: apresentado aos professores no evento acima mencionado



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Faculdade de Educação

PPGEDU - Mestrado Profissional em Educação

EDCH 29: OFICINA 4

Docente: Dr^a Maria Roseli Gomes Brito de Sá



PESQUISADORA: Laudicélia Souza Reis Moreira.

TEMA DO PROJETO DE INTERVENÇÃO: *TEORIAS E PRÁTICAS PSICOMOTORAS: uma proposta de formação para os coordenadores de Educação Infantil do município de Irecê.*

DATA: 29 de Julho de 2017.

NOME: _____

IDADE: _____ Instituição _____

QUESTIONÁRIO

1- Porque você está atuando hoje neste segmento?

a – () Por escolha, por achar que tem aptidão?

b – () Devido só ter vaga nesta área disponível pra você?

c – () Por achar mais fácil lidar com crianças?

d – () Outro motivo _____

2- Qual o seu conceito de infância nos dias atuais, de que forma você compreende esta fase?

3 - Enquanto organizador de sua prática, o que você tem como prioridade ao planejar sua prática?

a - () A forma de cuidar e brincar da/com as crianças?

b - () As aprendizagens sistemáticas tendo como base a Linguagem oral e escrita e a Matemática?

c - () Contemplar todas as áreas que façam com que as crianças se desenvolvam plenamente?

4 - Em relação à Psicomotricidade, que conhecimentos você tem a respeito desta ciência? Faça uma breve descrição.

5 - A formação de professores é uma das funções do coordenador pedagógico. Em que sentido o seu coordenador tem estimulado o planejamento contemplando a Psicomotricidade?

a - () Aborda com frequência , mas não sistematicamente.

b - () Nunca tratou a respeito da temática.

c - () Aborda com frequência de maneira sistemática.

d - () Outro _____

6 - Qual o formato de formação que você considera interessante e estimulante, como você gostaria que estas formações acontecessem.

7- De que forma você visualiza esta proposta de formação de coordenadores em Psicomotricidade?

APÊNDICE 6 – Ementa da formação de coordenadores no município de João Dourado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Faculdade de Educação

PPGEDU - Mestrado Profissional em Educação

Projeto de Intervenção do Mestrado

Docente: Dr^a Ana Kátia Alves dos Santos

Discente: Laudicélia Souza Reis Moreira



Formação de Coordenadores no município de João Dourado	
Teorias e práticas psicomotoras	
Carga Horária: 8 horas (6 de estudo coletivo e 2 de atividade individual na prática)	Dias: Quartas – feiras 1º encontro: 30/08/2017 2º encontro: 13/09/2017
	Horários: 13: 30 às 16: 30 08:00 às 11:00

EMENTA:

Discussão sobre a Psicomotricidade e a identificação desta nas práticas dos docentes do município de João Dourado. Compreensão da coordenação motora a partir dos princípios da Psicomotricidade.

OBJETIVO GERAL:

- Conhecer o que os coordenadores sabem a respeito da Psicomotricidade e se orienta o uso desta ciência nas práticas dos docentes da Educação Infantil.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Socializar a proposta de intervenção do Mestrado em outros espaços além do campo da pesquisa, neste caso, o município de Irecê.
- Utilizar o momento como coleta de dados para perceber a relação que os coordenadores estabelecem com a Psicomotricidade.
- Realizar estudo coletivo no intuito de proporcionar um maior entendimento sobre a importância da Psicomotricidade na Educação Infantil.
- Ouvir os coordenadores por meio de entrevista semiestruturada, desenvolvendo assim uma profícua discussão sobre a temática.
- Proporcionar a reflexão do estudo por meio de análises de práticas psicomotoras.
- Difundir a importância desta temática como um conhecimento necessário as práticas dos educadores da Educação Infantil.
- Fomentar a ressignificação da área Coordenação motora a partir dos conceitos psicomotores.

CONTEÚDOS QUE SERÃO ABORDADOS.

- Psicomotricidade e suas áreas
- Contribuições da Psicomotricidade na Educação Infantil
- Teorias e práticas psicomotoras: uma proposta de formação para os coordenadores de Educação Infantil no município de Irecê.
- Coordenação Motora – conhecendo os conceitos e ressignificando práticas.

METODOLOGIA:

- Apresentação oral com o recurso de slides.
- Realização de estudos coletivos com explanação feita pelos próprios participantes.
- Utilização de entrevista semiestruturada para discussão da Psicomotricidade. Se permitido, a mesma será gravada em áudio.
- Propor uma atividade para casa com a finalidade de identificar como os professores realizam atividades psicomotoras.
- Construção individual 9(coordenador) de uma situação de prática psicomotora que deverá ser aplicada pelo professor e analisada pelo mesmo.

- Reflexão oral e escrita sobre as práticas analisadas.

AValiação:

A partir das discussões que se desencadearão no processo da formação a partir da entrevista semiestruturada; avaliar o planejamento do coordenador tendo em vista a orientação que ele dará ao professor; por meio das explanações orais que os mesmos estarão fazendo nos momentos de estudos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Geraldo. **Teoria e prática em psicomotricidade**: jogos e atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis. 7 ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014.

ALVES, Fátima. **Os caminhos da Psicomotricidade**. In: **ALVES**, Fatima (org.). Como aplicar a psicomotricidade: uma atividade multidisciplinar com amor e união. 3.ed .Rio de Janeiro: Wak Editora . 2009.

ARAÚJO, Andreza; SILVA, Eduardo. **As contribuições da psicomotricidade na educação infantil**. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br>. Acesso em: 10/10/14.

MOREIRA, Laudicélia. Áreas da Psicomotricidade. In: Teorias e práticas psicomotoras: uma proposta de formação ´para os coordenadores da educação infantil da rede municipal de Irecê (projeto de intervenção do Mestrado em fase de escrita).

APÊNDICE 7 – Questionário 2: apresentado aos professores no da pesquisa – professores que trabalham com Educação Infantil desde 1997.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Faculdade de Educação

PPGEDU - Mestrado Profissional em Educação

Orientação do Projeto de Intervenção

Docente: Dr^a Ana Kátia Alves dos Santos



PESQUISADORA: Laudicélia Souza Reis Moreira.

TÍTULO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO: *TEORIAS E PRÁTICAS PSICOMOTORAS: uma proposta de formação para os coordenadores de Educação Infantil do município de Irecê.*

OBJETIVO DO QUESTIONÁRIO:

A Rede Municipal de Irecê tem como marco o ano de 1997(segundo a Proposta Curricular de Ciclo de Formação Humana) no que compete a grandes mudanças na Educação. Assim, por meio deste questionário se pretende fazer um levantamento histórico a respeito das formações que aconteceram voltadas para a Educação Infantil, mas especificamente no que compete a Psicomotricidade.

DADOS DO PARTICIPANTE

Nome : _____

Idade: _____ Ano que ingressou na Rede Municipal de

Irecê _____ Ano que começou a trabalhar na Educação

Infantil _____ Grupo com o qual trabalha _____

Outras áreas que já atuou: _____

Função: _____

Formação _____ (listar _____ em _____ ordem
crescente): _____

QUESTÕES

- 1) Quais as formações que você já fez a nível de Rede? Fale um pouco sobre elas, explicitando o ano que aconteceu~
- 2) Em relação à estas formações que aconteceram, quais as ressonâncias destas na sua prática? Ou seja, estas contribuíram ou a forma as quais foram ofertadas não acrescentaram muita coisa?
- 3) Tendo em vistas as frequentes mudanças na Educação Infantil, qual o formato de formação que você acha que seria pertinente na Rede Municipal?
- 4) Em relação a Psicomotricidade, você já teve alguma formação que a discutisse de forma sistemática e constante? Fale um pouco sobre isto?
- 5) Desde o momento que você passou a atuar Educação Infantil, quais são os motivos pelos quais você permanece neste segmento?

Observação: Não foram coladas as linhas para o questionado ficar a vontade quanto a escrita. Desde já agradecemos a colaboração e solicitamos sua assinatura permitindo assim a utilização das respostas no projeto de intervenção.

Eu, _____, autorizo a pesquisadora Laudicélia Souza Reis Moreira fazer uso de minhas falas caso a mesma necessite no seu projeto de intervenção.

**APÊNDICE 8 – Termo para autorização para divulgação de imagens – modelos
1 – município de Irecê/ modelo 2 – município de João Dourado.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Faculdade de Educação

PPGEDU - Mestrado Profissional em Educação

EDCH 29: OFICINA 4

Docente: Dr^a Maria Roseli Gomes Brito de Sá



**TERMO DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E
DEPOIMENTOS**

Eu, Laudicélia Souza Reis Moreira, venho por meio este documento solicitar aos participantes deste grupo, a autorização das imagens e depoimentos prestados no decorrer deste encontro. O objetivo é que cada um conheça e entenda os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios desta pesquisa, estando assim ciente da necessidade do uso deste material pela pesquisadora. Portanto solicito que assinem abaixo na lista que se segue, confirmando assim legalidade deste termo de autorização, para que as informações coletadas possam ser utilizadas publicamente no projeto de intervenção do Mestrado Profissional em Educação (MPED-UFBA), intitulado ***TEORIAS E PRÁTICAS PSICOMOTORAS : uma proposta de formação para os coordenadores de Educação Infantil no município de Irecê.***

Irecê, 29 de Julho de 2017

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

PARTICIPANTE	INSTITUIÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Faculdade de Educação

PPGEDU - Mestrado Profissional em Educação

Projeto de intervenção do Mestrado

Docente: Dr^a Ana Kátia Alves dos Santos



TERMO DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Eu, Laudicélia Souza Reis Moreira, venho por meio deste documento solicitar aos participantes deste grupo, a autorização das imagens e depoimentos prestados no decorrer deste encontro. O objetivo é que cada um conheça e entenda os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios desta pesquisa, estando assim ciente da necessidade do uso deste material pela pesquisadora. Portanto solicito que assinem abaixo na lista que se segue, confirmando assim legalidade deste termo de autorização, para que as informações coletadas possam ser utilizadas publicamente no projeto de intervenção do Mestrado Profissional em Educação (MPED-UFBA), intitulado ***TEORIAS E PRÁTICAS PSICOMOTORAS : uma proposta de formação para os coordenadores de Educação Infantil no município de Irecê.***

João Dourado, 30 de Agosto de 2017

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

PARTICIPANTE	INSTITUIÇÃO

ANEXOS

Relato de experiência de um coordenador pedagógico do município de João Dourado.

ESCOLA MUNICIPAL ODETE NUNES DOURADO

Rua Antônio de Castro Dourado, nº 05 Tel – (74) 3697-1017
Pov. Conquista – João Dourado – BA.
C.N.P.J – 01.997-572/0001-50



COORDENADOR – VILSON PEREIRA SOUZA

PSICOMOTRICIDADE

ATIVIDADE DE PERCEPÇÃO

A atividade foi aplicada no dia 12 de setembro de 2017 nas turmas do Grupo 02 ao 05, da Escola Municipal Odete Nunes Dourado. Direcionada pelo Coordenador pedagógico e as professoras de turmas.

Perante isso, reunimos as turmas na quadra da escola, posicionando cada item (tapete da lateralidade, cones, cordas e cestos), formando assim um circuito.

Esse trabalho teve como objetivo promover ações de lateralidade e percepção das crianças, permitindo aos alunos distinguir semelhanças em cor, tamanho, forma, posição, detalhes dos elementos que constituem os ambientes que os cercam.

O trabalho foi realizado por faixa etária, tendo a oportunidade de cada criança se apresentar e percorrer todo o trajeto. Enquanto umas iam cumprindo o circuito, as outras sentadas, torciam para o colega.

Diante desse olhar pedagógico percebi o quanto as crianças desenvolvem a sua coordenação motora e cognitiva. Promovendo o aprendizado com a lateralidade, distinguindo as funções dos dois lados do corpo: esquerdo e direito. Da mesma forma a percepção de enxergar

a forma dos elementos constituído nas atividades, seguindo o padrão que os indicava.

Além disso, trabalhou-se a percepção do espaço, tendo a noção de uma localização, direção, posição e disposição do mesmo.

Contudo, através dessa atividade, percebemos o quanto é importante trabalhar a psicomotricidade na criança desde cedo. Pois, de acordo com o tipo de movimento que a criança realiza a coordenação visiomotora pode ser ampla refere-se aos movimentos dos grandes segmentos do corpo (membros superiores e inferiores) ou fina implica a harmonia e a precisão dos movimentos finos dos músculos da mão. Quanto mais jovem for a criança maior deve ser dada atividades de coordenação motora ampla para que a mesma, futuramente não tenha nenhum problema em sua coordenação motora, além disso são atividades que beneficia a saúde da criança.

REGISTROS





REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

<http://jogosbrincadeirasatividades.blogspot.com.br/2009/07/sugestao-atividades-psicomotricidade.html>.